

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO - EEAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO



**FATOS E FOTOS DA ENFERMEIRA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA NO
ENFRENTAMENTO DA GRIPE ESPANHOLA
(1918)**

Amanda Ferreira Coury

RIO DE JANEIRO
2010

Amanda Ferreira Coury

FATOS E FOTOS DA ENFERMEIRA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA NO
ENFRENTAMENTO DA GRIPE ESPANHOLA
(1918)

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientador: Dr Fernando Porto

RIO DE JANEIRO
2010

Coury, Amanda Ferreira.

C866 Fatos e fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola (1918) / Amanda Ferreira Coury, 2010. 126f.

Orientador: Fernando Porto.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

1. Enfermagem - Rio de Janeiro (RJ) - História - 1918. 2. Papel do profissional de enfermagem - Rio de Janeiro (RJ) - 1918. 3. Influenza – Enfermagem – Rio de Janeiro - 1918. 4. Imprensa. 5. Enfermeiras. 6. Imagem. I. Porto, Fernando. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Curso de Mestrado em Enfermagem. IV. Título.

CDD – 610.73098153

FATOS E FOTOS DA ENFERMEIRA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA NO
ENFRENTAMENTO DA GRIPE ESPANHOLA
(1918)

Por:

Amanda Ferreira Coury

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Porto
Presidente

Prof. Dra Tânia Cristina Franco Santos
1º Examinador

Prof. Dr. Wellington de Mendonça Amorim
2º Examinador

Prof. Dr Osnir Claudiano da Silva Júnior
1º Suplente

Prof. Dra Almerinda Moreira
2º Suplente

SONHOS MOVEM O MUNDO

“Todas as grandes ações são fruto do sonho de alguém. A conquista da América, a chegada do homem à lua, a construção de Brasília, o fim do Apartheid na África do Sul – esses, entre tantos outros feitos memoráveis só se tornaram realidade graças à ousadia de grandes sonhadores. Cristóvão Colombo, John Kennedy, Juscelino Kubitschek e Nelson Mandela sonharam com a cabeça nas nuvens e os pés no chão. Sonharam com os olhos bem abertos. Foram tachados de visionários, mas acreditaram em seus sonhos e traçaram planos para realiza-los. Com a perseverança – comum aos grandes realizadores – envolveram outras pessoas na mesma causa, ultrapassaram obstáculos e – com muita determinação – mudaram a história de seu tempo...

Como eles, cada um de nós tem um, ou vários, sonhos. Ou já tivemos, antes de vê-los sufocados pelo peso dos afazeres diários...

Mergulhada no ópio da rotina, a grande maioria das pessoas negligencia seus sonhos e vai perdendo a capacidade de sonhar. Se acomoda e vai levando a vida sem direção, sobrecarregadas e insatisfeitas. Escravas de suas construções burocráticas e da fantasia de que um dia tudo muda, se ganharem na loteria, se a companheira deixar, se o chefe... ou se Deus ajudar... Ledo engano.

Se não houver ações claras e direcionadas de sua parte não se iluda: tudo continuará exatamente do jeito que está. Empreender sonhos não é obra do acaso, requer gestos conscientes, muita disciplina e determinação... Sonho é desejo, é realização pessoal, é aspiração e desafio. E, quem pretende realizar seus sonhos precisa – em primeiro lugar – tirá-los da cabeça, coloca-los no papel e torna-los realidade com base em ações bem planejadas. Os grandes realizadores de sonhos fazem isso; prevêm cada passo que os conduzirá a seus objetivos e lutam tenazmente por eles. Se você tem um grande sonho, acredite nele, transforme-o em projeto viável, estabeleça metas e vá à luta. Você é o do tamanho de seus sonhos.”

Irineu Toledo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes.

Aos meus pais Anizio e Inês, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

Ao meu irmão mais novo “Anizinho, por compartilhar comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa, em que, com a graça de Deus, está sendo vencida.

Ao meu futuro esposo Leonardo, por sua compreensão e, pelo apoio em todos os momentos desta importante etapa em minha vida e porque não ao maior e mais surpreendente presente de Deus: meu filho(a) de 16 semanas de vida intra-uterina .

Em especial, ao meu grande amigo e orientador Fernando Porto, por sua confiança e credibilidade em minha pessoa, durante toda minha formação e pelo mútuo aprendizado de vida, durante nossa convivência, no campo profissional e particular. Amigo, gratidão eterna!!!

AGRADECIMENTO

"Gestos de carinho, atenção e delicadeza fazem-nos perceber quanto algumas pessoas são especiais na forma de ser e como são bem-vindas as suas ações."

Por isso, **MUITO OBRIGADO...**

A Deus pelas vitórias obtidas.

Aos meus pais pela vida e por me ensinarem a vivê-la com sabedoria, pelo afeto e dedicação. Ao meu irmão por sempre proporcionar momentos de alegrias e pensamentos positivos quando o desânimo se fazia presente.

Ao meu amor e companheiro pelos momentos de felicidade absoluta. Por me encher de coragem para vencer esta difícil luta. Por nunca estar na minha frente... ou atrás...Simplesmente... ao meu lado. Agradeço-te por se mostrar compreensivo comigo. Pelos fins de semanas perdidos... Eu, imersa em meu trabalho... Sem, às vezes, te dar a atenção que merece... E principalmente por me entender- Te amo!!!

Ao professor Fernando Porto, meu orientador, companheiro e amigo. Obrigado por fazer do aprendizado não um trabalho, mas um contentamento. Por fazer com que me sentisse uma pessoa de valor; por me ajudar a descobrir o que fazer de melhor e, assim, fazer cada vez melhor. Obrigado por afastar o medo dos desafios a percorrer... Por ser essa pessoa digna de total confiança e a quem posso recorrer quando a vida se mostrar difícil... Obrigado por me convencer de que éramos melhores do que suspeitávamos e que esse sonho era possível.

Às minhas queridas e eternas amigas, Mercedes, Izabella, Jussara, Bruna, Sandra, Carla e Danieles, por serem honestas, gentis e sempre presente quando necessito. Obrigado por serem amigas e tanto pra mim, de tantas diferentes e significativas formas.

Aos professores, doutores e pesquisadores em História da Enfermagem, Almerinda, Osnir, Wellington e Fernando e aos membros do LAPHE, principalmente às "pintinhas", pelas contribuições durante todo o processo de construção desse trabalho e também pelas inúmeras tardes de quarta-feira agradáveis.

Aos componentes da banca, titulares e suplentes, da seleção de projeto, qualificação e defesa da dissertação que atenderam ao meu pedido com carinho e bastante contribuíram para a construção dessa dissertação.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que com competência e dedicação conduziram o curso de mestrado.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

À Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e todos os docentes que me acolheram com carinho, cuidado durante todos esses anos, de graduação e pós-graduação, e que contribuíram de forma direta e indireta.

Aos meus estimados companheiros do departamento de enfermagem fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ), pela confiança e respeito.

Aos meus amigos e companheiros de plantão da Amil Resgate Saúde – Base Rede Globo.

Aos antigos companheiros de trabalho da Escola de Especialização em Saúde Pública da Cruz Vermelha Brasileira, Daniel, Cyro, Raphael e Clara. Muitas Saudades!

E por fim, aos vários acervos históricos que contribuíram na disponibilização do material para a pesquisa, com destaque para a Biblioteca Nacional e ao acervo do Arquivo Setorial Maria de Castro Pamphiro, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO.

RESUMO

COURY, Amanda Ferreira. Fatos e Fotos da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Enfrentamento da Gripe Espanhola – Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010. 126p.

Trata-se de um estudo histórico-social, que tem como objeto o efeito da crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira, por meio da imagem, decorrente da presença da Enfermeira nos cuidados aos acometidos de Gripe Espanhola no Rio de Janeiro, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1918. Os objetivos traçados foram: identificar as notícias veiculadas na imprensa escrita sobre a Gripe Espanhola no Rio de Janeiro, analisar a presença da enfermeira nos textos imagéticos e as representações objetais veiculados na imprensa ilustrada sobre a Gripe Espanhola e discutir o efeito da crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira mediante a utilização da imagem pública da enfermeira. As fontes utilizadas foram documentos escritos como relatórios institucionais e os registros noticiosos oriundos do Jornal do Commercio e os imagéticos da imprensa ilustrada, Revista Fon-Fon. As fontes encontram-se localizadas na Biblioteca Nacional e em acervos da cidade do Rio de Janeiro. Adotamos como referencial teórico o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu, sobre *habitus*, *hexis* corporal, espaço social, representações objetais, crença simbólica e capital simbólico, evidenciando a Gripe Espanhola nas páginas de Jornal do Commercio e na Revista Fon-Fon, que revelou a atuação Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central e suas representações objetais, em evidência no cuidado aos acometidos pela gripe, se fazendo ver e se fazendo crer por meio da mídia a crença simbólica conferida à Cruz Vermelha Brasileira.

Palavra-Chave: 1. Enfermagem; 2. História da Enfermagem; 3. Imprensa; 4. Imagem.

ABSTRACT

COURY, Amanda Ferreira. Facts and Pictures of the Brazilian Red Cross Nurse in Combat Spanish Flu – Dissertation (Master in Nursing). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010. 126p.

This is a socio-historical study, which has as its object the symbolic effect of belief in the Brazilian Red Cross, through the image resulting from the presence of the nurse in the care of patients suffering from Spanish influenza in Rio de Janeiro, in October, November and December of 1918. The objectives were: to identify the news reported in the press about the Spanish flu pandemic in Rio de Janeiro, to analyze the presence of the nurse in the texts and pictorial representations object run in the illustrated press about the Spanish Flu and discuss the effect of belief in the symbolic Cross Brazilian Red using public image of the nurse. The sources used were written as institutional reports and records news from the Journal of Commerce and the imagery of the illustrated press, Magazine Fon-Fon. The sources are located in the National Library and collections in the city of Rio de Janeiro. We adopt the theoretical thinking of the sociologist Pierre Bourdieu on *habitus*, body *hexis*, social space, object representations, symbolic money and symbolic belief, showing the Spanish flu in the pages of Journal of Commerce and the Magazine Fon-Fon, which showed the performance Brazilian Red Cross - Central Organ and its object-representations in caring for the shows affected by the flu, is doing and see if giving the impression through the media given to the symbolic belief Brazilian Red Cross.

Keyword: 1. Nursing; 2. History of Nursing; 3. Press; 4. Image.

RESUMEN

COURY, Amanda Ferreira. Datos y Fotos de la Brasileña Enfermera de la Cruz Roja en el Combatir contra la Gripe Española – Tesis (Maestría en Enfermería). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010. 126p.

Se trata de un estudio socio-histórico, que tiene como objeto el efecto simbólico de la fe en la Cruz Roja Brasileña, a través de la imagen resultante de la presencia de la enfermera en el cuidado de los pacientes que sufren de la gripe española en Río de Janeiro, en octubre, noviembre y diciembre de 1918. Los objetivos fueron: identificar las noticias en la prensa acerca de la pandemia de gripe española en Río de Janeiro, para analizar la presencia de la enfermera en los textos y objetos de las representaciones pictóricas se ejecutan en la prensa ilustrada acerca de la gripe española y discutir el efecto de la creencia en la simbólica de la Cruz Roja Brasileña con la imagen pública de la enfermera. Las fuentes utilizadas fueron escritos como informes y noticias institucionales registros del Jornal do Commercio y la imaginería de la prensa ilustrada, la revista Fon-Fon. Las fuentes se encuentran en la Biblioteca Nacional y las colecciones en la ciudad de Río de Janeiro. Adoptamos el pensamiento teórico del sociólogo Pierre Bourdieu, en *habitus*, *hexis* corporal, el espacio social, representaciones de objeto, el capital simbólico y la creencia simbólica, mostrando la gripe española en las páginas de la Revista de Comercio y el Diario Fon-Fon, que mostró el rendimiento Cruz Roja Brasileña - Órgano Central y su objeto, las representaciones en el cuidado de la muestra afectada por la gripe, está haciendo y ver si da la impresión a través de los medios de comunicación dada a la creencia simbólica Cruz Roja Brasileña.

Palabra-Clave: 1. Enfermería; 2. Historia de la Enfermería. 3. Prensa; 4. Imagen.

SUMÁRIO DE *FAC-SÍMILE*

Títulos	Pg.
n.1 – Dr. Getúlio dos Santos e grupo de enfermeiros.	75
n.2 – Uma das salas da Cruz Vermelha Brasileira onde foram acolhidos inúmeros enfermos.	77
n.3 – Enfermarias na Escola Deodoro.	79
n.4 – Enfermarias na Escola Deodoro.	80
n.5 – Grupo de enfermeiros.	82
n.6 –Diversos aspectos da Escola Nilo Peçanha, transformada em Posto de Assistência, sob a direção do Dr. Alvarez Peres, que se vê ao alto, à esquerda, assinalado por uma estrella.	83
n.7 – Assistência do Meyer.	85
n.8 – Grupo tirado no Hospital e Posto de Assistência no Meyer, actualmente fechado e cuja direcção esteve a cargo do dedicado Dr. Castro Barreto; o 8 ^o a patir da esquerda, sentado.	86
A – Autoria de Emilio Rodrigues Rozas: Gripe Espanhola (1919).	55
B – Mapa de bairros da cidade do Rio de Janeiro.	64
C – Charge da Gripe Espanhola	67
D - Enfermeiras na campanha de distribuição de alimentos em 1918.	75
E – Florence Nightingale e às aspirantes a enfermeira.	94
F – Criados da condessa de Warwick, usando uniforme que indicam suas diferentes funções na casa (Inglaterra, 1898).	95
G – À esquerda Enfermeira Voluntária e à direita Enfermeira Profissional.	99
H - À esquerda Enfermeira Voluntária e à direita Enfermeira Profissional	99

SUMÁRIO DE QUADRO DEMONSTRATIVO

Títulos	Pg.
n.1 – Movimento dos colaboradores acometidos pela gripe espanhola veiculados no Jornal do Commercio.	62
n.2 - Movimento do desdobramento da Cruz Vermelha Brasileira nos atendimentos dos acometidos pela gripe Espanhola veiculados no Jornal do Commercio.	63
n.3 - Representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras nas imagens dos <i>fac-símiles</i> veiculados na Revista Fon-Fon	98

SUMÁRIO DE TABELAS

Títulos	Pg.
n.1 - Número de óbitos pela Gripe Espanhola	20
n.2 – Registros Noticiosos Veiculados pelo Jornal do Commercio de Outubro a Dezembro de 1918 no Rio de Janeiro sobre a atuação de instituições no combate a Gripe Espanhola.	42
n.3 –. Movimento institucional dos acometidos pela gripe Espanhola veiculados no Jornal do Commercio.	52
n.4 – Registros de óbitos veiculados no Jornal do Commercio.	56
n.5 – Movimento de donativos em prol dos acometidos pela gripe Espanhola veiculados no Jornal do Commercio por instituição.	59
n.6 – Os retratados nas imagens dos <i>fac-símiles</i> veiculados na Revista Fon-Fon.	90

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
• Objeto de estudo e suas delimitações	15
• A problematização do estudo	16
• Os Objetivos	27
• Motivação e contribuições do estudo	28
ASPECTO TEÓRICO	29
ASPECTO METODOLÓGICO	32
CAPÍTULO I – “A Gripe Espanhola nas Páginas do Jornal do Commercio”	39
• Introdução	39
• Jornal do Commercio	39
• As notícias sobre a gripe espanhola nas páginas do Jornal do Commercio	41
• As estratégias governamentais para atender as necessidades aos acometidos pela gripe espanhola	43
• O Hospício Nacional dos Alienados e a Gripe Espanhola	44
• A Cruz Vermelha Brasileira e a Gripe Espanhola	47
• A Policlínica de Botafogo e a Gripe Espanhola	49
• A Pro-Matre e a Gripe Espanhola	50
• Movimento dos atendimentos veiculados no Jornal do Commercio	51
CAPÍTULO II – “A Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – na Gripe Espanhola”	65
• Introdução	65
• Revista Fon-Fon	66
• Cruz Vermelha Brasileira	69
• A Cruz Vermelha Brasileira nos espaços sociais do cuidar na Gripe Espanhola	73
CAPÍTULO III – “Representações Objetivas das Enfermeiras Veiculadas pela Revista Fon-Fon”	89
• Introdução	89
• Os retratados nas imagens dos <i>fac-símiles</i> veiculados na revista Fon-Fon	90
• O significado das roupas na formação da identidade	92
• Uniforme	93
• Representações objetivas ostentadas pelas enfermeiras em seus uniformes	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	119
APÊNDICE	123

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

- **O objeto de estudo e suas delimitações**

O estudo tem como objeto o efeito da crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira, por meio da imagem, decorrente da presença da Enfermeira nos cuidados aos acometidos de Gripe Espanhola no Rio de Janeiro.

A delimitação temporal se concentrou nos mês de outubro a dezembro referente ao ano de 1918. A justificativa para o período estabelecido se deve em virtude, especificamente, no Rio de Janeiro, quando seiscentos mil cariocas, ou seja, 66% da população local adoeceram de Gripe Espanhola, morrendo no mês de setembro quarenta e oito pessoas de gripe espanhola, a qual se elevou esse número em meados de outubro, totalizando novecentos e trinta óbitos de gripe em um total de um mil e setenta e três óbitos (GOULART, 2005. apud BOLETIM, 1918).

Outra delimitação é a institucional. Esta se deteve com maior relevo a Cruz Vermelha Brasileira, do Órgão Central, no Rio de Janeiro, em virtude da história de seu nascedouro, pela sua importância histórica na construção imbricada com a trajetória de profissionalização da enfermagem, pela ocupação de espaços sociais do cuidado em outras instituições para o atendimento dos acometidos de Gripe Espanhola.

A geografia foi delimitada na cidade do Rio de Janeiro, à época, Distrito Federal. A justificativa, para tanto, deve-se as notícias sobre a gripe, ignoradas pelas autoridades, não reconhecendo a gravidade desse mal que matou milhares de pessoas, inclusive o presidente do país Rodrigues Alves (1848-1919).

- **A problematização do estudo**

A Gripe Espanhola em sua forma epidêmica, ou *influenza*, denominação científica com a qual ficou mais conhecida, ao lado de outras doenças como a peste bubônica, a malária e a sífilis, eclodiu após a I Guerra Mundial e foi uma das moléstias que mais violentamente marcaram a história dos agrupamentos humanos, causando temor e mortes pelas regiões onde surgiram seus surtos.

As estimativas do número de mortos em todo o mundo durante a epidemia, variaram entre vinte e quarenta milhões. Para se ter uma idéia, nem no combate da I Grande Guerra se matou tanto. Cerca de nove milhões e duzentos mil pessoas morreram nos campos de batalha da I Guerra Mundial (ROCHA, 2008, p.1).

Uma das explicações para a denominação da gripe espanhola tem suas raízes políticas, devido à posição de neutralidade da Espanha durante a I Guerra Mundial. A Espanha nesse período demonstrava simpatia por parte de uma facção do governo espanhol pelos alemães, fazendo com que esta alcunha atribuída à moléstia, ganhasse mais amplitude política, principalmente, por iniciativa da Inglaterra. Neste sentido, a Inglaterra faz crer e ver para o mundo que o culpado por esse mal fosse a Espanha (D'ÁVILA, 1993, p.17).

Outra explicação sobre a causa da gripe espanhola, pode ser pelo viés científico que per dura até os dias de hoje. Acredita-se que, a principal causa foi à vacinação em massa contra o tifo e a alimentação deficiente durante a I Guerra Mundial (KÖGEL-SCHAUZ; TOLZIN, 2003, p.1).

Sucedem-se na história relatos¹ sobre a incidência de doenças cujas características correspondem ao que hoje conhecemos como uma epidemia de gripe, que são: intempestiva

¹ Em 412 a.C., Hipócrates, conhecido como pai da medicina, descreveu a síndrome que hoje reconhecemos como aquela originada pelo vírus *influenza*. A partir da Idade Média surgiram os primeiros tratados de médicos e historiadores fazendo alusões específicas às epidemias de gripe. Na época Clássica, também foram constantes as epidemias de gripe em diversas partes do mundo: entre 1732 e 1733, grande parte da Europa é atingida, em 1742 ela ressurgiu na Itália, em 1775 uma nova epidemia varreu a Europa e em 1782, outro surto epidêmico tem início na China. No final do século passado (1889-1890), momento em que a medicina ia abandonando as antigas proposições de contágio miasmático pelo paradigma da infecção microbiana, uma grave epidemia de *influenza* varreu a Europa e parte da América. Neste período, os cientistas responsáveis pela renovação microbiana concentraram seus estudos na busca de respostas para moléstia, procurando

aparição de enfermidade respiratória aguda, altamente contagiosa, que persiste por poucas semanas e, subitamente desaparece (TEXEIRA, 1993, p.1).

Durante a pandemia de Gripe Espanhola, muitas autoridades médicas, sanitárias e cientistas buscaram resposta para a crise epidêmica. Em meio de incertezas e controvérsias sobre o diagnóstico e a etiologia da gripe, esses foram desafiados a explicar uma doença que se disseminava com inesperada virulência, a darem um diagnóstico e uma terapia acertada (CRUZ de SOUZA, 2008, p.953).

Muitas foram as pesquisas desenvolvidas por diversos médicos no mundo, como exemplo destacam-se os estudos desenvolvidos na Alemanha por Richard Friedrich Johannes Pfeiffer (1858 – 1945), assistente de Koch² no Instituto de Doenças Infecciosas de Berlim, seus estudos apontavam como agente causador da gripe o patógeno batizado de *Haemophilus influenzae* (CRUZ de SOUZA, 2008, p.953).

Na Itália, Ferdinandi de Napoli acreditava que a doença possuía identidade com as febres estivais e com as febres de trincheiras, qualificando a epidemia de “misteriosa”, provocada por “*doença nova estranha*”. Cientistas portugueses como Ricardo Jorge, Diretor de Saúde Pública, defendia o diagnóstico de *Influenza*, enquanto que Américo de Azevedo, Professor da Universidade do Porto acreditava que o quadro sintomático traduzia uma infecção geral (CRUZ de SOUZA, 2008, p.954).

Já para os espanhóis Pittaluga e Grinda, membros da Real Academia Nacional de Medicina consideravam indiscutível o diagnóstico de gripe. Atribuíaam ao caráter diverso da

seu microorganismo causador. Foi quando em 1891, o médico alemão Richard Pfeiffer isolou um bacilo - que ficaria conhecido pelo seu nome, que por algum tempo foi considerado erroneamente como seu agente etiológico específico (TEXEIRA, 1993, p.2).

² Heinrich Hermann Robert Koch (1843 -1910) foi um médico, patologista e bacteriologista alemão. Foi um dos fundadores da microbiologia e um dos principais responsáveis pela atual compreensão da epidemiologia das doenças transmissíveis. Professor e pesquisador do Instituto de Doenças Infecciosas de Berlim, suas principais contribuições para a ciência médica incluem a descoberta e descrição dos métodos de fixação e coloração de bactérias para estudo no microscópio com respectiva identificação e classificação, e a descoberta, em 1882, do bacilo da tuberculose (o Bacilo de Koch) e sua responsabilização etiológica. O seu primeiro artigo sobre esta descoberta contém a primeira declaração do que veio a ser conhecido pelos postulados de Koch.

epidemia à variabilidade do agente da influenza, sujeito à evolução natural de todos os seres vivos (CRUZ de SOUZA, 2008, p.954).

Enquanto não se achavam as respostas, a Gripe Espanhola infectava mais pessoas, sendo considerada a maior e mais devastadora doença do século XX – infectou mais de seiscentos milhões e vitimou entre vinte e quarenta milhões de pessoas em todo mundo, num curto espaço de tempo (CRUZ de SOUZA, 2008, p.955).

Nesta perspectiva, a Inglaterra e País de Gales, os mortos computados foram duzentos mil. Na França, só entre os soldados da Primeira Guerra Mundial, cerca de meio milhão contraiu a doença e trinta e um mil morreram. Nas tropas americanas que participaram da guerra morreram quarenta e três mil. Nos Estados Unidos a gripe fez quinhentos mil óbitos e presume-se que, na Índia, os mortos chegaram a cinco milhões. (BERTOLLI FILHO, 1989, p.32).

A chegada da Gripe Espanhola no Brasil aconteceu mais precisamente, embora não exista uma data exata, no início de mês de setembro de 1918 com o atracamento do Paquete britânico *Demerara* vindo da Europa, após passar por vários portos brasileiros no dia 14 do mesmo mês atracou no Rio de Janeiro com vários enfermos a bordo (BERTOLLI FILHO, 1989, p.32).

Nesse mesmo período, as autoridades brasileiras divulgaram nos jornais a informação de que os brasileiros envolvidos nas operações da Primeira Guerra Mundial, integrantes das missões médico-militares Frontin e Nabuco Gouveia. Após atracarem em Freetown, Serra Leoa, e em Dakar, no Senegal, foram acometidos pela gripe que assolava esses portos africanos, antes mesmo de que participassem das operações de combate ao lado das forças aliadas (CRUZ de SOUZA, 2008, p.956).

O Brasil acompanhava a tragédia à distância, por meio das reportagens nos jornais vindas da Europa, as autoridades competentes encaravam com descaso as notícias sobre os

sofrimentos provocados pela epidemia de gripe na Europa, não se preocupando, pois acreditavam que o oceano impediria a chegada do mal ao país. Tanto a imprensa, quanto os responsáveis pelos serviços de higiene punham em dúvida a existência da espanhola no país (BRITO e TRINDADE, 1991, p.25).

Os casos até então observados poderiam se tratar de outras doenças, ainda, não diagnosticadas. Essa recusa em identificar a gripe como a influenza, para além de motivos políticos, poderia ser atribuída ao desconhecimento sobre a doença. Muitas eram as hipóteses levantadas acerca do agente causador da doença bem como dos meios de transmissão, sem que houvesse um consenso estabelecido (BRITO e TRINDADE, 1991, p.25).

Além disso, a falta de homogeneidade nas opiniões dos médicos europeus confundia os médicos locais e causavam apreensão em vários setores da sociedade. Os estudos a cerca da Gripe Espanhola no Brasil foram realizados pelo Instituto Oswaldo Cruz através de Arthur Neiva, seus estudos apontavam como agente causador o mosquito *Phlebotomis papatassi*. Numa outra corrente, Henrique Beaurepaire de Aragão, protozoologista do mesmo instituto opunha-se a hipótese de Neiva e apostava na hipótese de vírus filtrável. Contudo, foi a tradição clínica e higienista que orientou a medicina brasileira no combate à epidemia de Gripe Espanhola (CRUZ de SOUZA, 2008, p.956).

Em relação ao reconhecimento da doença por parte do governo brasileiro dois aspectos devem ser considerados: a aceitação de que a epidemia de gripe já havia invadido o país implicaria no reavivamento do debate acerca das péssimas condições dos serviços de saúde nacionais e a aceitação da inevitabilidade da epidemia, provocaria desastres de grandes proporções.

O não reconhecimento da epidemia pode ser entendida como um artifício constante usado pelas autoridades frente a ruptura do cotidiano provocada pelas epidemias, pois a interrupção das atividades econômicas e de abastecimento, a falência, o desemprego e tantas

outras adversidades inerentes aos estados epidêmicos deveriam ser ao máximo evitados. Além disso, e principalmente, ao negar a existência da doença, os legisladores mais do que tranquilizar a cidade, tranquilizavam a si mesmos frente ao medo do mal que se aproximava (CRUZ de SOUZA, 2008, p.959).

Em 1918, o Brasil encontrava-se num período tumultuado por disputas políticas e pela crise financeira. Ao mesmo tempo, a miséria, o desemprego e a crise de moradia, contribuíram para alargar o espectro da pobreza, favorecendo a incidência de doenças carências e as doenças transmissíveis e infecciosas³. Cenário perfeito para a propagação da Gripe Espanhola, que podemos perceber por meio da tabela n.1 que indica o número aproximado de óbitos nas principais regiões à época.

Tabela 1: Número de óbitos pela Gripe Espanhola

Estado Brasileiro	Número de Mortos ao final
Recife	2000
Belo Horizonte	300
São Paulo	5000
Rio de Janeiro	15000

Fonte: FARIAS; SILVEIRA; BERTOLLI FILHO; BRITO e TRINDADE. (2008; 2004; 1989; 1991).

Os primeiros casos da doença notificados em Recife aconteceram em 25 de setembro, quando o *Jornal Pequeno* publicou numa nota informando que o vapor *Piauhy* chegara ao porto com dois doentes no dia anterior. Em pouco tempo a doença saltou do porto para as ruas da cidade. No início de outubro os doentes se multiplicavam em ritmo acelerado e o cotidiano da cidade foi abruptamente interrompido (FARIAS, 2008, p.1).

³ Exemplos: Beribéri, tuberculose, varíola, febre amarela, malária e a peste bubônica.

Comércio, repartições, escolas e cinemas fecharam e serviços públicos como telefonia e transporte quase pararam. A cidade se viu tomada pela gripe e, ao final da epidemia, mais de dois mil mortos engrossavam as estatísticas oficiais (FARIAS, 2008, p.2).

Em Belo Horizonte foram notificados pelos serviços de saúde pública três mil oitocentos e setenta e sete casos da doença, entre os quais estavam trezentos e seis pessoas que faleceram. No meio desta catástrofe pública, diversos setores da população se mobilizaram: imprensa, doações de civis, trabalhadores voluntários etc. O avanço da epidemia nos bairros da cidade contrapunha um detalhe que não deve ser menosprezado, a criação de uma cidade salubre (SILVEIRA, 2004, p.174)

Tratava-se de uma cidade que foi toda planejada, adotando o modelo de “terra arrasada”, ou seja, destrói-se tudo, para edificar, dentro de métodos criteriosos. Neste sentido havia a expectativa de que não se teriam doentes, que logo foi desfeita (SILVEIRA, 2004, p.174).

No momento que a gripe começou a se abater sobre São Paulo pouco se fez para impedir que o mal invadisse a cidade. No dia 13 de outubro foram registrados os primeiros casos da doença. Dois dias depois, o Serviço Sanitário do Estado declarava o estado epidêmico, oficialmente foram sessenta e seis dias, de 15 de outubro a 19 de novembro, computando mais de dois meses, neste período cerca de cento e cinquenta mil pessoas (por volta de 65% da população) foram infectadas (BERTOLLI FILHO, 1989, p.35).

Ao identificarem a inevitabilidade da epidemia, os paulistas que tinham condições, optaram por abandonar a cidade. Mesmo os legisladores deixaram a cidade enquanto durou o estado epidêmico. A Câmara Legislativa rapidamente anunciou um recesso temporário, o que dificultou ainda mais a organização dos socorros públicos à população (BERTOLLI FILHO, 1989, p.36).

A população paulista ficou desassistida, enquanto ocorria a epidemia, os serviços públicos estavam parados, governantes impossibilitados de tomar quaisquer iniciativas por terem sido atingidos pela doença, como exemplo, o prefeito Washington Luiz. A falta de médicos e de medicamentos adequados, colapso no abastecimento, etc evidenciavam a calamidade instaurada. A sociedade civil se organizou para tratar os doentes (BERTOLLI FILHO, 1989, p.36).

Dessa maneira, em poucos dias a cidade pode contar com nove mil trezentos e trinta e seis leitos distribuídos em oito hospitais permanentes, além dos leitos instalados nos trinta e um hospitais provisórios. Entraram em funcionamento também quarenta e quatro postos de socorro que forneciam gratuitamente consultas, remédios e alimentos. No auge da crise, alguns destes postos transformaram-se em enfermarias (TEXEIRA, 1993, p.4).

No início de novembro de 1918, a epidemia alcançava seu ápice no Estado de São Paulo. Até aquele momento, duas mil pessoas haviam morrido pela gripe. Somente a partir da segunda semana desse mês a epidemia começou a dar sinais de regressão, mas só em dezembro a cidade começaria a retomar sua normalidade - o estado epidêmico foi suspenso em 19 de dezembro, ultrapassando trinta dias do previsto no início da epidemia (TEXEIRA, 1993, p.4).

No Rio de Janeiro, então Distrito Federal a epidemia foi aos poucos se apossando da cidade. Na primeira semana de outubro de 1918 existiam casos de gripe em locais de grande aglomeração: quartéis, repartições públicas e escolas. Nesse mesmo período foi registrado os primeiros casos fatais da doença. Nesse momento, o número de pessoas atingidas já havia crescido assustadoramente, deixando a população apavorada (BRITTO e TRINDADE, 1991, p.25).

A violência da gripe transformou a cidade, paralisando vários setores de atividades urbanas. No dia 15 de outubro, a situação da cidade já era alarmante, pois a gripe já havia se

estendido a todos os cantos da cidade. Havia pela cidade dezenas de milhares de enfermos e os casos novos não paravam de aparecer, forçando o fechamento do comércio, casas de diversão, repartições e serviços públicos. A cidade encontrava-se totalmente paralisada (BRITTO e TRINDADE, 1991, p.26).

Frente ao desconhecimento de medidas terapêuticas que pudessem evitar o contágio ou curar os já atingidos, as autoridades sanitárias se restringiam inicialmente a orientar a população a evitar os lugares de aglomeração. A partir do dia 17 de outubro a Diretoria de Saúde passou a distribuir experimentalmente o sal de quinino à população, sem saber o real valor terapêutico desta substância no combate à gripe (BRITTO e TRINDADE, 1991, p.26).

O governo frente à inoperância das medidas terapêuticas e visando medidas simples e autoritárias, resolve censurar a imprensa e decreta feriado nos dias 19, 20 e 21 de outubro, temendo que a aglomeração de pessoas aumentasse a intensidade da epidemia (GOULART, 2005, p.6).

A desorganização das atividades urbanas fez com que sobreviesse uma grave crise de abastecimento. Se nas áreas mais próximas da cidade havia dificuldade em se conseguir alimentos, nas áreas suburbanas estes eram extremamente escassos. Para amenizar a situação o governo passou a distribuir caldo e pão para as camadas mais pobres da população (GOULART, 2005, p.7).

De forma análoga, a falta de atenção médica foi muito mais forte nas regiões mais distantes, aumentando ainda mais o número de mortes nessas áreas. As zonas onde se computaram maior número de falecimentos foram as compreendidas entre Engenho de Dentro e Realengo, áreas que eram desprovidas de recursos médicos, farmacêuticos e alimentares (GOULART, 2005, p.7).

Nessas localidades, residia a maioria da população proletária. Nos últimos dias do mês de outubro, a população vivia uma situação dúbia, porque as autoridades sanitárias

declaravam o arrefecimento da epidemia, mas as notícias da imprensa mostravam que ela ainda se mantinha nos mesmos índices (GOULART, 2005, p.7).

Além da falta de alimentos, serviços públicos parados e saques para completar este quadro alarmante, surgia o problema dos cadáveres insepultos. Não havia nos serviços municipais pessoal suficiente para recolher os mortos, a polícia passou a se encarregar deste expediente. Para proceder aos sepultamentos eram utilizados os presidiários da Casa de Detenção e contratados pessoal extra, remunerado por dia de trabalho (BRITO, 1991, p.11).

Embora os jornais tenham começado a noticiar o declínio da epidemia a partir dos últimos dias de outubro de 1918, o número de vítimas só começou a decair na primeira semana de novembro do mesmo ano. A partir deste momento as atividades urbanas voltaram a se restabelecer e a cidade retomou sua vida cotidiana. Não se sabe ao certo o número de pessoas que morreram devido à epidemia. No entanto, no dia 15 de novembro os jornais divulgaram, o que provavelmente constitui um número aproximado do total de vítimas e que correspondia ao período de 13 de outubro até esta data: quatorze mil, trezentos e trinta e oito mortos (BRITTO e TRINDADE, 1991, p.12).

A cidade do Rio de Janeiro contava com uma população de novecentos dez mil e setecentos e dez habitantes no mês de setembro, sendo seiscentos e noventa e sete mil quinhentos e quarenta e três na zona urbana e duzentos e treze mil cento e sessenta e sete nos subúrbios e na zona rural. Nesse período, quarenta e oito pessoas morreram de gripe espanhola. No decorrer da epidemia, a cifra elevou-se a níveis nunca vistos, sendo que no dia 22 de outubro de 1918, foram computados novecentos e trinta óbitos de gripe em um total de um mil e setenta e três óbitos. Em outras palavras, ocorreu aumento na taxa de mortalidade no decorrer do evento de quase 2000%. Ao final da epidemia algo em torno de quinze mil óbitos no Rio de Janeiro (FONTENELLE, 1919, p.38).

Nesse contexto se careceu de estratégia de combate à moléstia para socorrer a população. As deficiências estruturais sanitárias e de saúde reveladas durante o período epidêmico demonstrou a falência no campo da Saúde Pública. Entretanto, essa situação era há muito tempo de conhecimento público. A falta de condições das instituições de saúde para socorrer à população foi o primeiro dos muitos problemas explicitados durante àquele período (GOULART, 2005, p.5).

Frente à calamidade era necessário emoldurar a doença para torná-la compreensível e emocionalmente mais tolerável. Nem a população, nem os serviços sanitários foram capazes de lidar com a gravidade da doença, instaurando um quadro de desordem pública. Isso porque não se tinha uma resposta positiva para dar à nova peste que recaía sobre a cidade. Esse fato gerou um quadro de tensões sociais, criando uma atmosfera de medo, incompreensão e colapso social no Distrito Federal (GOULART, 2005, p.7).

O caos social ou sanitário acabou sendo amplamente explorado, não só pelos jornais, mas também por grupos políticos de oposição ao governo Wenceslau Braz. O quadro de insatisfação se tornou cada vez mais agudo devido à morosidade no estabelecimento de medidas profiláticas e às limitações estruturais das instituições sanitárias que se encontravam totalmente despreparadas e desaparelhadas para dar combate à doença (BRITO, 1991, p.19).

A escassez de verbas destinadas à saúde pública dificultou a implementação, o aparelhamento e a manutenção de instituições e projetos de saúde pública, contribuindo para a limitação dos socorros públicos durante a epidemia. O atendimento da população acabou dependendo, na maior parte do tempo, da iniciativa de diversas instituições: igrejas, escolas, clubes e da Cruz Vermelha Brasileira. A Cruz Vermelha Brasileira mereceu destaque ao colaborar na organização de postos de socorro, hospitalizando doentes e enviando socorristas às diversas instituições hospitalares e a domicílios (GOULART, 2005, p.7).

A presença da Cruz Vermelha Brasileira no combate a esse problema de saúde pública foi fundamental mediante a atuação e desempenho das enfermeiras formadas ou em formação por essa instituição. Apesar dos estudos publicados por pesquisadores em história não abordarem a atuação do sujeito cuidado, tal ausência possibilitou destacar o poder da presença dessas agentes, pois até o momento os estudos apontaram a gripe como problema de saúde pública, as conseqüências desse evento, traduzidas no número de acometidos e mortos pela epidemia.

Sabe-se atualmente pelas pesquisas realizadas, que o Distrito Federal no ano de 1918, tinha pelo menos três instituições de ensino voltadas à formação de enfermeiras profissionais, ou seja, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1890), localizada na Praia da Saudade, atual bairro da Urca, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916) – Órgão Central, com dois Cursos para as Enfermeiras - Voluntárias e Profissionais - localizada na Praça Vieira Souto, atual Praça da Cruz Vermelha e o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, localizado na Rua Bambina até 1922, atualmente a Policlínica de Botafogo que se localiza no bairro de Botafogo, Avenida Pasteur (PORTO, et al, 2008, p.4).

Essas instituições tiveram participação no combate à Gripe Espanhola, ensejando um dos principais motivos para o futuro desdobramento da Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, que pertencia a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. Por meio do seu diretor Gustavo Riedel, após ter atendido de forma precária, percebeu a necessidade em reformar a instituição, que passou a ser denominado Ambulatório Rivadávia Correa e em seguida desdobrou a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras em três seções (Masculina, Feminina e Mista), implantando na Colônia de Alienados do Engenho de Dentro a Escola Profissional de Enfermagem Alfredo Pinto (1921) (PORTO; SANTOS, 2007, p.90).

Ademais, as atividades de cuidar de doentes, em domicílio e/ou em hospitais e casas de saúde, eram anunciadas no Jornal do Commercio, seja no sentido de procura ou de oferta, por brancos ou negros, brasileiros ou estrangeiros. Esses anúncios demonstravam uma necessidade sanitária, já que existiam, desde 1890, instituições de profissionalização das atividades dos cuidados de enfermagem na capital federal (ARAÚJO, 2007, p.40).

Os anúncios de procura/oferta sobre as atividades de cuidar de doentes, a imprensa escrita, também denunciava a gravidade da doença nas ruas do Distrito Federal, bem como a falência da saúde pública e fazia pressão contra o governo da época. A pressão da imprensa foi tamanha que acabou levando a mudança do então Diretor Geral de Saúde Pública⁴.

Desta forma, acredita-se que no período proposto ao estudo, a imprensa veiculou textos e/ou imagens sobre a gripe espanhola, referenciando a atuação das Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira no Distrito Federal.

Os acontecimentos até aqui apresentados conduziram a investigar sobre os registros noticiados na atuação dessas Enfermeiras durante a Gripe Espanhola veiculadas na imprensa, em especial, a ilustrada e os fatos sócio-políticos em jornais veiculados no Rio de Janeiro.

• Os Objetivos

Para tanto, o estudo se propõe em:

- ❖ Identificar as notícias veiculadas na imprensa escrita sobre a Gripe Espanhola no Rio de Janeiro;
- ❖ Analisar a presença da enfermeira nos textos imagéticos e as representações objetivas veiculados na imprensa ilustrada sobre a Gripe Espanhola;
- ❖ Discutir o efeito da crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira mediante a utilização da imagem pública da enfermeira.

⁴ A imprensa passou a veicular a imagem de que o diretor Carlos Seidl queria destruir a obra de Oswaldo Cruz. Seidl era acusado pela imprensa e pela população de “pouco caso criminoso e abusar da paciência do povo” (Rio Jornal, 11.10.1918). No dia 18 de outubro, Seidl pede demissão e é substituído por Theophilo Torres. (GOULART, 2005, p.17)

- **Motivação e contribuições do estudo**

A motivação para a realização de um estudo histórico social emerge dos seguintes motivos:

- ❖ Ser membro do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE), da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP)/UNIRIO desde 2005, instituição onde fui discente na graduação;
- ❖ O tema da Gripe Espanhola, no Rio de Janeiro, me fez despertar o interesse científico, pois até os dias de hoje muitos aspectos, ainda, não foram desvendados.

Para tanto, acredito que o presente estudo é de interesse atual para a sociedade, pois até hoje as notícias sobre a Gripe Espanhola são veiculadas, vide Jornal O Globo/ Ciências, de 17 de setembro de 2008, que traz como manchete: “Caçadores de vírus – Cientistas exumam corpo de vítima da gripe espanhola para pesquisa” (O GLOBO, 2008, p. 37).

Ademais, espero com esta pesquisa contribuir, por meio da lente da História da Enfermagem Brasileira, para o ensino da Enfermagem. Ao demonstrar que mesmo se tratando de um evento do começo do século passado, existia a necessidade da presença da enfermeira no cuidado dos acometidos pela Gripe Espanhola.

Neste sentido, a partir do presente estudo, pretendo investir no avanço das pesquisas realizadas pela linha de pesquisa “O Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil”, no entendimento do processo de construção da imagem pública da enfermeira brasileira do projeto do Prof. Dr. Fernando Porto e como pesquisadora, socializar os resultados, por meio de publicações, para a comunidade científica da enfermagem e da área da saúde e ciências sociais.

ASPECTO TEÓRICO

O estudo possui como referencial teórico as noções⁵ do sociólogo francês Pierre Bourdieu. As escrituras de Bourdieu norteiam o entendimento do caráter estruturado das práticas sociais sem cair na concepção subjetivista, segundo a qual essas práticas seriam organizadas de forma autônoma, consciente e deliberadamente pelos agentes sociais. Por outro lado, na perspectiva objetivista, as reduziria à execução mecânica de estruturas externas (BOURDIEU, 2003a, p. 59).

Para adequação ao estudo foram utilizados as noções de *habitus*, *hexis* corporal, espaço social, representações objetual, crença simbólica e capital simbólico.

Entende-se por *habitus* de acordo com Bourdieu, como sistema de disposição duráveis e estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos, que seriam predispostas a funcionar como sistema estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações (BOURDIEU, 2003a, p.60-64). Os agentes envolvidos no estudo irão expressar as ações cotidianas, sem plena consciência dessas ações, ao terem cuidado dos acometidos pelo flagelo da Gripe Espanhola, uma vez que a convicção de Bourdieu advém das ações dos sujeitos, as quais têm sentido objetivo que lhes escapa, ou seja, agem como membros de um grupo ou chance, exercendo o poder e a dominação freqüentemente de modo não intencional.

A interpretação da *hexis* corporal buscou entender o corpo como objeto de investimento e, ao mesmo tempo, descortinar o *corpo legítimo*, socialmente aceito e socialmente conformado, segundo as injunções de classe, sexo, da divisão social do trabalho, da idade, da classe social (BOURDIEU, 1998, p.51). Esse corpo legítimo é traduzido na *hexis* corporal, que é uma relação durável e generalizada com o corpo *real*, que foram analisados através da leitura da linguagem corporal e posição dos retratados no texto imagético, como, por

⁵ Pierre Bourdieu em seus estudos oferece uma nova roupagem ao designar noção e não conceito aos conhecimentos obtidos pela aplicação em universos diferentes do mesmo modo de pensamento (BOURDIEU, 2003a, p.59).

exemplo, mãos juntas na altura da cintura, corpo deitado com os braços levantados, braços cruzados e posição da cabeça para o lado contrário da mira da lente da máquina fotográfica.

O espaço social foi constituído de tal forma que os agentes se distribuíram nele em função da sua posição nas distribuições estatísticas, conforme dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital simbólico. Os espaços das posições sociais traduziram-se assim num espaço de tomadas de posição por meio dos *habitus* – ou disposições -, pois a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente (BOURDIEU, 2004b, p.37).

Como as posições, os *habitus* – retraduzindo as características intrínsecas e relacionais de uma posição num estilo de vida unitário - foram diferenciados, mas também diferenciantes, isto é, operadores de distinções. As diferenças nas próprias práticas, bens possuídos e opiniões, tornam as diferenças simbólicas e constituem-se, elas mesmas, uma verdadeira linguagem (BOURDIEU, 2004b, p.37). Neste sentido, através dos *habitus* das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira configuraram-se os diversos espaços sociais do cuidar, tais como: hospitalar, assistência/posto e socorro, escola, via pública e visita domiciliar.

As representações objetais (o vestido e seus tipos de manga, o avental, o gorro, o véu e o sapato) foram signos exteriores ao corpo, associados aos signos incorporados (poses e posturas) (BOURDIEU, 1998, p.107). Estas foram apropriadas pelas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, de modo a demarcar suas posições na leitura do texto fotográfico, por meio de suas representações mentais.

De acordo com as escrituras de Bourdieu, as representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos – e de representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras, insígnas, etc.), ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a

representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como seus portadores (BOURDIEU, 1998, p.108).

A crença simbólica por Bourdieu, é produzida no momento em que há desconhecimento coletivo, neste sentido o poder das palavras não reside nas próprias palavras, mas sim nas condições que dão poder a elas, criando a crença coletiva (BOURDIEU, 2004b, p.161). Esta crença pode ser entendida pela fé depositada pela sociedade, na ação do cuidado exercida pela enfermeira. Em outras palavras, pela fé de que pelas mãos das enfermeiras se teria certa salvação.

Capital Simbólico é utilizado por Bourdieu com o objetivo de permitir compreender alguns fenômenos que de outra maneira permaneceriam insondáveis. O Capital Simbólico, diferentemente das outras modalidades de capital, não é imediatamente perceptível como tal e os efeitos de sua duração também obedecem a lógica(s) diferente(s). Espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer", o capital simbólico é, a grosso modo uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo. Deste modo, a partir desta marca quase invisível de distinção o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente a um campo, e tal proeminência é reforçada pelos signos distintivos que reafirmam a posse deste capital (BOURDIEU, 2008, p.68).

Por se tratar de um tipo de capital cuja posse permite um (re)conhecimento imediato da dominação do elemento que o possui sobre os demais elementos do campo, o capital simbólico é assim o elemento de prestígio, pode ser convertido em dado momento em capital cultural ou econômico, na medida em que os acessos a estas outras modalidades de capital são facultadas pelo efeito de valorização exercido pelo indivíduo detentor deste capital (BOURDIEU, 2008, p.68).

ASPECTO METODOLÓGICO

A abordagem adotada no estudo foi a histórico-social, por meio de documentos escritos e fotográficos. O estudo histórico social é uma categoria transcendente que engloba inúmeras outras especialidades da história. Dentro desta, a história da enfermagem se inclui, na qual surge a partir da modificação do campo da história. Ademais, deve-se ressaltar que o historiador social está mais preocupado em perceber como as variações conjunturais alteram os vários grupos sociais, e quais interferem nestes grupos (BARROS, 2004, p.110).

Os documentos escritos foram relatórios institucionais da Cruz Vermelha Brasileira e registros noticiosos. Estes foram oriundos da imprensa escrita - *Jornal do Commercio* - e os imagéticos da imprensa ilustrada - *Revista Fon-Fon*.

A justificativa para a escolha dos documentos supramencionados se deu pelo fato de que, o *Jornal do Commercio* foi criado em 1º de outubro de 1827, sendo hoje o mais antigo diário da América Latina, permanecendo com o mesmo nome, que circula ininterruptamente desde sua fundação. Outras características fundamentais para sua escolha estão em incluir além de editoriais de comércio, os relatos mais importantes da história do Brasil, tanto no terreno político, como literário e artístico; pioneiro na publicação do telegrama, ultrapassando o método via correios; os seus redatores foram fundadores da Academia Brasileira de Letras; chegou a ser comparado ao “*Times*”, um importante jornal londrino e possuía três edições diárias (matutina, vespertina e paulista)⁶, únicas para a época (FERREIRA, 2001, p.8).

O acesso ao conteúdo jornalístico se deu através de aproximadamente quinze visitas à Biblioteca Nacional, localizada na Avenida Rio Branco, 219. Rio de Janeiro - RJ. Foram pesquisados ao todo 92 exemplares, correspondente ao ano 92, do volume 272 ao volume 364, datados respectivamente de 01/10/1918 a 31/12/1918.

⁶ Ressalto que para ao atendimento do objeto da pesquisa, será utilizada apenas a edição matutina do jornal.

A diagramação do Jornal do Commercio no período consultado era composta por sete colunas com aproximadamente 200 linhas distribuídas em 70x90 cm², vista em tela 20x15 cm², que se reproduz em microfilme todo conteúdo noticiado.

A imagem produzida pelo aparelho de microfilmagem é imprecisa e por isso, a leitura de um dia de notícia consome cerca de quinze minutos, o que equivale a 23 horas de busca nos 92 exemplares referentes aos três meses do recorte temporal do estudo. Outro artifício utilizado foi o de digitalizar as páginas que continham notícias de aderência ao objeto de estudo, totalizando 83 imagens das páginas dos jornais em formato JPEG⁷.

Na busca pela organização das notícias observou-se que os dados de interesse ao objeto de estudo concentravam-se na seção Gazetilha⁸, especificadamente, sobre o Rio de Janeiro. Na leitura das páginas do Jornal do Commercio na seção Gazetilha identificaram-se que os títulos com interesse para a pesquisa, 58 % continham a palavra ou expressão “A Influenza Espanhola” e/ ou “A Influenza”, nessa seção foram identificadas cinquenta e três notícias sobre a Influenza Espanhola.

A escolha pela revista Fon-Fon se deu pelo fato dela ter sido a melhor revista ilustrada do Brasil e, além disso, afirma-se que era a revista mais popular e de maior circulação naquela época (MAUAD, 1991, p.13). A busca ocorreu por meio de um endereço eletrônico⁹, onde a Biblioteca Nacional disponibiliza os periódicos digitalizados. Em atendimento ao objeto foram analisados treze exemplares, correspondente ao ano 12, dos números 40 ao 52. Destes

⁷ JPEG (ou JPG) é um método comumente usado para comprimir imagens fotográficas. O grau de redução pode ser ajustado, o que permite a você escolher o tamanho de armazenamento e seu compromisso com a qualidade da imagem. Geralmente se obtém uma compressão com pouco perceptível perda na qualidade da imagem. Além de ser um método de compressão, é frequentemente considerado como um formato de arquivo. JPEG / Exif é o formato de imagem mais comum usado por câmeras digitais e outros dispositivos de captura de imagem, juntamente de JPEG / JFIF, que também é um outro formato para o armazenamento e transmissão de imagens na World Wide Web. JPEG / JFIF é o formato usado para armazenar fotos e transmiti-las através da Internet. Geralmente desconsideram-se os formatos e dizemos simplesmente JPEG. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Joint_Photoshopic_Experts_Group)

⁸ A prática da organização dos gêneros literários e jornalísticos em seções foi um fenômeno que se destacou nos jornais de grande tiragem nos séculos XIX e XX. Essa prática revelava uma clara exploração da dimensão lexical da Língua Portuguesa, que leva o leitor, na sua memória de médio e longo prazo, a ter na mente um perfil geral do que pode encontrar. Nessa prática, é eterna a exploração da língua na sua perspectiva de vocabulário e de dicionário.

⁹http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm

identificaram-se oito imagens fotográficas com a presença de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira que compõem o *corpus* de análise do estudo.

Cabe destacar, que outras imagens fotográficas foram utilizadas no sentido de complementar a análise e discussão dos capítulos, totalizando seis, essas foram encontradas na Revista da Semana, no relatório institucional da Cruz Vermelha Brasileira, em literatura sobre moda e em diversos sítios eletrônico¹⁰.

As imagens veiculadas na Revista Fon-Fon dentre outras de articulação aos textos escritos e imagéticos foram consideradas *fac-símile* - imagens já impressas em algum meio de comunicação (Porto, 2009, 12). Neste sentido, foram utilizados dois códigos chaves de identificação, o numérico para os *fac-símiles* dos corpos de análise e letras para os *fac-símiles* que possuem informações complementares para análise e discussão dos capítulos.

Faz-se necessário destacar as limitações impostas à análise das fontes evidenciadas pela presença de borrões, esmaecimentos e pelo quase 100 anos de existência das fontes, porém esses motivos não enfraquecem a conotação de veracidade do estudo. E despertam atenção para com os cuidados necessários a serem dispensados no trato com fontes históricas.

Os documentos encontram-se no Acervo da Cruz Vermelha Brasileira; Biblioteca Nacional; Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO; Arquivo Nacional; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; e Acervo do Jornal do Commercio. A literatura de aproximação com objeto de estudo refere-se ao contexto histórico sócio-político à época, história da moda, enfermagem e mulher da imprensa.

Para a coleta dos dados em atendimento do objeto do estudo, foi utilizado um instrumento de busca para registros noticiosos, o mesmo se configura com as seguintes

¹⁰ <http://www.florence-nightingale-foundation.org.uk/> e http://www.clubedeengenharia.org.br/fev05_Seculo.htm.

células: ano, secção, página, conteúdo na íntegra ou resumo, autoria e observações do registro noticioso. (ANEXO 1)

O critério da coleta foram notícias sobre a Gripe Espanhola publicadas no Jornal do Commercio, nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 1918, justificado por ter ocorrido nesse período à segunda onda da Gripe Espanhola, considerada mortal. A primeira ocorreu em agosto de 1918, apresentando-se de forma benigna.

A matriz de análise de conteúdo jornalístico foi à mesma utilizada em estudos intitulados: ““ PAN- Padrão Anna Nery” A instituição da identidade profissional da enfermeira no Brasil” de autoria da Dr. Osnir Claudiano da Silva Júnior e “Profissionalização da Enfermagem Brasileira: o pioneirismo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890 - 1920)” de autoria da Dra. Almerinda Moreira. (ANEXO 2)

Destarte, Porto afirma no estudo intitulado “A Imprensa Escrita como Fonte de Pesquisa para a Enfermagem” que esta matriz já foi aplicada em outros estudos de mesma abrangência, a saber: “Marcos e trajetória da profissionalização da Enfermagem Brasileira” (MOREIRA, 2002, p.44), “Registros noticiosos sobre a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras na Revista O Brazil-Medico” (MOREIRA, 2003, p.402), “Ana Néri: Memória no Espaço Público” (PORTO, 2004, p.25), “Saiu no Jornal! A Morte de Florence Nightingale na imprensa escrita do Rio de Janeiro” (PORTO, 2004, p.49), “Um marco na luta da liderança da Enfermagem Brasileira” (PORTO, 2005, p.26), “Anúncios de Amas-de-Leite no Jornal do Commercio” (ALMEIDA, 2004, p.213), entre outros já publicados e apresentados em eventos científicos de enfermagem (PORTO, 2007, p. 176).

A matriz foi confeccionada em quatro campos. O primeiro refere-se à identificação dos dados com a localização do acervo, nome de mídia, corpo editorial e/ou editor responsável, periodicidade, edição/número do periódico, valor do periódico, data de publicação, página e título da matéria jornalística.

O segundo campo é para dados do plano de expressão, que se refere à manifestação do conteúdo em um sistema de significado, o qual irá compreender as opções técnicas da construção do registro na imprensa composto do tipo de registro (notícia, reportagem, nota, suelto, publicidade, propaganda); tipo de diagramação (zona de visualização); e tipo de recurso gráfico (fios, box, benday, inversão).

O terceiro campo da matriz foi entendido como os dados do plano de conteúdo destinado a referência do significado no registro da imprensa, a saber, como o texto transmite a mensagem e como ele faz para ser entendido pelo leitor com os itens: o título principal; tipo de subtítulos; o *lead* ou chamada do texto; resumo ou íntegra do texto; autoridades citadas no corpo do texto; citações de relevo de *nexus* com o objeto de estudo; e o crédito do registro da imprensa escrita.

O último campo foi destinado às informações quanto à condição original do material e articulação com outros documentos de *nexus* com o objeto de estudo.

Para as imagens foi utilizada um instrumento de busca na imprensa ilustrada (ANEXO 3), o critério para a seleção dos textos imagéticos foram imagens com a presença da enfermeira ou de trajes próximos descritos por estudos anteriores, por meio dos atributos pessoais, o uniforme composto: vestido, avental, véu ou gorro e o símbolo da cruz.

A matriz de análise dessas imagens foi composta de quatro partes: a primeira referente ao registro dos dados de identificação da imagem fotográfica, esta composta pelas informações referentes ao local do acervo, nome da revista ilustrada, número do exemplar, página que se encontra a imagem fotográfica, data de publicação do exemplar da revista e o título ou manchete que acompanha a fotografia; a segunda contempla dados do plano de expressão, esse campo contemplam o crédito da imagem fotográfica, relação texto imagem, legenda, tipo de foto, formato, plano, sentido e localização da imagem na página; a terceira com dados do plano de conteúdo, destina-se ao local retratado, pessoas retratadas, tema da

imagem retratada e os atributos pessoais e de paisagem e por fim a quarta parte, onde são obtidos os dados complementares obtidos em outras imagens fotográficas tais como, origem da informação e informação complementar (ANEXO 4).

Cabe ressaltar que a matriz de análise, devidamente ajustada, foram utilizadas nas seguintes publicações: “Os Ritos Institucionais e a Imagem da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)” (PORTO, 2007), “A Câmera Discreta e O Olhar Indiscreto: A Persistência da Liderança Norte-Americana no Ensino da Enfermagem na Capital do Brasil (1928-1938)” (SANTOS, 1998) e “O Mundo do Trabalho em Imagens: A Fotografia como Fonte Histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” (CIAVATTA, 2002).

Para a convergência/divergência dos dados coletados, foi utilizada a Técnica de Triangulação dos Dados, pois a mesma abrange a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão, considerando que sustenta a impossibilidade de conceder a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com macro realidade social (TRIVINOS, 1994).

A técnica de triangulação entendida como um processo que, visou garantir confiabilidade a dados coletados, por meio de uma combinação de procedimentos ou metodologias, no estudo do mesmo fenômeno, sendo usados vários pontos de referências para determinar características do objeto de estudo com maior confiabilidade. Desta forma, buscou-se maior precisão pela busca de diferentes tipos de dados, ou em diferentes fontes, relacionados ao mesmo fenômeno. E, ainda, possibilitou oferecer credibilidade dos resultados e conclusões, ao transmitir confiança dos dados na perspectiva específica para o estudo, bem como potencializou a probabilidade das descobertas realizadas durante a pesquisa, sendo necessário à utilização de múltiplos referentes para a qual, se possa ao final dos dados

analisados terem-se a conclusão acerca daquilo que se constitui em afirmativa momentânea (PORTO, 2006, p.26).

Mediante a triangulação das fontes, estudos foram associados ao contexto histórico à época e ao referencial teórico para a produção do conhecimento em História da Enfermagem Brasileira.

CAPÍTULO I

A GRIPE ESPANHOLA NAS PÁGINAS DO JORNAL DO COMMERCIO

Introdução

Neste capítulo, procurou-se descrever as circunstâncias sócio-políticas que ensejaram o período considerado pela história como o período crítico-mortal da Gripe Espanhola, os meses de outubro, novembro e dezembro de 1918, por meio das páginas do Jornal do Commercio.

Neste sentido, a abordagem adotada foi da conjuntura de criação do Jornal do Commercio, seus objetivos, política de publicação e a característica das notícias nele publicadas.

Na organização dos dados, foram identificadas a atuação de cinco instituições que revelaram o envolvimento no combate a epidemia nas páginas do jornal, a saber: as ações governamentais, com a criação dos Postos de Assistência na Escola Modelo Deodoro, Escola Nilo Peçanha, Escola Benjamin Constant e no quartel de Bombeiros no Meyer. Além disso, foram envolvidas as seguintes instituições de saúde: o Hospício Nacional dos Alienados, o Dispensário da Cruz Vermelha Brasileira, a Policlínica de Botafogo e o Hospital Pró-Matre, todos situados no Rio de Janeiro.

Jornal do Commercio

O Jornal do Commercio foi criado em 1º de outubro de 1827, pelo francês Pierre Plancher, mestre das artes gráficas e ex-editor dos jornais parisienses, tais como Voltaire, Benjamin Constant, Rebecque, dentre outros (CHAMILETE, 1998, p.1).

Plancher chegou ao Brasil em 1824 após sua emigração forçada por não se enquadrar ao regime então vigente na França e às perseguições que sofria por suas tendências liberais na época da Restauração, sob comando de Luiz XVIII. Foi responsável por trazer ao Rio de Janeiro modernos equipamentos e alguns operários especializados que representavam, na época, o que de mais avançado existia no ramo (CHAMILETE, 1998, p.1).

Sob o comando de Pierre Plancher, o jornal veiculava notícias de características econômicas, com base nas publicações dos preços correntes a época, notícias marítimas e movimento de importação e exportação, transformando o jornal em pouco tempo numa importantíssima folha política e comercial (CHAMILETE, 1998, p.2).

Com a mudança do regime político na França, culminada pela queda de Carlos X, a chamada Segunda Revolução Francesa, Pierre Plancher retornou a Paris motivado pela volta da liberdade de imprensa. Ao partir para Paris, deixou como sucessores na direção do Jornal do Commercio os franceses Junius Villeneuve, Francisco Picot e Julio de Villeneuve, que mantiveram o importante diário até 1890 (CHAMILETE, 1998, p.2).

Dentre os colaboradores do Jornal do Commercio pode-se citar Justiniano José da Rocha, José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco, autor, em 1851, das Cartas do Amigo Ausente), Carlos de Laet, Francisco Octaviano, José de Alencar, Homem de Mello, Joaquim Nabuco, Guerra Junqueiro e o imperador Dom Pedro II. Este último escrevia sob pseudônimo “Veritas” (CHAMILETE, 1998, p.2).

Esses colaboradores podem ser considerados como porta-vozes de alguns assuntos de interesse sócio-político da sociedade brasileira, devido ao nível de importância que esses colaboradores exerciam e de seu direito à palavra, à linguagem legítima como linguagem autorizada e de autoridade. Não procurando somente serem compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados e reconhecidos. Neste sentido, pode-se depreender que as páginas do jornal contribuíram com a criação da Academia Brasileira de Letras, cuja fundação

ocorreu em 20 de julho de 1897, tendo como seu primeiro presidente o escritor Machado de Assis (BOURDIEU, 2008; CHAMILETE, 1998, p.2).

Após a direção francesa, o Jornal do Commercio passou para as mãos do brasileiro José Carlos Rodrigues, mestre do jornalismo que efetuou transformações no jornal até 1920 que contou com o editorialista José Maria da Silva Paranhos Filho e colaboração de José Veríssimo, Visconde de Taunay, Alcindo Guanabara, Araripe Junior, Afonso Celso e outros. Além deles Rui Barbosa que publicava as Cartas da Inglaterra sob o caso Dreyfus¹¹ (CHAMILETE, 1998,p.2).

As características fundamentais do Jornal do Commercio baseavam-se em incluir editoriais referentes a assuntos do interesse do comércio, relatos sobre do história sócio-política, literária e artística do Brasil; telegramas dentre outras colunas temáticas, ao ponto de ser comparado, a época de sua criação, ao “Times”, importante jornal londrino (FERREIRA, 2008, p.34).

As notícias sobre a gripe espanhola nas páginas do Jornal do Commercio

O período de outubro a dezembro de 1918 as páginas do Jornal do Commercio registraram o dia-a-dia das ocorrências, em especial, no Rio de Janeiro sobre a epidemia espanhola.

Cabe destacar que dos 92 exemplares veiculados no período proposto, foram registrados as diversas atuações institucionais na gripe espanhola e a política à época que versava no contexto conforme a tabela de número 2 apresenta.

¹¹ Caso Dreyfus foi um escândalo político que dividiu a França por muitos anos, durante o final do século XIX. Centrava-se na condenação por alta traição de Alfred Dreyfus em 1894, um oficial de artilharia do exército francês, de religião judia. O acusado sofreu um processo fraudulento conduzido as portas fechadas. Dreyfus era, em verdade, inocente: a condenação baseava-se em documentos falsos. Quando os oficiais de alta-patente franceses se aperceberam disto, tentaram ocultar o erro judicial. A farsa foi acobertada por uma onda de nacionalismo e xenofobia que invadiu a Europa no final do século XIX.

Tabela n.º.2: Registros Noticiosos Veiculados pelo Jornal do Commercio de Outubro a Dezembro de 1918, no Rio de Janeiro, sobre a atuação de instituições no combate a Gripe Espanhola.

Instituição	Notícias Veiculadas						Total	
	Outubro		Novembro		Dezembro		N	Fi%
	N	Fi%	N	Fi%	N	Fi%		
Estratégias Governamentais	6	13	4	8	0	0	10	21
Hospício Nacional	2	4	0	0	0	0	2	4
Cruz Vermelha Brasileira	10	22	6	13	1	2	17	37
Policlínica de Botafogo	6	12	2	5	0	0	8	17
Pro-Matre	6	13	4	8	0	0	10	21
Total	30	64	16	34	1	2	47	100

Fonte: Jornal do Commercio, 1918. Ano 92.

Os números indicam a distribuição dos registros encontrados no Jornal do Commercio, revelando a predominância da Cruz Vermelha Brasileira na qualidade de instituição filantrópica no combate à gripe espanhola. Outro dado se refere à concentração desses registros no mês de outubro, caracterizando esse mês o mais crítico da epidemia na cidade do Rio de Janeiro.

As porcentagens indicadas na tabela n.º. 2, é possível identificar a maior frequência de notícias sobre a Cruz Vermelha Brasileira cotejada as outras instituições envolvidas nos meses delimitados no estudo. Desta maneira, representando uma frequência de 37% do total de notícias veiculadas, já o Hospício Nacional de Alienados apresenta as menores prevalências, revelando uma frequência de 4%. Entre estas instituições estão às notícias que retratam as iniciativas do Governo e o Hospital Pro-Matre, ambas com 21% e a Policlínica de Botafogo com 17%.

Para melhor entender a inserção de cada instituição no período estudado por meio das notícias veiculadas no Jornal do Commercio, se faz necessário a contextualização à época. Nesse sentido, as próximas páginas desse capítulo irá se destinar a isso.

As estratégias governamentais para atender as necessidades aos acometidos pela gripe espanhola

As estratégias governamentais para atender as necessidades aos acometidos pela gripe espanhola foram implementadas, por meio do Dr Theophilo Torres nomeado Diretor Geral de Saúde Pública, no dia 18 de outubro de 1918 após a exoneração do Dr Carlos Seidel do referido cargo. A primeira providencia adotada pelo novo Diretor Geral de Saúde Pública no dia 19 de outubro de 1918, foi convocar o Dr Carlos Chagas, diretor do Instituto Oswaldo Cruz, na qualidade de coordenador das ações de combate à gripe para atender as necessidades de infra-estrutura improvisadas no atendimento, que as conduziu para a organização de cinco hospitais emergenciais em fábricas, repartições públicas, escolas e 27 pontos de consulta em delegacias de saúde e postos de profilaxia rural (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.2).

Outras providencias adotadas foram: unificação dos serviços de higiene municipal e federal, contratação de médicos e acadêmicos de medicina, remanejamento de pessoal administrativo da Diretoria Geral de Saúde Pública, demógrafos, bacteriologistas, microscopistas e requisição de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.2).

Os primeiros postos de socorro inaugurados por essa iniciativa tiveram seu destaque nas páginas do Jornal do Commercio, como também nos serviços prestados ao serem destacados os movimentos de atendimento, foram eles: Escola Modelo Deodoro, Escola Benjamin Constant, Escola Nilo Peçanha e Posto de Assistência no Meyer, esses postos estavam incumbidos de receber doentes de quaisquer formalidades e atender a domicílio de dia e de noite (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.3).

Dentre esses, o instalado na Escola Deodoro situada a Rua da Gloria, 29; era coordenado pelo Dr Clementino Fraga e em seu primeiro dia de funcionamento já haviam cem doentes internados. Na Escola Benjamin Constant, localizada na praça Onze de Junho a

capacidade era de setenta leitos masculinos e setenta femininos ou infantis e os encarregados pelo serviço médico foram os Drs Eurico Villela, Barão J. Smith de Vasconellos e Henrique Lisboa; a Assistência no Meyer ficou a cargo do Dr Castro Barreto e funcionou dentro do quartel de Bombeiros do respectivo bairro, na Rua Imperial, Villa 155 e; a Escola Nilo Peçanha situava-se na Rua Pedro II em São Cristovão (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.3)

As notícias veiculadas versavam a cerca do cotidiano, a saber: data de inauguração, localização, médico responsável pelo posto, número de atendimentos, internações, altas, óbito e também notas sobre o encerramento dos atendimentos com o respectivo movimento institucional da tragédia. Neste sentido, os postos por essa iniciativa foram inaugurados no dia 22 de outubro de 1918, permanecendo em atividade até o dia 14 de novembro de 1918, exceto o da Escola Deodoro que deu prosseguimento aos atendimentos até o dia 17 de novembro do mesmo ano.

Nara Azevedo Brito (1997, p.13) pesquisadora da Casa Oswaldo Cruz-Fiocruz em seu estudo intitulado *“La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano do Rio de Janeiro”*, os jornais nesse período, em especial do Jornal do Commercio, cederam cada vez mais espaço ao fato, evidente, de que a epidemia ganhava proporções assustadoras, por isso era imperativo a divulgação de informações sobre o mal reinante.

O Hospício¹² Nacional dos Alienados e a Gripe Espanhola

O Hospital Nacional dos Alienados tem seu nascedouro com a desanexação do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Hospício de Pedro II em meio aos conflitos estabelecidos frente a necessidade de construção do Estado Republicano. Como consequência

¹² Cabe destacar que a denominação à época para a referida instituição em apreço era Hospital Nacional dos Alienados, porém o presente estudo em alguns momentos irá denominá-lo de Hospício Nacional dos Alienados devido, a época, o Jornal do Commercio o assim fazia suas referencias a essa instituição,

desse fato, ocorreu uma crise de pessoal para cuidar dos alienados, pois as Irmãs de Caridade, que até então cuidavam dos doentes, foram excluídas do serviço (MOREIRA, 2003, p.32).

Para solucionar a crise, foram adotadas duas estratégias, a primeira foi à criação pelo Marechal Deodoro da Fonseca (Presidente da República), por meio do Decreto n. 791/1890, da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, a primeira escola de enfermagem brasileira e em segundo a contratação pela direção do hospital de cinco Enfermeiras francesas diplomadas pela Escola Municipal de Paris, não ligadas a congregações religiosas que permaneceram na instituição de 1891 a 1894 (MOREIRA, 2003, p.65; ESPÍRITO SANTO, 2007, p.114).

A instituição, segundo o Decreto de criação, tinha por fim preparar profissionais que atuassem nos hospícios e hospitais civis e militares, funcionando nas dependências do Hospital Nacional dos Alienados, antigo Hospício Pedro II. Dessa forma, ficou oficialmente instituído o Ensino Profissionalizante de Enfermagem no Brasil (ESPÍRITO SANTO, 2007, p.114).

No período compreendido entre 1895 e 1896 os estudos sobre a escola em apreço, anexa ao hospital apontam lacunas. Pode-se dizer, de acordo com algumas pesquisas, que em abril de 1897, a referida escola foi reinaugurada, por ocasião da nomeação do médico Dr Márcio Nery, novo diretor do hospital, em substituição ao Dr Texeira Brandão. Nesse período, a escola admitiu três alunas. Estas eram moças analfabetas que não conseguiram adaptar-se ao curso e a escola (MOREIRA, OGUISSO & PORTO, 2002, p.15).

Houve depois de 1899, com o egresso das alunas supracitadas, um longo período de inatividade até 1904. Em 1905, ocorreu o término das obras de reforma da planta física do Hospital, destinada à melhoria dos atendimentos a crianças e adultos. Nesse mesmo ano ocorreu mais uma reinauguração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência à Alienados, agora sob a direção do Dr Fernando de Figueiras, demarcando, pela

primeira vez um diretor específico para a Escola. Foram abertas inscrições para admissão de candidatos para esta escola, que, ao final, apenas seis dos trinta e seis matriculados concluíram o curso em 1906. Com a reorganização da Assistência a insanos liderada pelo Professor Juliano Moreira no governo de Rodrigues Alves, foi criada em 1911 (Decreto nº8834) a Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, e ainda em 1913, a terceira reinauguração da escola (ESPIRÍTO SANTO, MOREIRA & PORTO, 2004, p.8).

Em 1918, o Hospital Nacional de Alienados juntamente com a Escola de Enfermagem praticava o regime rotatório de atividades, fazendo que o enfermeiro do estabelecimento trabalhasse sucessivamente durante certo prazo em cada uma das diversas seções anexas (dividas por gênero), de cirurgia, ginecologia, maternidade, oftalmologia, com a finalidade de evitar a unilateralização conseqüente ao serviço permanente em uma mesma enfermaria (MOREIRA, 2003, p.106).

Foi nesse contexto que as notícias sobre o Hospital Nacional de Alienados (chamado de Hospício Nacional de Alienados) veiculadas no Jornal do Commercio, totalizam duas, nas quais foram abordados o quantitativo de enfermos entre médicos, internos e empregados daquela instituição no dia 17 de outubro e uma outra nota sobre o pronto restabelecimento da epidemia o então diretor do Hospício Nacional de Alienados, Dr Juliano Moreira, no dia 23 de outubro. Dessa maneira, logo após a melhora da doença, dirigiu o serviço de socorro naquele estabelecimento, tendo sido realizado na portaria do Hospício Nacional de Alienados transformada em posto de socorro, concentrando esforços no atendimento aos 80% dos médicos adoecidos do mal e à distribuição de medicamentos a muitas pessoas (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p. 2 e 3).

A Cruz Vermelha Brasileira e a Gripe Espanhola

A Cruz Vermelha Brasileira foi criada no dia cinco de dezembro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro. A entidade tinha, entre seus objetivos, prestar diretamente, ou em auxílio ao Governo, por todos os meios possíveis, socorros e proteção aos feridos, enfermos e necessitados, em caso de guerra, no mar, nos campos de batalha, ou fora deles, e em caso de calamidade pública, quando forem insuficientes os recursos de defesa sanitária habituais (MOTT; TSUMECHIRO, 2002, p.5).

Em 1912, foi criada a filial do estado de São Paulo, ampliando o raio de ação dos princípios da Cruz Vermelha e sob o patrocínio da médica Maria Rennotte¹³, fundou, ainda, no mesmo estado, Cursos para formação de Enfermeiras. No Rio de Janeiro, foram criados na mesma década dois cursos para o sexo feminino. O primeiro desses iniciou-se em 1914, destinado à formação de Enfermeiras Voluntárias e o segundo em 1916, com o objetivo de formar Enfermeiras Profissionais (PORTO, 2009, p.43).

Nas páginas do Jornal do Commercio, por meio da Seção Gazetilha, a Cruz Vermelha Brasileira obteve destaque nas ações no combate a Gripe Espanhola em comparação a outras instituições da época, tanto no quantitativo de registros veiculados, quanto na extensão de suas notícias justificada pelo relevante papel desempenhado.

A inauguração do Posto de Assistência em enfermaria, ocorreu no dia 16 de outubro de 1918 na sede da Escola de Enfermeiras, situada na Rua Ubaldino de Amaral, 75 (morro do Senado), tendo sido o primeiro e funcionado até o dia 14 de novembro de 1918. Esse Posto destinava-se a receber doentes graves e oferecer, gratuitamente, medicamentos necessários para a cura da enfermidade. O serviço clínico foi formado pelos médicos professores da Escola de Enfermeiras, a destacar: Dr Estellita Lins¹⁴, Amaury de Medeiros¹⁵ e Carlos

¹³, Considerada a primeira médica a exercer em São Paulo, nascida na Bélgica, formada pelo Woman's Medical College of Pennsylvania, regulamentou sua situação profissional depois de revalidar o diploma pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e se inscrever no Serviço Sanitário de São Paulo.

¹⁴ Médico e professor da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Eugento¹⁶ além do corpo de Enfermeiras Voluntárias e Profissionais sob a direção do Diretor da Escola, Dr Getulio dos Santos¹⁷ (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.3).

De acordo com Luis Antônio Teixeira, em sua obra intitulada “Medo e morte: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918”, o período em que foi instalado o Posto da Cruz Vermelha Brasileira estava marcado pela paralisia das autoridades de saúde em relação à epidemia e ao desespero que começava a tomar conta da população. Segundo o estudo, o jornal O País, no dia 16 de outubro, publicou uma notícia, afirmando que só restava a população as manifestações coletivas e religiosas para pedir a Deus, por intermédio do padroeiro São Sebastião¹⁸, que livrasse a população da peste que ameaçava (TEIXEIRA, 1993, p.6).

De fato a situação da cidade do Rio de Janeiro era alarmante. A gripe havia estendido os seus tentáculos a todos os cantos da cidade, dezenas de milhares de enfermos e os casos novos não paravam. Realmente, a epidemia cada vez mais se agonizava, forçando o fechamento do comércio, casas de diversão, repartições e serviços públicos (TEXEIRA, 1993, p.6).

Além da notícia da inauguração do posto de atendimento na Cruz Vermelha Brasileira, o Jornal do Commercio também publicava a movimentação de entrada, alta e óbitos dos enfermos, o movimento dos donativos, dos colaboradores e os desdobramentos dessa

¹⁵ Diretor do Hospital e professor do curso de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira. Fundador e diretor da Cruzada Nacional contra a Tuberculose em 1920, cujas finalidades eram propagar os conhecimentos sobre a forma de disseminação da doença e formar enfermeiras visitadoras. (AYRES; AMORIM, 2010: p. 69)

¹⁶ Médico e professor da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira e assistente do Diretor Geral de Saúde da Guerra.

¹⁷ Médico, professor e diretor da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

¹⁸ Podemos depreender que São Sebastião foi evocado como intercessor perante Deus para livrar a cidade da gripe, não se explica somente pela sua posição de padroeiro da cidade. Desde os tempos medievais, este santo era considerado como defensor das comunidades frente os perigos epidêmicos. Segundo Delumeau, esta construção mental se origina de um processo de identificação ou similaridade. Tendo em vista que nossos antepassados acreditavam que a epidemia era uma conseqüência da ira divina sobre uma comunidade, e que esta se abatia sobre os homens como flechas lançadas por um Deus colerizado, nada mais natural que a associação com São Sebastião, o mártir que morreu crivado de flechas. Era a postulação de que "O semelhante afasta o semelhante para suscitar o contrário" (DELUMEAU, 1989:116 apud: TEIXEIRA, 1993).

instituição no atendimento aos acometidos pela Gripe Espanhola, dados que serão abordados adiante.

A Policlínica de Botafogo e a Gripe Espanhola

A Policlínica de Botafogo foi inaugurada em 10 de junho de 1900, à época localizada na Rua Bambina. Em 1917, a instituição adquiriu um espaço definitivo e, em 1922, assentou a pedra fundamental no terreno localizado na Avenida Pasteur, no atual bairro de Botafogo. A instituição à época era destinada ao atendimento assistencial médico e cirúrgico gratuito aos pobres dos bairros, dirigida pelo médico Dr. Luiz Barbosa¹⁹ (MOTT; OGUISSO, 2003, p.82).

O Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo foi criado em 1917, no contexto da Primeira Guerra Mundial, em decorrência da inserção brasileira no conflito internacional. A criação do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo foi decidida pela Congregação da instituição em 18 de novembro de 1917 (MOTT; OGUISSO, 2003, p.82).

Entende-se que, mediante o contexto do conflito internacional e a preocupação com a salvação ou perda, com relação à dependência, no atendimento dos feridos de guerra, o investimento em um curso de enfermeiras era providencial para uma instituição com a finalidade que tinha a Policlínica de Botafogo. Por outro lado, caso não fosse necessário o atendimento aos feridos de guerra, a instituição teria qualificado o atendimento institucional, inclusive, podendo admiti-las na Policlínica de Botafogo como enfermeiras (PORTO. et al, 2010, p.7).

O início das aulas teóricas do curso de enfermeiras ocorreu, quando a I Guerra Mundial findou-se. Por outro lado, o país foi assolado pela gripe espanhola, que levou as aspirantes a enfermeiras do curso promovido pela Policlínica de Botafogo a cuidar dos acometidos pelo flagelo (PORTO. et al, 2010, p.7).

¹⁹ Considerado um profissional conceituado no campo da saúde, com vasta experiência clínica e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Para atender aos doentes de Influenza Espanhola, a Policlínica de Botafogo organizou no dia 16 de outubro de 1918, um Posto de Socorro Médico que funcionou na sua sede sob direção do Dr Fortunato de Brito²⁰ até o dia 15 de novembro, auxiliado pelo Dr Sebastião de Azevedo²¹. Nesse Posto trabalharam, ainda, em turmas revezadas, os internos e enfermeiras daquele instituto, atendendo os enfermos desprovidos de recursos (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.2).

Ao longo do período estudado, o Jornal do Commercio publicou oito notícias sobre essa instituição caracterizando 17% do número total de registros veiculados nesse jornal, de uma maneira geral as notícias versavam sobre a movimentação de entrada, alta e óbitos, bem como o movimento de donativos.

A Pro-Matre e a Gripe Espanhola

Em 1918, durante a gripe espanhola foi inaugurado o Hospital Pró-Matre, criado pelo médico Fernando Magalhães²² com a ajuda das senhoras da Associação Pró-Matre e do presidente do Brasil Wenceslau Braz. A Pró-Matre foi descrita por Fernando Augusto Ribeiro Magalhães como uma instituição destinada a proteger a “mulher mãe”. A maternidade contava com setenta leitos e, ainda, foram montados mais vinte e dois postos urbanos de consultas, um laboratório obstétrico e ginecológico e uma creche. Na sede, eram formadas Enfermeiras²³ e alunos da Faculdade de Medicina (SOUSA, 2009, p77).

De acordo com o Estatuto da Associação, conhecida como Pro-Matre, o Art.1º mencionava que sob denominação “Pro Matre” fica constituída com sede e domicílio nesta cidade do Rio de Janeiro, uma associação de assistência, fundada em 1917, por Stella de Carvalho Guerra Durval (enfermeira) e Fernando Magalhães (considerado o pai da obstetrícia

²⁰ Médico da Policlínica de Botafogo.

²¹ Médico da Policlínica de Botafogo.

²² Médico obstetra, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e orador brasileiro. É considerado por alguns como o criador da Escola Obstétrica Brasileira.

²³ A palavra Enfermeira foi aplicada no texto no sentido descrita pelo autor em referencia, mas cabe ressaltar que se encontra em estudo a presente instituição, que vem sinalizando nas apresentações os resultados parciais da dissertação da mestranda Elaine Ribeiro nas reuniões do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem se tratarem de Parteiras-Enfermeiras.

no Brasil). Em seu Art.2º fala sobre a finalidade da instituição: A Associação teria por fim dispensar proteção à mulher desamparada e à criança desvalida sem distinção de credos religiosos ou posição social, de acordo com o que for estabelecido pelos seus órgãos competentes (SOUSA, 2009, p77).

Depreende-se que a inauguração do Hospital Pró-Matre à Rua Venezuela, Caes do Porto, aconteceu num período oportuno para a população carioca, obtendo destaque nas páginas do Jornal do Commercio no dia 20 de outubro de 1918. Esse Posto de Assistência recém inaugurado, fora uma determinação assumindo caráter de urgência pelo Presidente da República destinando-se a consultas médicas e distribuição de remédios, que funcionou dessa maneira até o dia 15 de novembro de 1918. Nesse sentido o encarregado foi o Professor Fernando Magalhães que aproveitou o Hospital Pro-Matre para receber doentes, assegurando ao Sr Presidente poder instalar 200 enfermos (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.3).

Com um dia de funcionamento elogios eram tecidos pelo Presidente da República, Wenscelaus Braz, nas páginas do Jornal do Commercio, à iniciativa do Dr Fernando de Magalhães, bem como aos médicos auxiliares do serviço clinico, pelo Sr Almirante Jose Carlos de Carvalho, Dr Guerra Durval e Senhora e às várias senhoras que faziam parte da liga Pro-Matre.

O Jornal do Commercio também se preocupou em noticiar a movimentação de entrada, alta, óbitos, e o movimento de donativos, totalizando na delimitação temporal do estudo o total de dez notícias, correspondendo 21% do número total de registros veiculados no período (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.2e3).

Movimento dos atendimentos veiculados no Jornal do Commercio

Durante os quase três meses de vigência do surto epidêmico, o Jornal do Commercio registrou, o que se referia à doença então desconhecida, desde iniciativas das autoridades

políticas e do governo, passando pelos transtornos vividos pela população, até a indignação provocada pela visão de cadáveres abandonados nas ruas. Por deter-se na descrição dos fatos diários, revelou-se valiosa fonte para acompanhar a evolução e os efeitos dessa situação, cujas conseqüências mais notáveis foram sentidas exatamente na esfera das relações cotidianas.

Neste sentido, a Gripe Espanhola caracterizou-se como um fenômeno cultural e social que além do evidente impacto demográfico ocorrido, implicou no conhecimento médico-científico, na organização institucional dos sistemas públicos de saúde e na esfera econômica ao trazer consigo a ameaça de dizimação coletiva.

Na tabela de número 3 são apresentados a descrição e análise das repercussões da epidemia por meio da iniciativa das instituições encontradas no Jornal do Commercio.

Tabela nº.3: Movimento institucional dos acometidos pela gripe Espanhola veiculados no Jornal do Commercio (1918)

Meses		Outubro e Novembro		
Instituição		Consultas	Internações	Visita Domiciliar
Estratégias Governamentais	Escola Deodoro	547	310	Sem Registro
	Escola Benjamin Constant	Sem Registro	166	Sem Registro
	Assistência do Meyer	Sem Registro	Sem Registro	Sem Registro
	Escola Nilo Peçanha	Sem Registro	Sem Registro	Sem Registro
Hospício Nacional		1816	Sem Registro	Sem Registro
Cruz Vermelha Brasileira		+ 4000	114	Muitas
Policlínica de Botafogo		1944	Sem Registro	561
Pro-Matre		Sem Registro	168	Sem Registro

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

O Jornal do Commercio na tentativa de informar a população sobre a gripe espanhola e onde a população poderia encontrar atendimento, veiculava o movimento institucional de consultas, internações, óbitos e visitas domiciliares. Essas notícias eram publicadas diariamente, porém, não expressavam a real situação, pois as informações não eram baseadas

nos censos de cada instituição e sim no relato de jornalistas que realizavam visitas às instituições.

De acordo com Brito (1997), os jornalistas registraram os dramas vividos pelos principais personagens da crise: a cidade e seus habitantes, que, de forma abrupta, viram seu cotidiano subvertido pela epidemia avassaladora. Embora estivessem acostumados a conviver com fatos semelhantes desde o século anterior, como, por exemplo, as epidemias de febre amarela, varíola, peste bubônica e outros flagelos, a espanhola representou um acontecimento singular, permanecendo na memória coletiva como tragédia sem par, sobretudo, por ter transformado a morte em problema social de proporções desmedidas.

Para Pierre Bourdieu (1997, p. 22), o drama, assim como o crime, o sangue e o sexo, são consideradas notícias de variedade e sempre foram o alimento predileto da imprensa, porque sempre fizeram vender. Neste sentido, a busca pelos jornalistas em relatar o drama da Gripe Espanhola, pode ser considerado como um elemento facilitador do comércio das notícias por meio do uso do sensacionalismo.

No que tange ao quantitativo de consultas, a Cruz Vermelha Brasileira realizou maior número ao ser cotejada às outras instituições e também efetuou muitas visitas domiciliares. Isto se justifica pelo motivo de ter sido o primeiro Posto a ser inaugurado pela iniciativa privado-filantrópica, possuir localização geográfica privilegiada, pois era situada no centro do Distrito Federal, à rua Ubaldino de Amaral, 75 (morro do Senado) e contar como membro da sociedade, o Dr Amaury de Medeiros no corpo médico.

Já no que se refere ao número de internações, ter sido a instituição que expressa menor quantitativo, fora justificada pelo Dr Getúlio dos Santos em relatório institucional da Gripe Espanhola lido em Assembléia Geral, realizada no dia 6 de dezembro de 1918, como não recebendo mais devido deficiência das acomodações necessárias e dada era a gravidade

dos enfermos internados, o que requeria um tempo maior de internação, logo poucas vagas eram disponibilizadas a novos pacientes (CRUZ VERMELHA BRASIELIRA, 1923, p.240).

Apesar deste fato, durante a epidemia, a Cruz Vermelha Brasileira evidenciou que não se destinava apenas aos cuidados dos feridos de guerra, mas também para as calamidades. Deste modo, por meio do Decreto nº 1.940/1918, a Cruz Vermelha Brasileira foi reconhecida como utilidade pública municipal, sendo isenta de impostos, emolumentos e contribuições municipais (SANTOS; PORTO, 2007, p.61).

No bojo da gripe espanhola, com a iminência da morte, a população do Distrito Federal viveu uma experiência crucial, pois as notícias oriundas do cotidiano apontavam para uma morte em série e não mais como um evento sozinho, extinguindo desta maneira as referências próximas e longínquas do ritual morrer, não se experimentando a experiência da despedida do ente querido.

Para a pesquisadora Martilhe Segalen da Universidade de Paris, a morte é uma manifestação de uma desordem. Neste sentido, a autora, discorre que em virtude de fenômenos sociais adversos, há necessidade de rito de passagem para a morte material, muitos enterros são disrritualizados, deixando os sobreviventes desamparados por motivo da carência de tempo para o rito porque não se tem tempo de dar tempo ao tempo no qual o rito se faz necessário. Este tempo é de maturação para que os mortos se tornem ancestrais dos quais se possa referir o efêmero presente (SEGALEN, 2002, p.59).

O *fac-símele* letra A, exemplifica esta disrritualização dos enterros, pois com a alta taxa de morbidade e mortalidade evidenciada no período da Gripe Espanhola não haviam hospitais para acolher os doentes e, principalmente, espaços nos cemitérios para todos os corpos.



Fac-simile letra A de autoria de Emilio Rodrigues Rozas: Gripe Espanhola (1919) (RAMOS FILHO, 2005) http://www.clubedeengenharia.org.br/fev05_Seculo.htm.

A imagem em tons de cinza e branco, geometricamente retangular, apresenta um homem – do lado esquerdo do texto fotográfico - trajando terno de cor escura e um chapéu de palha. Seu olhar se encontra direcionado para as mais de dezessete urnas e corpos cobertos/enrolados por tecidos, resultado do acometimento do flagelo. A composição da cena foi de um espaço aberto, com a presença de vegetação rasteira e de fundo algumas árvores.

O texto fotográfico, provavelmente, foi uma das cenas dramáticas veiculadas ao público pelo índice de mortalidade, onde os cemitérios ficavam superlotados ao ponto de urnas e corpos cobertos ficarem ao ar livre. Neste sentido, a imagem representa a gravidade da situação à época.

De fato, a Gripe Espanhola afetou os rituais de morte. Bourdieu considera que do ponto de vista dos grupos, a morte não passa de um acidente e os coletivos personificados organizam-se de maneira a evitar o desaparecimento dos corpos mortais. Entre os instrumentos que permitem escapar as alienações genéricas, a representação da morte, se dão através do retrato ou a estátua que imortaliza a pessoa representada; ou o memorial, o túmulo, o escrito, que além de transmitir para a posteridade o tributo de homenagens e de reconhecimento (BOURDIEU, 2007, p.71).

Desta maneira, vê que a vida eterna é um dos mais cobiçados privilégios sociais; neste caso, a qualidade de eternização depende da qualidade e da extensão do grupo encarregado de garanti-la, podendo começar pela missa de sétimo dia organizada pela família, evento e /ou ritual não experimentado sob o reinado da epidemia (BOURDIEU, 2007, p.71).

Os óbitos noticiados nas páginas do Jornal do Commercio, conforme demonstra a tabela de número 4, não traduziram a realidade da mortalidade da gripe na amostra dos meses estudados.

Tabela nº.4: Registros de óbitos veiculados no Jornal do Commercio (1918)

Instituição / Meses		Outubro e Novembro
Estratégias Governamentais	Escola Deodoro	15
	Escola Benjamin Constant	Sem Registro
	Assistência do Meyer	Sem Registro
	Escola Nilo Peçanha	Sem Registro
Hospício Nacional		Sem Registro
Cruz Vermelha Brasileira		14
Policlínica de Botafogo		27
Pro-Matre		21
Total		77

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Ao analisar a tabela de nº.4, evidencia-se uma possível leitura equivocada do número de acometidos pela Gripe Espanhola, porém, o quantitativo expressado pelos registros do jornal totalizando 77 mortes, reflete o número de mortos daqueles que conseguiram atendimentos. Desta forma, pode-se dizer que a atuação dessas instituições se fazia necessária a época, porém não atendiam a real demanda, quando comparamos aos dados de estudos anteriores.

Para ratificar a assertiva, o Dr Getúlio dos Santos demonstrou no relatório institucional da Cruz Vermelha Brasileira sobre a Gripe Espanhola que dentre os cento e cinco enfermos internados, não podendo receber mais por deficiência das acomodações, teve-se quatorze mortos, o que confirmou uma estatística de óbitos lisonjeira, como de resto o foi nos demais hospitais, e também se pode tomar que os mortos foram, em geral, enfermos que entraram em estado gravíssimo com muitos dias de moléstia e que obtiveram nenhuma assistência prévia (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.243).

Fontenelle (1919), a população da cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1918 era de 910.710 habitantes, sendo 697.543 na zona urbana e 213.167 nos subúrbios e zona rural. Nesse período, 48 pessoas morreram de gripe. No decorrer da epidemia, a cifra elevou-se a níveis nunca vistos, tendo no dia 22 de outubro de 1918, 930 óbitos de gripe em um total de 1.073 óbitos. Ou seja, ocorreu um aumento na taxa de mortalidade no decorrer do evento de quase 2.000%. Ao final da Gripe Espanhola computa-se como vítimas fatais no Rio de Janeiro algo em torno de 15 mil pessoas e levando ao leito adoecidas, 600 mil – ou seja, cerca de 66% da população local.

Os números encontrados no Jornal do Commercio revelaram 10.000 atendimentos, pode-se inferir através da pesquisa realizada que aproximadamente apenas 1,67% dos adoecidos tiveram acesso a essas iniciativas, desses ocorreram 77 mortes dos 758 pacientes que foram internados. Cabe destacar que não foram encontrados registros de óbitos nos jornais pesquisados da Escola Benjamin Constant, Assistência no Meyer, Escola Nilo Peçanha e no Hospício Nacional de Alienados, o que poderia aumentar o número de vítimas fatais.

Por outro lado, se faz necessário relativizar os dados estatísticos de mortalidade da época, conforme afirma Cláudio Bertolli Filho (1989, p.33), pois os estudos anteriores basearam a contabilidade da gripe em memórias e depoimentos, que apontavam para um

número surpreendente de mortos. Em sua pesquisa intitulada, A Gripe Espanhola em São Paulo, afirmou seguramente que o número de mortes foi superior, porém às estatísticas apontadas conjecturam a explicação de que fora produto da ignorância e do analfabetismo popular.

Além da presença de óbitos nas páginas do Jornal do Commercio, as notícias de donativos em prol dos acometidos pela gripe espanhola destacaram-se ao serem difundidas entre os dias 17 de outubro a 14 de novembro de 1918, em doações que variavam de quantias dinheiro a peças de roupas, fazenda (tecido), sapatos, alimentos, animais, leite e objetos.

Depreende-se da análise da tabela nº5 e das notícias veiculadas, que a Cruz Vermelha Brasileira foi a instituição que recebeu maior quantidade de donativos, sendo na ordem de maior grandeza em dinheiro, 2:000\$000 (dois conto de réis)²⁴ do Sr Conde de Agrolonga e menor grandeza 6\$000 (seis mil conto de réis) da D. Albertina de Almeida, como também em quilos de alimentos, leite, animais e objetos, no que se referiu a quantia de dinheiro o Hospital Pro-Matre acumulou maior quantitativo. Porém, foi a Cruz Vermelha Brasileira que se lançou à sociedade com idoneidade e respeitabilidade intencionais e se colocou como instituição filantrópica não governamental e laica.

A justificativa para a existência de doações, ato comum a uma calamidade, em específico a gripe espanhola, se caracteriza pelo fato do vírus como um nivelador social, não respeitando idade, sexo e nem raça. Essa igualdade originada é vista como negativa, acarretando a necessidade de regulação dos efeitos perversos que são configurados. Para tanto, no momento em que uma epidemia se caracteriza como paradigma de interdependência,

²⁴ A moeda divisionária (base centesimal), com o significado de mil réis a unidade monetária e o cifrão os valores divisionários. O período de vigência foi desde o início da colonização, começo do século XVI até 30-10-1942. Sua instituição se deu na Lei nº59, assinada no 2º Império pela regência Trina, durante a menoridade de dom Pedro II, sendo a mais importante por ter reorganizado, sob os vários aspectos, o sistema monetário brasileiro. O símbolo monetário é o cifrão (\$), exemplos para leituras dos valores à época: 0\$500=quinhentos réis; 12\$100= doze mil e cem réis; 1:000\$000=um conto de réis (um milhão de réis), cuja equivalência em reais é igual a R\$3.641,56 (três mil, seiscientos e quarenta e um reais e cinquenta centavos). (BANCO CENTRAL do BRASIL, 2005). Para quantia doada em questão, dois conto de réis, tomando a metodologia de cálculo de transformação em Reais (atualidade) disponível no endereço eletrônico <http://jus.uol.com.br/revista/texto/5651/como-atualizar-valores-monetarios-no-tempo>, este valor corresponde a R\$ 7.283,12.

torna-se imperativo criar mecanismos capazes de pelo menos administrar seus impactos, conforme podemos verificar na tabela de número 5 (GOULART, 2005, p.13).

Tabela nº5: Total de donativos em prol dos acometidos pela gripe Espanhola veiculados no Jornal do Commercio por instituição (1918)

Instituição recebedora	Doações
Cruz Vermelha Brasileira	4:671\$000
	<i>Stock de desinfetante</i>
	2 caixas de 35 galinhas
	48 latas de leite Mondia
	50 litros de leite
	20 pacotes de mate real
	191 vidros vazios
	Um saco de feijão
Hospital Pro-Matre	5:220\$000
	Encosto para doentes
	Crucifixo e louças da casa Crystal
Policlínica de Botafogo	4:300\$000
Escola Benjamin Constant	170\$000
	Diversas peças de Fazenda (tecido)
	Papel e tinta
	Diversas Roupas
	Lata com 10kg de biscoito
	77 pares de tamancos
	5 peças de Fazenda (tecido)
	4 peças de Riscado (tecido de algodão com riscos de cores)
	2 peças de Morim (tecido)
	3 dúzias de pares de meia
	12 vestidinhos (roupas)

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Desta maneira, se fazia necessária a existência de doações devido ao aumento geral do custo de vida, decorrente de vários aspectos, a citar: súbita escassez de produtos, abusos praticados por comerciante baseando-se na pouca oferta e muita procura e fechamento de

estabelecimentos. Neste sentido, as doações no período estudado foram investimentos na gripe espanhola por meio das instituições, principalmente via Cruz Vermelha Brasileira, pois esta se destacou pela maior visibilidade nas páginas do *Jornal do Commercio* apoiada em sua proposta filantrópica.

Ademais, os doadores interessados na mais valia do seu capital simbólico, publicaram no *Jornal do Commercio*, a respectiva identificação, o que doou, quanto doou e para quem doou. Neste sentido, Bourdieu, assevera que as doações conferem crédito simbólico, pois se o capital simbólico produz mais valia simbólica e se a mais valia simbólica produz capital simbólico, é porque o capital simbólico gera a si mesmo, dá reprodução simbólica. (PINTO, 2000, p.133)

Isso porque correlativamente, é o próprio simbólico que adquire nova significação. Porém, essa dádiva que troca riqueza por respeito, material pelo simbólico, e não é sem proveito, se consideramos que, a riqueza continua presente no respeito, mas de forma irreconhecível, isto é, significada, deslocada, simbolizada. O homem generoso tem certeza de retribuição, pois ao aceitar uma homenagem por sua liberalidade, ele recebe a riqueza adiada, sabendo perfeitamente que é adiando-a que ele pode realizá-la e que é desejando realizá-la que tudo perde (PINTO, 2000, p.133).

O apêndice do estudo demonstra a freqüência dos nomes citados no movimento dos atendimentos aos acometidos pela gripe espanhola nas páginas do *Jornal do Commercio*, as citações dos nomes vinham acompanhadas as notas referentes às instituições e caracterizavam em informar quem eram os agentes atuantes nos respectivos espaços social do cuidado.

Cabe destacar, ao serem veiculados os nomes no *Jornal do Commercio* conferiu-se o lançamento e a identificação desses a agentes a sociedade, bem como sua distinção e reconhecimento. Em apreço, a presença maciça de citações de nomes do gênero feminino na Cruz Vermelha Brasileira, totalizando 67 publicações cotejadas a 12 publicações de nomes

masculinos, estabelecendo dessa forma a força que as mulheres conferiam a Cruz Vermelha e esta a essas agentes.

Dentre as enfermeiras da CVB, Edith Magalhães Frankel, foi aluna do curso de visitadoras sanitárias da Cruz Vermelha Brasileira, em 1918 concluiu o curso da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, destinado ao preparo de socorristas voluntárias para atender aos feridos da primeira Grande Guerra. Este conhecimento lhe deu subsídios para atuar intensamente na epidemia de Gripe Espanhola e em reconhecimento pela sua atuação, nesse episódio recebeu o título de sócia emérita da Cruz Vermelha Brasileira (MANCIA, 2006).

Na análise do apêndice depreende-se que a frequência dos nomes dos agentes da Cruz Vermelha Brasileira foi superior ao cotejada as outras instituições. Dessas citações ocorre a maior prevalência de agentes do sexo feminino, essas pode-se inferir por meio triangulação com outros estudos, especificamente com a obra institucional intitulada: Histórico da Cruz Vermelha (1908-1923), que eram alunas dos Cursos de Enfermeiras Voluntárias e Profissionais. No que se refere aos agentes do sexo masculino tanto da Cruz Vermelha Brasileira quanto das outras instituições, eram majoritariamente médicos.

Alguns dos nomes publicados merecem destaque ao serem relacionados à instituição, como o de Jeronyma Mesquita, que trabalhou como enfermeira na I Guerra Mundial, quando conheceu o movimento escoteiro na Europa. No Brasil, participou da fundação da Cruz Vermelha, dos Pequenos Jornaleiros, entidade para meninos órfãos ou carentes, e da Pro-Matre, além de ter dedicado grande parte da sua vida a caridade e à luta pelos direitos das mulheres (SOIHET, 2000, p.1).

Ademais, além das citações dos nomes dos agentes envolvidos diretamente no atendimento aos acometidos pela gripe espanhola, também eram mencionados no sentido de

informar por meio das páginas do Jornal do Commercio que esses agentes foram acometidos pela epidemia. Os nomes citados encontram-se no quadro demonstrativo de número 1.

Quadro Demonstrativo nº1: Movimento dos colaboradores acometidos pela gripe espanhola veiculados no Jornal do Commercio (1918)

Data de publicação	Nome	Cargo/Função	Instituição de atuação
20/10/1918	Dr Luiz Barbosa	Presidente Diretor	Policlínica de Botafogo
	Dr Bento Ribeiro de Castro	Subdiretor	
	Sr Octavio	Superintendente	
23/10/1918	Juliano Moreira	Diretor Médico	Hospício Nacional dos Alienados (HNA)
	Estellita Lins	Médico - Professor	Cruz Vermelha Brasileira
03/11/1918	Getulio dos Santos	Medico – Diretor da Escola de Enfermeiras da CVB	Cruz Vermelha Brasileira

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Cabe destacar, que os nomes supracitados correspondem aos médicos das respectivas instituições que atuaram no combate a gripe espanhola. Historicamente, o médico tem um papel social que inclui, entre outros aspectos, a elaboração de respostas às doenças que acometem a sociedade (ROSEMBERG, 1992, p.238) e não de adoecer do mal ao qual precisam combater.

Ademais, além da citação dos médicos vitimados encontrados no Jornal do Commercio, sabe-se que muitas pessoas influentes a época foram vítimas pela mesma moléstia que atingiam os pobres, a citar o presidente do Brasil, Francisco de Paula Rodrigues Alves, re-eleito em outubro de 1918 ao segundo mandato, vitimou-se e não pôde tomar posse em novembro de tão doente, falecendo em 16 de janeiro de 1919 (RADIS, 2009, p.19). Este atributo conferido a gripe espanhola de não distinguir o hospedeiro, em sexo, idade, raça, condição financeira, profissão a denominou de gripe democrática.

Esta característica conferida a epidemia de 1918, tornou imperativo no desdobramento da Cruz Vermelha Brasileira nos atendimentos aos acometidos pela gripe espanhola.

Encontra-se no quadro demonstrativo de número 2 esse desdobramento das enfermeiras ou aspirantes, veiculado nas páginas do Jornal do Commercio.

O desdobramento dessas enfermeiras ocorreu em atendimento ao pedido insistente do governo, que solicitou o envio de enfermeiras aos postos de socorro criados. Com a intenção de não prejudicar o serviço de atendimento na Cruz Vermelha Brasileira, o Dr Getúlio dos Santos escalava diariamente duas Enfermeiras para os hospitais da Escola Deodoro e da Escola Nilo Peçanha e mais outras duas para o Posto da Pro-Matre (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.243).

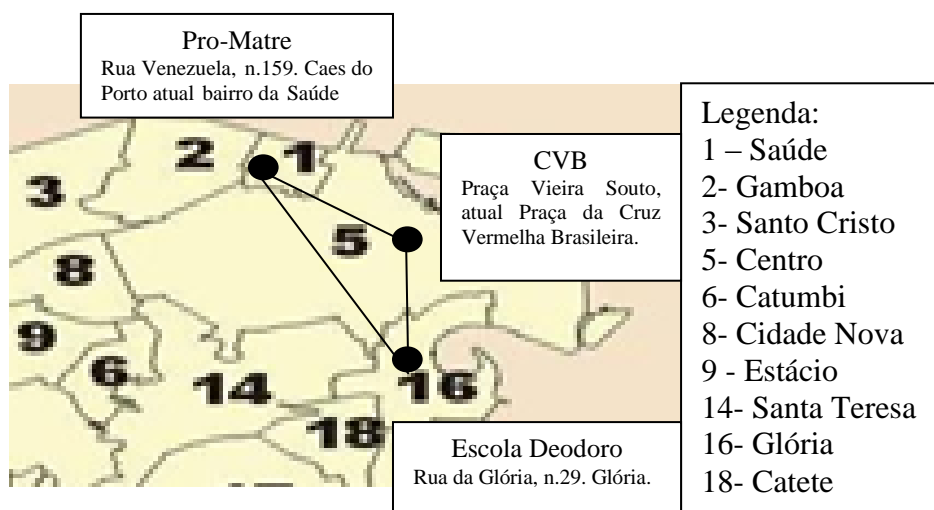
Quadro Demonstrativo nº2: Movimento do desdobramento das agentes da Cruz Vermelha Brasileira nos atendimentos aos acometidos pela gripe Espanhola em outras instituições veiculadas no Jornal do Commercio (1918)

Data de publicação	Instituição	Endereço	Responsável
25/10/1918	Escola Deodoro	Rua da Glória, n.29. Glória.	Maria Bittencourt
26/10/1918			Alba Oliva
28/10/1918			Geraldina Moura Cruz
29/10/1918			Alba Oliva
			Geraldina Moura Cruz
			Maria Bittencourt
03/11/1918	Hospital Pro-Matre	Rua Venezuela, n.159. Caes do Porto (Atual: Saúde)	Branca de Barros
			Aurora Caldeira
	Escola Deodoro	Rua da Glória, n.29. Glória.	Sylvia de Souza Leite
			Gabriella de Sá Pereira
14/11/1918	Hospital Pro-Matre	Rua Venezuela, n.159. Caes do Porto (Atual: Saúde)	Edith Fraenkel
			Helena Gudin
			Marietta Rigaud
			Marie Beaugean
	Escola Deodoro	Rua da Glória, n.29. Glória.	Dina Nobre
			Gabriella de Sá Pereira
			Violeta Martins
			Olga Jardim de Lima

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Por meio da leitura articulada entre o quadro demonstrativo nº2 e o *fac-simile* letra B²⁵, depreende-se o efeito do lugar da instituição Cruz Vermelha Brasileira, que durante a epidemia de gripe espanhola esteve presente em diversos espaços social do cuidado. Pierre Bourdieu, ressalta que o espaço físico não passa do suporte vazio das propriedades sociais dos agentes e instituições que, estando distribuídos por essa superfície, transformam-na em um espaço social, socialmente hierarquizado, no caso em apreço, o espaço social do cuidado, o qual se apresentou no formato de um triângulo (BOURDIEU, 2004).

Neste sentido, o próximo capítulo se destinará em descrever, analiticamente, a atuação desta instituição por meio das imagens publicadas na Revista Fon-Fon.



Fac-simile B: Mapa de alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro (1964).

²⁵ A análise do mapa foi obtida por aproximação da carta cartográfica do espaço geográfico à época.

CAPÍTULO II

A CRUZ VERMELHA BRASILEIRA – ÓRGÃO CENTRAL - NA GRIPE ESPANHOLA

Introdução

O presente capítulo visou descrever, analiticamente, as imagens veiculadas nas páginas da Revista Fon-Fon, mediante critérios estabelecidos na metodologia do estudo, sobre a gripe espanhola com a presença de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira nas imagens.

Para tanto, se focou alguns aspectos do periódico, em apreço, no que se refere a sua criação, objetivo, política de publicação das imagens e a característica, predominante, das fotos nela publicizadas.

A Cruz Vermelha Brasileira foi abordada no sentido de produzir sentido na sua atuação na gripe espanhola, por meio da criação dos cursos – enfermeira voluntária e profissional - na Escola Prática de Enfermeiras da Instituição, em especial, no Rio de Janeiro – Órgão Central, sinalizando a inculcação do *habitus* por essa Escola.

As imagens, no total de oito, do *corpus* de análise foram interpretadas mediante a matriz de análise. Cabe destacar que uma das imagens foi articulada a outra veiculada na Revista da Semana em virtude da nitidez.

As análises tiveram como eixo teórico as noções adotadas por Pierre Bourdieu, espaço social do cuidar e *hexis* corporal, articulando texto e imagem, que resultaram dados significativos, em especial, sobre a posição das enfermeiras nas fotos e o cuidado com a exposição dos enfermos, quando retratados.

Revista Fon-Fon

A Revista Fon-Fon foi uma revista brasileira surgida no Rio de Janeiro, em 1908. Seu nome era uma onomatopéia do barulho produzido pela buzina dos automóveis “*fon-fon*”. Um de seus idealizadores foi Gonzaga Duque²⁶ - escritor e crítico de arte. Além dele Lima Campos²⁷, Mario Pederneiras²⁸, que dirigiram até 1914 e após Álvaro Moreyra²⁹ e Hermes Fontes³⁰. Os ilustradores foram: Raul Pederneiras³¹ e K.lixto³², J. Carlos³³, na primeira fase; Correia Dias³⁴, na segunda. Em 1910, Emilio Cardoso Aires³⁵ e Nair de Tefé³⁶, que assinavam como Rian. Lima Barreto³⁷, também colaborou como pseudônimo Philéas Fogg e S. Homes, mas que não se adaptou ao tipo de literatura (ZANON, 2009, p.1).

²⁶ Nascido no Rio de Janeiro em 1863 - 1911. Foi crítico de arte, romancista, contista, jornalista, cronista e historiador. Fundou e atuou como colaborados em vários jornais, O Guanabara, Brasil Moderno, Revista Contemporânea, O Globo, O Paiz, Diário de Notícias e Diário do Comércio. Em 1909, foi nomeado diretor da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até falecer.

²⁷ Até o momento as pesquisas realizadas não identificaram a respectiva biografia.

²⁸ Mário Veloso Paranhos Pederneiras, nascido no Rio de Janeiro (1867-1915), conhecido com Mário Pederneiras, foi um poeta brasileiro. Estreou na imprensa por volta de 1878, quando se tornou colaborador do jornal estudantil *O Imparcial*, do Grêmio Literário Artur de Oliveira, no Rio de Janeiro. Entre 1895 e 1908 foi fundador, com Gonzaga Duque e Lima Campos, diretor e redator das revistas Rio Revista, Galáxia, Mercúrio e revista Fon-Fon.

²⁹ Álvaro Maria da Soledade Pinto da Fonseca Velinho Rodrigues Moreira da Silva, nascido em Porto Alegre em 1888 - 1964, foi um poeta, cronista e jornalista brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o quarto ocupante da cadeira 21. Foi eleito em 13 de agosto de 1959, na sucessão de Olegário Mariano, tendo sido recebido por Múcio Leão em 23 de novembro de 1959.

³⁰ Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes (1888 - 1930) foi um compositor e poeta brasileiro. Formou-se bacharel em direito em 1911, mas não exerceu a profissão. De 1903 ao final da década de 1930 colaborou em periódicos como os jornais Fluminense, Rua do Ouvidor, Imparcial, Folha do Dia, Correio Paulistano, Diário de Notícias e as revistas Careta, Fon-Fon!, Tribuna, Tagarela, Atlântida, entre outras.

³¹ Raul Paranhos Pederneiras (1874 - 1953) foi um caricaturista, ilustrador, pintor, professor, teatrólogo, compositor e escritor brasileiro. Iniciou sua carreira em 1898, no diário *O Mercúrio*. Juntamente com J. Carlos e K.Lixto integrou o tríade mais famosa de caricaturistas fluminenses da República Velha. Figura polivalente, Raul foi ainda professor de Anatomia e Fisiologia Artística na Escola Nacional de Belas Artes, entre 1918 e 1938; professor de Direito Internacional na Faculdade de Direito da antiga Universidade do Brasil, de 1938 até a sua aposentadoria.

³² Calixto Cordeiro ou K. Lixto (1877 - 1957), como costuma assinar suas obras, destaca-se principalmente como ilustrador e caricaturista. Em 1890, é aprendiz de gravura na Casa da Moeda, no Rio de Janeiro. Em 1893, passa a atuar como professor de aprendiz da mesma instituição. Em 1902, com Pederneiras e outros, K. Lixto funda o jornal humorístico *O Tagarela*. Para *Fon-Fon!* produz caricaturas políticas e várias ilustrações a bico-de-pena ou aguada, com longas figuras femininas com vestes em formas próximas a arabescos.

³³ José Carlos de Brito e Cunha, conhecido como J. Carlos, (1884 - 1950) foi um chargista, ilustrador e designer gráfico brasileiro. Fez esculturas, foi autor de teatro de revista, letrista de samba, e foi considerado um dos maiores representantes do estilo *art déco* no design gráfico brasileiro. Juntamente com Raul Pederneiras e com Kalixto formou o triunvirato máximo da caricatura brasileira da Primeira República. Além de variada, sua obra é bastante numerosa, sendo calculada por alguns em mais de cem mil ilustrações. Nos anos 30 J. Carlos foi o primeiro brasileiro a desenhar Mickey Mouse, desenhou o personagem em capas e peças publicitárias na revista *O Tico Tico*.

³⁴ Fernando Correia Dias (1892 - 1935) foi um artista plástico português. Ao lado de Cristiano Cruz, Correia Dias foi um dos introdutores de uma nova visão estética, que veio a se desenvolver no Modernismo português. Foi também o primeiro marido da célebre poetisa brasileira Cecília Meireles, para cujos livros ele fez belas ilustrações. Após estudar em Coimbra, se mudou para o Brasil em abril de 1914, aos vinte e um anos. Correia Dias sofria de crises de depressão, tendo jamais aceito se submeter a tratamentos, e cometeu suicídio.

³⁵ (1880 - 1916) Foi desenhista, chargista e pintor. Pernambucano, foi aluno de Teles Júnior no Recife e de Bernardelli no Rio de Janeiro. Viajou para a Europa onde estudou por 2 anos em 1908; voltou ao Rio de Janeiro ficando um ano (1910/11), expôs com sucesso e regressou a Paris publicando seu álbum (1912). Suicidou-se em 1916. Assinava E. Ayres. Tio do pintor Lula Cardoso Ayres.

³⁶ Nair de Tefé von Hoonholtz (1886 - 1981), mais conhecida como Nair de Tefé, foi uma pintora, cantora e pianista brasileira. Considerada, por Hermes Lima e por artistas e intelectuais, a primeira caricaturista mulher do mundo. Além disso, foi a primeira-dama do Brasil de 1913 a 1914. Foi uma mulher à frente de seu tempo. Sua paixão por música popular reunia amigos para recitais de modinhas. No fim dos anos 70, participou das comemorações do Dia Internacional da Mulher. Morreu no Rio de Janeiro em 1981, no dia de seu aniversário de noventa e cinco anos.

³⁷ Jornalista e romancista brasileiro nascido na cidade do Rio de Janeiro, cronista dos costumes da sociedade do seu tempo e um dos mais expressivos romancistas brasileiros. Estreou na imprensa estudantil e candidatou-se a um cargo vago na Secretaria da Guerra, mediante concurso público, tendo passado em 2.º lugar e ocupado a vaga, por desistência do 1.º colocado (1903). Como jornalista, dispersou a sua atividade pelas revistas Brás Cubas, Careta, Fon-Fon, O Malho e por vários jornais de sua época. Desenvolvendo um estilo humorístico e

Nesse sentido o periódico ou também conhecido como “seminário alegre” tratava de assuntos políticos, críticos, esfuizante, telegrafia, em especial, dos costumes e notícias do cotidiano publicadas até agosto de 1958 (MUADA-ANDRADE, 1991, p.301).

O objetivo da Revista Fon-Fon foi divulgado em 15 de abril de 1907, como:

Fazer rir, alegrar a tua boa alma... com o comentário leve das coisas da atualidade... para os graves problema sda vida, para a mascarada política, para a sisudez conselheiral das finanças e da intrincada complicação dos principios sociais, cá temos a resposta propria: aperta-se a sirene...fon-fon! (REVISTA FON-FON, 1907)

Ademais, a Revista Fon-Fon também possuía um conteúdo panorâmico, no sentido de realizar um contraponto a diversão que proporcionava o periódico, lembrando que por traz das piadas existiam críticas as políticas governamentais e as imagens da Gripe Espanhola eram direta ou indiretamente uma das maneiras de se fazer ver e se fazer crer das críticas da linha editorial da revista.

Para elucidar a assertiva, Adriana da Costa Goulart (2005), afirmou que as charges publicadas na Revista Fon-Fon, ilustravam as ferrenhas críticas veiculadas nos jornais cariocas à medicina, principalmente à medicina oficial, que apresentava controvertidos diagnósticos e explicações na maior parte das vezes incompatíveis com a realidade que se instaurava no seio de uma sociedade que vacilava à beira de um colapso.

Fac-smile C: Charge da Gripe Espanhola



— Ora, doutor! Mas não há um preservativo contra a “hespanhola”?
 — Como não? Há, e excelente: não ler jornaes...
 (REVISTA FON-FON, 1918. n 42, p. 32).

Dentre alguns aspectos, a política de publicação nas páginas da Revista Fon-Fon destaca-se a veiculação de imagens com a declaração do periódico, em 15 de maio de 1914, intitulado “*Fon-Fon precisa de fazer uma declaração*”

Muitas vezes perguntam, principiamente do interior, quanto custa a publicação de um retrato ou grupo em suas páginas. Precisamos declarar, uma vez que todos, que as pessoas que a Fon-Fon, se preza em gravar em suas páginas nada pagam por isso. É um preito que a Fon-Fon lhes presta gratuitamente e com isso se julga muito honrado (REVISTA FON-FON, 1914).

Neste fragmento, é possível identificar que haviam questionamentos sobre o investimento financeiro nas publicações das imagens, que a Revista Fon-Fon esclareceu, por meio da política de publicação, aos leitores interessados em veicularem suas imagens, desde que fossem de interesse para a ela.

A pesquisadora, da Universidade Federal Fluminense do Departamento de História, Ana Maria Maudad-Andrade em sua tese de doutoramento, intitulada “*Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX*” (1991) depois publicada na obra com o título “*Poses e flagrantes – ensaios sobre história e fotografia*” (2008), esclarece que às fotos publicadas nessa revista eram predominantemente posadas.

Ademais, ela afirma que até a metade dos anos vinte do século XX, a fotografia comporia um texto paralelo ao escrito, composto pela presença maciça de fotomontagens³⁸ dos eventos políticos, esportivos, sociais e artísticos da cidade, juntamente com a vida cotidiana da elite carioca, com destaque para “*flanerie*”³⁹, nos espaços reformados pela capital, caracterizando a grande maioria das imagens publicadas (MAUAD-ANDRADE, 1991, p.315).

Neste sentido, as imagens da gripe espanhola delimitada mediante a presença de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira nas páginas da Revista Fon-Fon, trouxeram aos seus

³⁸ Fotos sobrepostas.

³⁹ Palavra de origem francesa que significa perambular, zanzar.

leitores os aspectos dentro de suas limitações e critérios, cenas compostas de pessoas com os seus atributos pessoais. Estes dados colaboram para a construção da imagem pública da Enfermeira.

Cruz Vermelha Brasileira

No dia 05 de dezembro de 1905⁴⁰ foi criada a Cruz Vermelha Brasileira⁴¹, no Rio de Janeiro, com base nos princípios idealizados por Henry Dunant⁴², em 1864, a saber: humanidade, igualdade, proporcionalidade, imparcialidade, neutralidade, independência e universalidade (PORTO, 2009, p.49).

Cabe destacar que, em 1864, o governo suíço convocou uma conferência diplomática, em Genebra, aos governos dos Estados Europeus, para que fosse possível adotarem o tratado preparado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, conhecida como a Convenção de Genebra (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.10. OGUISSO; DUTRA; SOUZA CAMPOS, 2008, p.23).

Esta Convenção tinha por finalidade dar assistência aos soldados feridos nos exércitos em campanha. Para tanto, os presentes deveriam criar em seus respectivos países uma Sociedade da Cruz Vermelha, de caráter civil sobre as funções, enviando pessoal para o

⁴⁰ Apesar da data de criação da Cruz Vermelha Brasileira, institucionalmente, ter registro na data de 5 de dezembro de 1908. Porto em estudo realizado sobre a criação dessa instituição articulado a Anna Nery e a Enfermagem evidenciou vestígio datado de 1893, no discurso de Joaquim Nabuco durante a quermesse organizada pela Comissão Central Cruz Vermelha, no Cassino Fluminense, intitulada “A favor dos feridos da Guerra Civil do Rio Grande do Sul” sobre a presença da Cruz Vermelha no Brasil. Desta forma, o estudo especula, que a idéia de criação da instituição era, possivelmente, ventilada pelos intelectuais e elite, mas que em virtude do movimento político pós-abolição da escravatura (1888) e diversas situações de insatisfação com o regime político, que o país se encontrava, a criação de uma Sociedade não era prioridade à época (PORTO, 2009, 50-51).

⁴¹ Primeiro presidente o médico sanitarista Oswaldo Cruz.

⁴² Jean Henry Dunant, filho e neto de magistrados, nascido em Genebra, Suíça, em 1828. Sua história de vida permite reconhecer que Henri Dunant recebeu educação esmerada em literatura, arqueologia e história, que lhe deram bases para suas finas observações, realizadas em suas viagens pela África e outros países a negócios. No retorno de uma de suas viagens, em junho de 1859, passou pelo campo de Solferino, após uma batalha que havia sido travada pela Itália e França contra a Áustria, em que estavam envolvidas mais de 200 mil pessoas, das quais cerca de 40 mil encontravam-se feridas ou mortas. Os dois lados beligerantes haviam pisoteado com seus cavalos os que estavam caídos. Ele procurou ajudar no tratamento e ficou impressionado com o abandono e o sofrimento daqueles soldados. Retornou à Genebra com a idéia de fazer alguma coisa pelos soldados feridos, começou a falar e a escrever sobre o que presenciara, incitando outras pessoas e autoridades civis, religiosas e da nobreza a prestar ajuda aos feridos e propôs a construção, em tempo de paz, de sociedades ou associações permanentes em cada país, com enfermeiros e voluntários para dar assistência às pessoas em tempo de guerra ou catástrofe, sem distinção de nacionalidade (OGUISSO, DUTRA, SOUZA CAMPOS, 2008).

campo de guerra que deveria ficar subordinado à disciplina militar do comandante (OGUISSO; DUTRA; SOUZA CAMPOS, 2008, p.23).

Neste sentido, os hospitais militares e ambulâncias, como médicos e enfermeiras, seriam considerados neutros e a área do hospital seria considerada zona de segurança. Todos deveriam usar um emblema, uma cruz na cor vermelha sobre fundo na cor branco em suas vestes, que passou a ser símbolo da organização em homenagem à Suíça, nas cores invertidas da bandeira daquele país. Essa convenção foi ratificada pelos doze países presentes, em 1864, e cresceu progressivamente, estando hoje presente em mais de cento e oitenta países (OGUISSO; DUTRA; SOUZA CAMPOS, 2008, p.23).

Em 1914, durante a I Guerra Mundial, com a finalidade de prestar auxílio por meio de um corpo de saúde, em especial, pelas Enfermeiras, no atendimento aos feridos e doentes em tempos de guerra e calamidade nacional, algumas Damas da Sociedade criaram a Comissão Feminina denominada Damas da Cruz Vermelha Brasileira. Esta mesma Comissão após a criação, propuseram à Diretoria da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira a criação do Curso de Enfermeiras Voluntárias, a qual funcionou até 1918 (PORTO; SANTOS, 2007, p.52).

Ressalta-se que antes da criação do Curso de Enfermeiras Voluntárias, no Rio de Janeiro, a Filial do Estado de São Paulo criou, em 1912, o Curso de Enfermeiras, tornando-se desta maneira o primeiro Curso de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira⁴³ (MOTT; TSUNECHIRO, 2002, p.594).

O Brasil, em 1916, anunciou a sua inserção no conflito internacional, quando as Damas da Cruz Vermelha propuseram, mais uma vez, a criação de outro curso destinado a formação de Enfermeiras Profissionais. Ao serem atendidas, foi também criada a Escola Prática de Enfermeiras, com o objetivo de ministrar as pessoas de sexo feminino instrução teórico-prática indispensável à profissão de enfermeira. Essa Escola funcionou anexa ao

⁴³ Esse curso funcionou em sede própria no centro da cidade de São Paulo, à rua Líbero Badaró, 595.

Dispensário para Assistência Médico-Cirúrgica da instituição⁴⁴, sob direção do Dr. Getúlio dos Santos⁴⁵, no período de 1917 a 1945 (SANTOS; PORTO, 2007, p.52).

As aspirantes para ingressarem na Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – elas deveriam apresentar para o:

- Curso de Enfermeira Voluntária (duração de 12 meses): ser sócia da Cruz Vermelha Brasileira; escrever no livro de registro da Escola seu nome, filiação, idade, naturalidade, estado civil e residência; as menores de 21 anos deveriam apresentar autorização de quem de direito, pai, tutor, marido, ou outro que tenha a responsabilidade sobre a candidata (CRUZ VERMELHA BRASILEIRAS, 1923, p.175-176); e o
- Curso de Enfermeira Profissional (duração de 24 meses): atestado de boa conduta, conferido por autoridade competente ou por pessoa idônea; atestado médico; certidão ou justificação de idade provando ser maior de 18 e menor de 35 anos; declaração de não está sofrendo de moléstias contagiosas; ser sócia da instituição; passar no exame de português - saber ler e escrever, e fazer as quatro operações aritméticas (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.190; MOTT; TSUNECHIRO, 2002, p.594).

A preocupação dos pré-requisitos para o ingresso das aspirantes a enfermeira na Escola Prática de Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira nos conduz a noção de *habitus*, um dos elementos da Teoria do Mundo Social de Pierre Bourdieu.

Louis Pinto (2000, p.38) um estudioso desta teoria depreendeu, por meio de proposições, que o *habitus* pode ser primário e secundário. O primário é aquele decorrente das experiências e aprendizado do indivíduo dentro de sua unidade familiar, grupal ou

⁴⁴ O dispensário institucional era dotado de consultórios, farmácia, laboratórios, dependências para os exames dos enfermos, curativos e intervenções cirúrgicas, situado na Praça Vieira Souto, atual Praça da Cruz Vermelha.

⁴⁵ Oficial do Serviço de Saúde do Exército, Diretor do Serviço Médico da Cruz Vermelha Brasileira e Secretário geral da Cruz Vermelha Brasileira.

comunitária de referência e o secundário, consequência da busca do sujeito, mesmo que sejam intencionais e compartilhados com outros indivíduos em um processo, de apropriação de conhecimento, habilidades bens ou relacionamentos no sentido de melhor ou qualificar a sua posição no jogo de forças sociais.

Neste sentido, a preocupação dos pré-requisitos para o ingresso na Escola Prática de Enfermeiras se referia aos *habitus* primários das candidatas para que fosse possível a inculcação dos *habitus* secundários.

Dentre os elementos de formação dos *habitus* secundários, o curso de enfermeira voluntária e profissional, as preparava para inúmeras atividades (serviços), das quais as enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira seriam prontamente responsáveis para atuarem no serviço de esterilização, na limpeza dos objetos usados pelos doentes, curativos, costura e tudo mais que fosse determinado pelos médicos (MOTT; TSUNECHIRO, 2002, p.595).

Apesar do empenho, comprometimento e dedicação em formar enfermeiras para atuarem na I Guerra Mundial os pesquisadores Fernando Porto e Tânia Cristina Franco Santos (2006), que investigaram, por meio da imprensa ilustrada, a exportação de Enfermeiras Brasileira oriundas da Cruz Vermelha Brasileira para o conflito internacional citam que, diante dos documentos a (in)visibilidade documental em relatórios institucionais, ainda, é perigoso a afirmação dessas profissionais na I Guerra Mundial.

O mesmo não se pode afirmar, por ocasião da epidemia de Gripe Espanhola, em especial, nos meses de outubro a dezembro de 1918. Esses meses marcaram o maior acontecimento para a vida da Cruz Vermelha Brasileira, por meio da atuação à sociedade aos acometidos pelo flagelo da influenza em tempos de paz (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.240).

À época da Gripe Espanhola o prédio da sede provisória da Cruz Vermelha Brasileira foi transformado em hospital, recebendo nas suas dependências os acometidos pela epidemia.

Neste sentido, os serviços das enfermeiras da instituição demonstraram a sociedade sua competência e abnegação nos cuidados aos doentes hospitalizados, nos serviços de atendimento domiciliar, institutos, postos de socorros e hospitais. Ademais, distribuíam gratuitamente medicamentos e alimentos, para mais de duas mil e trezentos e quatro pessoas, contra a doença epidêmica (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.31).

A Cruz Vermelha Brasileira nos espaços sociais do cuidar na Gripe Espanhola

A Cruz Vermelha Brasileira, em especial, as enfermeiras que atuam na gripe espanhola em diversos espaços sociais do cuidar, tais como: hospitalar, assistência/posto de socorro, escola, via pública e visita domiciliar, sendo capturadas as imagens pela mira do *click* fotográfico da imprensa ilustrada, em especial, da Revista Fon-Fon.

A Revista Fon-Fon, em 26 de outubro de 1918, com o título “*A Epidemia Reinante*” apresentou aos leitores 08 imagens em uma página, dos aspectos da epidemia, dentre elas, destacam-se duas imagens.

A primeira imagem (*fac-símile* n.1), apesar de pouca nítida, mostra um grupo misto composto de quinze pessoas - três homens e doze mulheres. Dois dos homens se encontram em trajes na cor clara e um no canto esquerdo na cor escura e as mulheres em trajes claros – uniformes com destaque na cor escura do símbolo da cruz.

A imagem é do tipo posado, retangular, em ambiente externo e natural. Nesse ambiente se vê ao fundo edificações com grades e janelas grandes, e do lado esquerdo do texto imagético, talvez, uma parede de outra edificação.

Este *fac-símile* foi acompanhado da legenda “*Dr. Getúlio dos Santos e grupo de enfermeiros*”. Ao se articular os retratados com a legenda identifica-se que, a redação da Revista Fon-Fon flexionou-a no gênero masculino, apesar da imagem apresentar majoritariamente mulheres no texto imagético.

Cabe destacar que ao centro do texto imagético se encontra o Dr Getúlio dos Santos ladeado por um grupo de enfermeiras e nas periferias da imagem – direita e esquerda – dois homens. A segunda enfermeira - da direita para a esquerda em primeiro plano - é a Sr^a Carolina Pinto⁴⁶.

A legenda na flexão no gênero masculino apresentado no *fac-símile* n. 1 para Bourdieu (1997, 26) se explica no sentido que, “*a foto não é nada sem legenda que diz o que é preciso ler – legendum -, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa*”. Além disso, a flexão no gênero masculino conduz a interpretação pela via da dominação masculina, que será melhor abordada no próximo capítulo por meio da análise de conjunto, mas mesmo assim não se sabe da presença de homens no corpo discente da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central - pelos estudos realizados, exceto na Cruz Vermelha Brasileira – Filial do Estado de São Paulo - registrado no estudo intitulado “Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916-1930)”, mas em 1926 (PORTO, OGUISSO e SOUZA CAMPOS, 2009, p.494).

Porém, ao cotejar a publicação da foto na revista Fon-Fon com a matéria do Jornal do Commercio do dia 21 de outubro de 1918, podemos inferir que o homem trajando roupa de cor clara no canto esquerdo seja o Sr Enfermeiro Prático da Cruz Vermelha Portuguesa Custodio Pinto de Carvalho, que de acordo com o Jornal do Commercio, havia se apresentado e oferecido seus serviços de enfermeiro prático no dia anterior (20/10/1918) a data de publicação da notícia (JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p. 3).

Nesse sentido, a Revista Fon-Fon utilizou-se da regra de gênero da gramática portuguesa, que determina, na presença de uma pessoa do gênero masculino em meio a muitas pessoas do gênero feminino, deverá flexionar o artigo para o masculino, ao confeccionar a legenda do *fac-símile* n.1.

⁴⁶ Enfermeira da segunda turma da Escola Prática de Enfermeira, formada em 1920 ela foi Ex-Enfermeira-Chefe do Dispensário Médico-Cirúrgica. Membro do Conselho Diretor da Cruz Vermelha e falecida em 23 de setembro de 1922. (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, 177)



Fac-símile n.1: “Dr. Getúlio dos Santos e grupo de enfermeiros” (REVISTA FON-FON, ANO 12 N. 43. 26-10-1918, p.30)

Outra imagem de foco mais próximo, de ângulo diferenciado foi veiculada na Revista da Semana sob o título “*O Altruísmo da Mulher Brasileira*” (1918) colabora na análise do texto fotográfico (*Fac-símile* D).



Fac-símile D: Enfermeiras na campanha de distribuição de alimentos em 1918 (REVISTA DA SEMANA, 1918, p.6).

A imagem deixa transparecer ter sido fotografada no mesmo instante que a anterior, se não for a mesma delimitada na altura da cintura e a exclusão dos homens nas laterais ao ser cotejada ao *fac-símile* letra D assertiva repousa no sentido da *hexis* corporal dos retratados, por exemplo, a quarta mulher – da esquerda para a direita - apresenta a mesma *hexis* corporal – cabeça lateralizada para a direita.

O *fac-símile* letra D é do tipo posada e retangular, também, mostra doze mulheres, trajando uniforme, algumas com véu e outras com gorro, ambas com o símbolo da cruz na altura do tórax e no gorro na região frontal, acompanhada da legenda: “O Dr Getúlio dos Santos, chefe da Cirurgia da Cruz Vermelha Brasileira e as damas Beneméritas da Cruz Vermelha” (REVISTA DA SEMANA, 1918, p.6).

O diretor da Escola, o Dr Getúlio dos Santos aparece, trajando “jaleco” de cor clara, de mangas compridas. O gorro ostenta o símbolo da cruz, assim como no jaleco na altura do tórax. Todas as mulheres usam trajes semelhantes, diferenciados pelo gorro e outras o véu, também, com o símbolo da cruz.

O *fac-símile* n. 2 se trata da outra imagem veiculada na mesma página que o *fac-símile* n. 1 na revista Fon-Fon. Esta imagem, deixa transparecer ser do tipo posada, geometricamente retangular e composta de um grupo misto de onze pessoas – seis de pé e cinco deitadas. Das pessoas de pé, quatro são mulheres em trajes claros, que ostentam véu e gorro com o símbolo da cruz e dois homens: um em trajes claros e gorro com o símbolo da cruz, um deles é o Dr. Getúlio dos Santos, e o outro em traje escuro.

A segunda mulher - da esquerda para a direita - se mostra em *hexis* corporal de mãos juntas na altura da cintura, que na leitura corporal, segundo a pesquisadora Anna Guglielmi se refere à pessoa ansiosa. Para aliviar a ansiedade é manter as mãos juntas e apertadas (GUGLIELMI, 2009, p.139). Essa *hexis* corporal articulada ao contexto imagético apresenta *nexus* causal, por se tratar de um momento de exposição da imagem pessoal e ao ser vista pelos leitores se torna no grupo, um membro depositária da crença simbólica na instituição, a qual ostenta o símbolo da Cruz Vermelha Brasileira.

Os cinco deitados e cobertos nos leitos parecem serem do sexo masculino, o que se infere serem vítimas do flagelo da gripe. Um desses enfermos chama a atenção pela *hexis* corporal, o segundo deitado com os braços levantados - da esquerda para a direita -, apesar de

não se encontrar dormindo, essa expressão corporal em linguagem própria se trata de alguém com algumas características, como: seguro de si; sabe se controlar; tem auto-conhecimento, é independente; dinâmico e tem personalidade forte (GUGLIELMI, 2009, p.123).

Ao acaso ou não esse retratado se encontra próximo ao centro do texto imagético, o que converge, direta ou indiretamente, para os adjetivos atribuídos, como uma maneira de se expressar na linguagem corporal, o que se leva a inferência da credibilidade dos cuidados prestados pelas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

O ambiente do texto fotográfico é interno e natural, com atributos de paisagens: quadros decorativos, armários, leitos próximos uns aos outros, cobertas e de possível pé direito alto da edificação.



Fac-símile n.2: “Uma das salas da Cruz Vermelha Brasileira onde foram acolhidos inúmeros enfermos” (REVISTA FON-FON, ANO 12 N. 43. 26-10-1918, p.30).

Esse espaço físico com os referentes atributos se localiza em uma das salas da Cruz Vermelha Brasileira, por meio da legenda “*Uma das salas da Cruz Vermelha Brasileira onde foram acolhidos inúmeros enfermos*”.

Neste sentido se faz mister demonstrar os cuidados dispensados pela Cruz Vermelha Brasileira no atendimento aos acometidos de Gripe Espanhola, conforme a descrição do Dr Getúlio dos Santos. Desse modo, Getúlio dos Santos realizou referências quanto ao cuidado

na organização do ambiente das salas de aulas, do consultório de homens, do quarto dos operados, do hall de costuras e do barracão, todos estavam ocupados por leitos, onde se viam homens, mulheres e crianças.

O consultório das mulheres foi transformado em rouparia dos enfermos e a sala de espera anexa, em depósito de mortos, ficando no laboratório instalado o serviço de copa. Existiam leitos para o repouso das enfermarias no vestiário das alunas e no depósito de roupas, e o refeitório instalou-se na portaria. Para o cuidado aos pacientes, adotou-se o tratamento, clássico, constou-se de purgativo inicial, quinino e aspirina ou outros analgésicos, antipiréticos, benzoato de sódio, acetato de amônio, além do trivial anti-infeccioso, justificado pelas formas clínicas dos internados que variavam de hipertermia de origem reumática, nervosa, a traqueo-bronquica, pulmonar e hemorrágica (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.244).

Outros espaços veiculados pela Revista Fon-Fon para a prestação de cuidados pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha foram: Escola Deodoro, Escola Benjamin Constant, Escola Nilo Peçanha, Hospital/Posto de Assistência no Meyer.

Na Escola Deodoro⁴⁷ a imprensa ilustrada registrou duas imagens com enfermos deitados ao piso. O *fac-símile* n. 3, tipo posado, geometricamente regular e composta de grupo misto de sete pessoas, sendo: uma mulher de pé, em trajes claros – uniforme - e gorro com o símbolo da cruz; três homens de pé – em segundo plano – em trajes claros. O primeiro da direita para a esquerda ostenta um gorro. Ao fundo é possível identificar um homem, mas de pouco nitidez. Em primeiro plano, duas, possíveis, criança/adolescente deitados ao piso.

⁴⁷ Situada à Rua da Gloria, n.29.



Fac-símile n.3 – “Enfermarias na Escola Deodoro” (REVISTA FON-FON, ANO 12 n.44 02/11/1918, p.21).

Dos dois menores, um pela imagem veiculada na página da Revista Fon-Fon parece ter a *cútis* escura. Ambos se encontram próximos, deitados em colchão cobertos com panos estampados e de camisa clara – vítimas da gripe espanhola.

O ambiente é interno e natural, na parte posterior dos deitados identifica-se uma porta alta e larga, comparada aos dois menores deitados, o que se leva a indução de ser um espaço amplo, inclusive de pé direito alto pela perspectiva da imagem.

O *fac-símile* n. 4, tipo posado, geometricamente irregular composta de oito pessoas de corpo inteiro. No centro fotográfico se encontram três retratados – uma mulher em traje claro e gorro, com símbolo da cruz e dois homens de “jaleco” na cor claro e calça escura, destacando que um deles a face não é possível se identificar em virtude da claridade ou borrão na cor clara.

No lado esquerdo é possível de se identificar três homens – do fundo para frente – um no meio sentado, recostado na parede; o segundo deitado e o terceiro sentado sem apoio nas costas – todos no piso da instituição. Do lado direito, duas pessoas semi-deitadas apoiadas em um dos braços.

Em primeiro plano, parece, três leitos sem a garantia de estarem ocupados naquele momento pela posição das roupas de cama.



Fac-símile n. 4 - “Enfermarias na Escola Deodoro”. (REVISTA FON-FON, ANO 12 n.44 02/11/1918, p.21).

O ambiente é interno e natural, o piso induz a ser em madeira, nas laterais do texto imagético aparecem grades, podendo ser madeiras trabalhadas, comum para àquela época, em especial, para as edificações com mais de um pavimento. Caso seja a área poderia ser de circulação, por exemplo, um corredor.

Os *fac-símiles* n.3 e 4 foram acompanhadas da mesma legenda “*Enfermarias na Escola Deodoro*”. Neste sentido, a legenda articulada aos textos imagéticos merece credibilidade na informação, pois um dos critérios de seleção de imagens para veiculação na imprensa é o sensacionalismo (BOURDIEU, 1997, p.25).

Para tanto, registrar o atendimento aos acometidos pela gripe espanhola no piso e em área de circulação da Escola Deodoro, de fato mereceu destaque na Revista Fon-Fon. Em outras palavras, o leitor ao ver uma imagem como àquela veiculada na imprensa, desencadeava o gatilho mental da dimensão da gravidade da epidemia no Rio de Janeiro e a

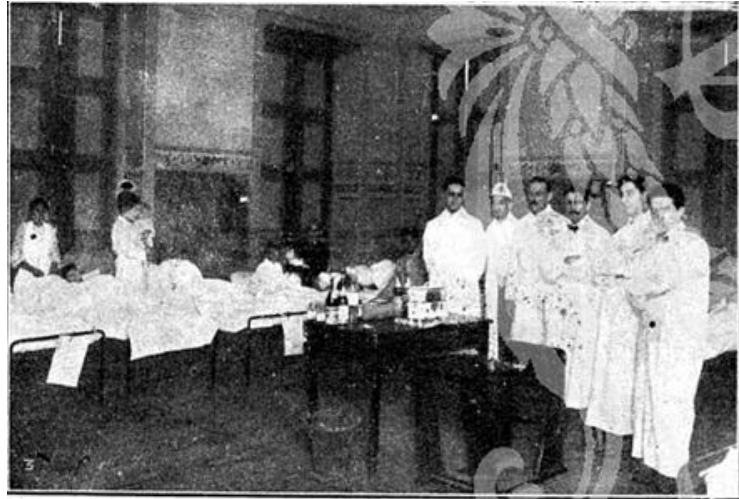
ausência de leitos que provia as instituições de saúde à época, mesmo porque nenhum governo está aparelhado contra uma epidemia, seu surgimento é sempre uma surpresa.

A Escola Benjamin Constant⁴⁸ foi outra instituição de ensino que se destinou ao atendimento de cuidados àqueles acometidos pela gripe espanhola. O *fac-símile* n. 5 tipo meio posado em primeiro plano e flagrante ao fundo pelo movimento da segunda mulher – da direita para a esquerda. A mesma é geometricamente retangular, composta de onze pessoas. Destas oito são homens.

No primeiro plano os seis homens de pé trajam vestes na cor clara e o primeiro - da esquerda para direita – usa um gorro com o símbolo da cruz e todos de jalecos e calças escuras. Ao fundo dois homens, possivelmente, trajando ternos um na cor cinza e outra na cor escura. No canto – da esquerda para direita – duas mulheres: uma de frente e outra de perfil, em trajes claros.

O ambiente é interno e natural com os atributos de paisagem de pelo menos quatro leitos, uma mesa ao centro da imagem com alguns objetos, esses parecem ser medicamentos ou substâncias utilizadas no tratamentos dos enfermos, dentre outros mobiliários, merece destaque a composição da cama, pois na beira do leito podemos inferir ser prontuários contendo as informações do respectivo paciente internado. Ao fundo parece se ver três portas altas e largas.

⁴⁸ Situada na Praça Onze de Junho.



Fac-símile n. 5 - “Grupo de enfermeiros” (REVISTA FON-FON, ANO 12 n.44 02/11/1918, p.22).

A legenda da imagem registra se tratar de um “*Grupo de Enfermeiros*”. Mais uma vez se observa a flexão do gênero masculino na legenda, podendo se inferir que os homens em primeiro plano sejam enfermeiros, mas como também poderiam ser médicos. Opta-se pela inferência de serem pelos menos dos seis. Dois parecem ser médicos pelos trajés. Em outras palavras, esses dois ostentam gravata do tipo borboleta.

Uma deferência que destaca na imagem é a *hexis* corporal dos três primeiros homens – da direita para esquerda – se encontram de braços cruzados. Esta linguagem corporal induz pelo código postural, alguma coisa não concordante (GUGLIELMI, 2009, p.132).

Essa postura nos conduz que eles, provavelmente, não concordavam no registro imagético daqueles cuidados prestados ou algo na mesma linha de pensamento. Isso pode ser verificado pela distância do foco da câmera sobre os leitos. Por outro lado, a postura fechada também pode ser interpretada como uma das maneiras de demonstrar a autoridade no espaço. Depreende-se que a presença de homens em trajés na cor clara pode significar, discordância pela exposição da figura de quem era cuidado, bem como a autoridade no espaço social do cuidar, ratificado pelo foco da câmera distanciado dos enfermos e das duas mulheres ao fundo em ato de cuidar.

No espaço social da Escola Nilo Peçanha⁴⁹ em foto posada registrada no *fac-símile* n. 6, geometricamente retangular e composta por vinte e três retratados em grupo misto – treze homens e dez mulheres, que em sua maioria trajam vestes na cor clara. Do grupo masculino alguns retratados chamavam a atenção, sendo eles: o quarto - da esquerda para a direita, em primeiro plano -, o sexto – da esquerda da direita, em segundo plano – ambos de terno na cor escura e camisa clara e o quarto – da esquerda para a direita, no segundo plano – em traje na cor clara a ostentação do gorro da mesma cor.

Cabe registrar que o retratado de terno no centro óptico do texto imagético, segundo a legenda que acompanha a imagem é Dr. Alvarez Peres⁵⁰ – responsável pela direção do posto de assistência.

No grupo de mulheres, destacam-se a sexta e a oitava - da esquerda para a direita, em primeiro plano. A primeira se encontra em trajes escuros diferente das demais, o que possibilita a inferência de que não se trata de uma pessoa ligada diretamente aos cuidados dos enfermos, diferentemente da outra, no centro óptico do texto fotográfico, em trajes na cor clara, ostentando na altura do peito, o símbolo da cruz, o que conduz a leitura imagética ser mais provável de se tratar de uma enfermeira, principalmente, pelo símbolo que ostenta.



Fac-símile n. 6 – “Diversos aspectos da Escola Nilo Peçanha, transformada em Posto de Assistência, sob a direção do Dr. Alvarez Peres, que se vê ao alto, à esquerda, assinalado por uma estrela” (REVISTA FON-FON, ANO 12 n.45 09/11/1918, p.22)

⁴⁹ Rua Pedro II. São Cristóvão.

⁵⁰ Médico responsável pelo atendimento nomeado pelo Dr Carlos Chagas.

O cenário do *fac-símile* n. 6 é externo e natural, que se acredita ser parte da composição da edificação da instituição com paredes, ao fundo, altas, de janela ampla e grande, portas largas e o piso em dois patamares pelo arranjo dos retratados na imagem.

A imagem foi acompanhada pela legenda “*Diversos aspectos da Escola Nilo Peçanha, transformada em Posto de Assistência, sob a direção do Dr. Alvarez Peres, que se vê ao alto, à esquerda, assinalado por uma estrela*”.

O *fac-símile* n.6 para o leitor apresenta-se como efeito de demonstração. Em outras palavras, pode ser entendido no sentido de transmitir à sociedade que, apesar, da calamidade os acometidos pela gripe espanhola se encontravam assistidos por grupo de pessoas envolvidas e que o governo, por meio de ajuda de vários profissionais, teria transformado o espaço de transmissão de capital escolar em espaço social do cuidar.

Na imagem a seguir, identificada como *fac-símile* n. 7, entendida como posada, geometricamente retangular, no Posto do Meyer, pode-se visualizar grupo misto composto de doze pessoas – seis homens, três mulheres e três enfermos cobertos de rosto voltados para posição contrária da lente da câmera fotográfica. Observa-se que o arranjo fotográfico lembra um semi-circulo, estando nas pontas da composição dois homens e ao meio – ao fundo – três mulheres e um homem.

Os homens se encontram em trajes claros, um deles – da esquerda para direita – ostenta um gorro e o símbolo da cruz e ao fundo, o quarto homem – da esquerda para a direita – traja terno de cor escura, camisa clara e usa gravata tipo conhecida “borboleta”.

No grupo de mulheres, uma traja veste na cor escura – ao fundo do texto imagético – e entre as outras duas em trajes na cor clara, a quarta - da esquerda para a direita – traja véu e ostenta o símbolo da cruz na região frontal e na altura do tórax do lado direito, distinguindo-se da outra que parece sustentar em sua cabeça um gorro sem símbolo.

A *hexis* corporal dos retratados, destacam-se dos enfermos. Estes parecem protegidos, por meio da linguagem corporal, pelos profissionais da cena da imagem. A proteção inferida é possível de ser observada, em especial, pela enfermeira, trajando véu e o símbolo da cruz, ao apoiar a cabeça do enfermo para o lado contrário da mira da lente da máquina fotográfica e ter o olhar direcionado para o mesmo, e a outra mulher apóia os membros inferiores deles, porém, com o olhar direcionado para a mira do *clik* fotográfico.



Fac-símile n. 7 - “Assistência do Meyer” (REVISTA FON-FON, ANO 12 n.45 09/11/1918, p. 24).

Cabe ressaltar que a primeira vista, a imagem deixava dúvida de ser posada em virtude do olhar dos retratados ao fundo direcionados para o enfermo, mas em análise perscrutada identificou-se que, o olhar daqueles profissionais mais se aproximava no sentido de proteção ao mesmo interpretado pela posição ética. Associado a isto, também, se observou que os outros dois enfermos a imagem do rosto também não parecem na foto, o que conduziu a assertiva da imagem ter sido posada.

O cenário da imagem é interno e natural composto por atributos de pelo menos três leitos, coberta em estamparia em cor diversificada, o que conduz a interpretação de se tratar de uma enfermaria no Posto do Meyer⁵¹.

⁵¹ Inserido no quartel de Bombeiros do Bairro, na rua Imperial, Villa 155.

Afirma-se se tratar a localização no espaço social do cuidar no bairro do Meyer em virtude da informação da legenda “*Assistência do Meyer*”. Nesta imagem, o que mais se destacou na análise foi o entendimento da mensagem ética na atitude dos três profissionais em protegerem a identidade do enfermo. Em outras palavras, a demonstração à sociedade nas páginas da revista Fon-Fon de um cuidado ético.



Fac-símile n. 8 – “Grupo tirado no Hospital e Posto de Assistência no Meyer, actualmente fechado e cuja direcção esteve a cargo do dedicado Dr. Castro Barreto; o 8^o a partir da esquerda, sentado” (REVISTA FON-FON, ANO 12 n.52 28/12/1918, p.49).

Na última imagem do *corpus* de análise se apresenta o *fac-símile* n.8 tipo posada, geometricamente retangular e composta de grupo misto com trinta e oito pessoas – trinta e quatro homens e quatro mulheres, pode-se inferir que remete a impressão de missão cumprida no atendimento aos acometidos de Gripe Espanhola. Dos homens se destaca o oitavo – da esquerda para a direita, sentado - o Dr. Castro Barreto⁵², responsável pela direcção do espaço social do cuidar aos enfermos da gripe espanhola, que traja “jaleco” na cor clara e gorro com o símbolo da cruz.

Ressalta-se que do grupo masculino, vinte deles apresentam-se com gorro e o símbolo da cruz. Além disso, o símbolo da cruz se destaca também no primeiro retratado de pé - da

⁵² Médico sanitaria e também roteriano, defendia a eugeniização da infância, foi um dos primeiros médicos a descrever as condições de vida nas favelas do Rio de Janeiro por meio de fotografias, sobretudo de crianças. (In: Barreto, Castro. O médico e o culto da raça. Revista Brasil Médico. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol.11, 2 de out. 1922, p.208.

direita para esquerda no segundo plano - e o primeiro de pé – direita para esquerda em terceiro plano - ambos ostentando braçal.

Do grupo feminino, quatro mulheres em trajés claros – uniforme – com destaque para o véu e o símbolo da cruz na região frontal e na altura do tórax. Destaca-se que, o grupo de mulheres aparecem no arranjo fotográfico ao fundo e no terceiro plano fotográfico. Isto na leitura da *hexis* corporal pode ser entendida como hierarquia no espaço social do cuidar.

O cenário da imagem parece ser externo e natural, sem muitos destaques para se descrever os atributos de paisagem, mas a assertiva que nesse espaço ter-se-ia o uso de catorze cadeiras, pela *hexis* corporal dos retratos no primeiro plano fotográfico. Outro atributo de paisagem que se pode deduzir é a presença de degraus, também, em virtude da *hexis* corporal e do arranjo fotográfico de segundo e terceiro plano pela altura dispostas entre os retratados.

Para tanto, o *fac-símile* n. 8 foi acompanhado pela legenda “*Grupo tirado no Hospital Posto de Assistência no Meyer, actualmente fechado e cuja direcção esteve a cargo do dedicado Dr. Castro Barreto; o 8^o a partir da esquerda, sentado*”, o que direccionou o leitor para a localização do espaço social do cuidar e a identificação do retratado de maior importância no texto imagético.

Os *fac-símiles* ofereceram indicações sobre a realidade que retrataram o olhar daquele que a produziu, o que ratificou a fotografia como artefato e fonte documental imagética. Outro dado que se refere o momento da tomada da fotográfica, é a fração de segundos em que a luz incide sobre o substrato material, a partir do qual pode ser viabilizada materialmente a fotografia, testemunho do encontro físico entre o fotógrafo e os sujeitos que este capta visualmente por meio da câmara, pois nenhuma fotografia escapa a um olhar enunciativo (FREHSE, 2005, p.186).

Neste sentido, os *fac-símiles* veiculados nas páginas da Revista da Fon-Fon são testemunhos olhar do encontro físico entre fotógrafo e retratados, que começou com a escolha do fotógrafo e termina muito tempo depois, como, por exemplo, a opção pela temática do presente estudo, que à primeira vista, pareceu prosaico e pouco revelador, sendo assim às imagens dos retratados nos respectivos cenários são evidências da atuação da Cruz Vermelha Brasileira, em especial, das Enfermeiras na atuação da gripe espanhola.

Os retratados, principalmente, das Enfermeiras, pelo arranjo imagético, nas imagens se encontram acompanhadas por figuras masculinas sem a exclusividade de texto fotográfico feminino, portanto, aparecem tuteladas pelos homens.

Outro dado relevante, é a preocupação de alguns profissionais na proteção da identidade dos enfermos, o que foi entendido com um cuidado ético. Isto para o momento da construção da imagem pública da enfermeira pode ser entendido no sentido das Enfermeiras ao serem veiculadas na imprensa, se portavam ao lado da figura masculina, em trajés na cor clara, na maioria das vezes de véu ou gorro, com o símbolo da cruz e os homens de terno, gravata de diversos tipos, “jaleco” na cor clara e algumas vezes de gorro.

As cenas transcorreram em ambientes naturais e na maioria interno com atributos de paisagens, majoritariamente: leito e coberta.

Desta forma, os atributos pessoais das Enfermeiras serão decodificados no capítulo três no sentido do aprofundamento da análise para dar seguimento aos elementos simbólicos na construção da imagem da enfermeira na gripe espanhola da Revista Fon-Fon.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES OBJETAIS DAS ENFERMEIRAS VEICULADAS PELA REVISTA FON-FON

Introdução

Este capítulo analisou as retratadas nas imagens dos *fac-símiles* veiculados na revista Fon-Fon no viés do gênero, considerando os estudos que, também quantificaram a presença dos gêneros nas imagens analisadas, os quais identificaram a predominância do masculino.

No que se refere às representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, no atendimento de cuidados aos acometidos pela gripe espanhola, o significado das roupas na formação da identidade profissional, foi discorrida à luz da literatura da moda, que permitiu entender não só o significado do vestuário, mas também contribuiu na decodificação do sentido de uma pessoa ostentar o uniforme.

Neste sentido, os uniformes das Enfermeiras foram desmontados, teoricamente, peça por peça e acessório por acessório, no eixo teórico do referencial de Bourdieu articulado aos teóricos da história da moda, compreendidos no: véu, gorro, gola, avental, sapato, cor e símbolo da cruz.

Ademais, foi analisado o significado do cabelo articulado aos acessórios de uso na cabeça e a ausência do braçal como parte da composição do uniforme das Enfermeiras, identificação de atuação da Cruz Vermelha Brasileira em tempos de paz e guerra, no caso do estudo na gripe espanhola.

Os retratados nas imagens dos *fac-símiles* veiculados na revista Fon-Fon

Em análise de conjunto das imagens dos *fac-símiles* da Revista Fon-Fon, a questão de gênero se destaca. Dentre os estudos que, também, destacaram o gênero como categoria de análise que evidenciaram os resultados da pesquisadora Tânia Cristina Franco Santos (1999) e Fernando Porto (2007 e 2009).

Estes estudos são oriundos de duas teses de doutorado (Santos, 1999 e Porto 2007) produzidas no Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS) da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um relatório de Estágio de Pós-doutoramento (Porto, 2009) produzido no grupo de pesquisa História e Legislação da Enfermagem, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que registram a dominação masculina nas imagens analisadas, pois as posições no arranjo fotográfico reafirmam as oposições fundantes da divisão sexual e social do trabalho.

Nesta perspectiva, se seu a construção da tabela número 6, no sentido de evidenciar a categoria de gênero para análise.

Tabela nº6: Os retratados nas imagens dos *fac-símiles* veiculados na Revista Fon-Fon.

Número da imagem dos <i>Fac-símiles</i>	Homens	Mulheres	Sem identificação	Subtotais
• <i>Fac-símile</i> de n. 1	03	12	Não Há	15
• <i>Fac-símile</i> de n. 2	07	04	Não Há	11
• <i>Fac-símile</i> de n. 3	06	01	Não Há	7
• <i>Fac-símile</i> de n. 4	07	01	Não Há	8
• <i>Fac-símile</i> de n. 5	08	02	02	12
• <i>Fac-símile</i> de n. 6	13	10	Não Há	25
• <i>Fac-símile</i> de n. 7	06	03	03	9
• <i>Fac-símile</i> de n. 8	34	04	Não Há	38
Subtotais	84	37	05	126
Total	126			

Fonte: Matriz de Análise

A tabela de número 6 apresenta a frequência acentuada de oitenta e quatro homens cotejada às trinta e sete mulheres, e por cinco sem identificação. Neste caso, os homens são,

majoritariamente, médicos e autoridades políticas e a maioria das mulheres são Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Porto (2009) identificou o mesmo dado, no sentido majoritário da figura masculina, em estudo realizado sobre a História da Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, por meio do rito institucional de descerramento do monumento de Anna Nery, em 1956, nas cercanias do edifício sede da Cruz Vermelha Brasileira no Rio de Janeiro, evidenciando 79 homens e 42 mulheres.

Para tanto, ele atribuiu o significado, aplicando a noção de dominação masculina preconizada por Bourdieu, no sentido do *habitus* masculino que difere do feminino, ou seja, cabe ao homem o lado externo, o público, por exemplo; e à mulher o lado interno e privado (BOURDIEU, 2003b, p.41). Nesta aplicação, o estudo especulou que a organização do rito institucional, ocorreu pelo masculino; mas com a operacionalização do feminino, motivo pelo qual a presença feminina se torna minoritária, tal qual em uma festa social, onde os empregados – estrutura básica de funcionamento da festa – aparecem de forma discreta sem marca de presença relevante (PORTO, 2009).

Nesta mesma perspectiva, o quantitativo do gênero masculino predominante nas imagens referentes ao cenário do espaço social do cuidar na gripe espanhola, coube ao gênero feminino no sentido de retaguarda, interno, seco e privado, conforme Bourdieu descreve o esquema sinóptico das oposições, que em suas próprias palavras se trata

Um papel equivalente ao que incumbe ao campo (...) nas sociedades diferenciadas; na medida em que os princípios de visão e divisão que ele propõe estão objetivamente ajustados às divisões pré-existentes, ele consagra a ordem estabelecida, trazendo-a à existência conhecida e reconhecida, oficial. (BOURDIEU, 2003b, p.17).

O esquema proposto por Bourdieu oferece certa explicação para a minoria do gênero feminino nos *fac-símiles*, referentes às imagens capturadas e veiculadas na revista Fon-Fon, que, também, pode ser entendida como o cuidado à época, sendo considerada, ainda, como prática da vida privada, apesar da ocupação de Enfermeiras nos Hospitais e Casas de Saúde à época.

O significado das roupas na formação da identidade

As roupas, segundo Alston Lurie, possuem códigos, que pela comunicação visual pode revelar o sexo biológico, idade, classe social, opiniões, personalidade e estilo de vida pelo que se veste. Vestir-se é se comunicar socialmente, por meio de uma linguagem específica da moda, com os seus pares ou não. Além disso, a roupa desempenha um papel da expressão da cultura, que tem significado para cada época, possuindo linguagem específica que revela o tempo vivido (LURIE, 1997, p.29-30 e 135).

Nesta perspectiva, a escolha do vestuário propicia excelente campo para análise de como as pessoas interpretam determinadas formas de cultura para o seu próprio uso, forma essa que inclui normas sobre a aparência, que se considera apropriada num determinado período, evidenciando *status* social e de gênero. O vestuário constitui indicações de como as pessoas vêm em suas posições nas estruturas sociais, bem como seus limites, pois elas constituem parte da construção da identidade (CRANE, 2006, p.21).

Ademais, as roupas criam comportamentos por sua capacidade de impor identidade permitindo desta maneira que as pessoas as afirmem. Por outro lado, podem ser entendida como uma das maneiras, dita na voz corrente, impor uma identidade na forma de “camisa-de-força”. Neste sentido, os uniformes impõem identidade às pessoas que os usam de forma mais ou menos voluntária (CRANE, 2006, p.22).

Uniforme

A história dos uniformes possui influência da organização militar. Daniel Roche (2007), professor da Universidade de Paris e diretor na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*, na obra “A cultura das aparências – uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)”, em especial, no capítulo “A disciplina das aparências: o prestígio do uniforme” destaca que é recente a origem dos uniformes. O vocábulo e a indumentária têm menos de três séculos, no sentido de ser traje militar definido por ordens e decretos, considerando que as iniciativas em uniformizar os soldados em armas, ainda, precisam ser abordada (ROCHE, 2007, p.228).

Ressalta-se que a assertiva de Roche (2007) encontra aderência, por exemplo, na obra da autora Melissa Leventon (2009) intitulada “História ilustrada do vestuário – um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth”, que expõe de forma descritiva o vestuário da delimitação temporal proposta e dentre eles alguns uniformes militares.

Daniel Roche cita que a roupa do soldado se torna uma distinção social reconhecida naqueles que vestem e para a sociedade que os reconhecem. O uniforme militar serve para cimentar a unidade do mundo militar. Além disso, ele impõe várias mudanças fundamentais na sociedade, consolida o Regime Monárquico na Europa, o desenvolvimento do Exército, a generalização das armas de fogo na infantaria e o nascimento da moderna artilharia, o início da separação entre sociedade civil e militar, estabelecendo novas relações entre a nobreza e o rei, entre a burguesia e o monarca, quando o prestígio das armas começava a se apagar no horizonte mental das elites e da população, bem como impõe disciplina, constitui militares, se torna mercado de recrutamento, estabelece distinções hierárquicas e identifica militares em conflito (ROCHE, 2009, p.230-259).

Diana Crane (2006), professora emérita de sociologia na Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, na obra “A moda e seu papel social – classe gênero e identidade das roupas” relata que uniformes, vestuários de trabalho é a diferenciação de classe, é um dos elementos simbólicos para àqueles que o trajam. Em outras palavras, as fronteiras de classes representadas por certos aspectos do vestuário de classes alta e média começam a desaparecer em meados do século XIX, quando cotejadas as mesmas classes do século XVIII. A autora entende que, esse vestuário passou a ser diferenciados, por meio de uniformes e vestuários de trabalho, a saber, em três categorias: uniformes de funcionários públicos: policiais carteiros, bombeiros, ferroviários, militares, médicos e enfermeiras; vestuário de trabalho de empregados de negócios privados: lojas, departamentos e fábricas, e uniformes de criados domésticos. Os uniformes, ao contrário dos trajes de trabalho, eram propositadamente desenvolvidos para atender às necessidades das organizações de distinguir diferentes níveis de graduação entre àqueles que os trajavam (CRANE, 2006, p.178-179).

Em meio às páginas da obra de Diana Crane se encontra uma imagem datada de 1898, que a primeira vista poderia ser pensada como um grupo de enfermeiras, com *hexis* corporal, arranjo fotográfico e as representações objetais ostentadas próximas de outra imagem clássica para a enfermagem de Florence Nightingale com as aspirantes ou enfermeiras (Ver *fac-símiles* letras E e F).



Fac-símile letra E- Florence Nightingale e às aspirantes a enfermeira. (<http://www.florence-nightingale-foundation.org.uk/>)



Fac-símile letra F – Criados da condessa de Warwick, usando uniforme que indicam suas diferentes funções na casa (Inglaterra, 1898) (CRANE, 2006, p.189)

Crane (2009,188) relata que a imagem do *fac-símile* letra F foi registrada na Inglaterra, em 1898, tendo ao centro a condessa Warwick, oito criadas de nível hierárquico mais baixo, usando vestidos estampados, toucados engomados, golas postiças e aventais; duas copeiras com toucados mais alto, golas postiças e três lacaios com gravatas brancas e fraques de *libré* com botões de metal; a cozinheira usando um avental com peitilho; o mordomo usando roupas formais; e a governanta vestindo roupa preta, sem avental, demonstrando imagneticamente uma rígida hierarquia de status entre eles.

O *fac-símile* letra E se tem no centro do texto fotográfico Florence Nightingale, dezessete aspirantes ou enfermeiras, usando vestidos na cor escura, aventais, toucados; ao centro, mas em segundo plano uma mulher em trajes na cor escura e com touca; e um homem do lado esquerdo de Florence em traje social masculino à época.

Em paralelo as duas imagens revelam semelhanças no arranjo fotográfico, bem como pelos atributos pessoais. Depreende-se daí que, que as vestes das empregadas da condessa e das aspirantes ou enfermeiras de Florence, pelos trajes apresentadas – touca, avental e vestido – para um leigo ou leitor desavisado, a imagem deixa transparecer serem pessoas que pertencem ao mesmo nível hierárquico e possuem mesma identidade profissional pela semelhança dos trajes apresentados.

Sejam do mesmo nível hierárquico ou não, Toby Fischer-Mirikin - membro da comunidade da moda, escritora do New York Daily News e Orange Coutry Register – afirmam que a moda transmite às mulheres uma mensagem, às vezes, nem tão sutil na ideologia “*vistam estas roupas e também se sentirão poderosas*”, em especial, no que se refere ao uniforme militar que tem significado de força e poder ao proclamar, ao mesmo tempo, autoridade e cooperação. Ademais, esclarece que as profissões de assistência, entendidas como àquelas das áreas da educação e da saúde, devem usar roupas confortáveis que comuniquem “*não vou julgar, intimidar ou magoar você. Sou uma pessoa exatamente como você, que pode compreender as suas preocupações*” (FISCHER-MIRIKIN, 2001, p.85 e 106).

Neste sentido, Lurie afirma que:

O uniforme é, com freqüência, consciente e deliberadamente simbólico. Identifica aquele que o veste como membro de algum grupo e muitas vezes o situa em uma hierarquia, fornece informações sobre suas realizações, assim como os distintivos de mérito e os galões de batalha de um general. O uniforme simboliza uma forma extrema de roupa convencional, sendo um traje totalmente determinado pelo outro e que, em termos de discurso falado, representa estar, parcial ou totalmente, sob censura (LUIRE, 1997, p. 33-34).

O excerto aplicado ao uniforme das Enfermeiras para Galindo Huertas – *Universidad Pedagógica y Tecnológica de Columbia, Facultad Ciências de la Salud, da Escuela de Enfermería de Tunja* – é um instrumento de comunicação de idéias e pensamentos que transmitem significado e permite pensar mediante imagens, formação de conceitos, com implicação simbólica de valor no sentido de se atentar contra valores próprios, ligados aos objetos históricos (HUERTAS, 2006, p.24).

Entende-se, assim, que o uniforme da Enfermeira é de configuração histórica e transmite significados na representação simbólica com vestígios na tradição religiosa, por aludir às vestes das monjas. Esta alusão as monjas, também, faz com que a sociedade se

remeta ao arquétipo das religiosas em imagem mental, explicada pela influência monástica que se reflete nos uniformes e *habitus*, que as Enfermeiras deveriam, direta ou indiretamente, seguir ao cuidar do seu próximo.

Ademais, Huerta (2006: 24-25) esclarece que, por ser o uniforme um instrumento de comunicação de idéias e pensamentos, no caso das Enfermeiras traduzia a credibilidade social de moral elevada e valores culturais, que se perpetuaram durante anos ou séculos condicionado ao gênero feminino. Esta credibilidade, também, significava *status* no estrato social, em especial, no sentido de humildade, obediência e serviço, bem como certo tipo de hierarquia herdada desde tempos em que Florence participou da Guerra da Criméia potencializada pela influência militar.

Mediante ao exposto sobre o uniforme das Enfermeiras, esse sofreu influência das organizações militares e se encontram imbricados, direta ou indiretamente, na ideologia religiosa, o qual no decorrer dos tempos acompanhou a moda feminina de cada época. Desta forma, por meio dos trajes da Enfermeira, valores culturais e distinções produziu sentido na crença simbólica da formação da identidade profissional como instrumento de comunicação de idéias e pensamentos.

Representações objetais ostentadas pelas enfermeiras em seus uniformes

Como discorreremos sobre o significado do uniforme, a partir daqui o estudo irá analisar os elementos simbólicos que compõem a veste da Enfermeira, destacando: o vestido e seus tipos de mangas, o avental, o gorro, o véu, o símbolo da cruz, o sapato. (ver quadro demonstrativo n.º.3).

Quadro Demonstrativo n.º.3- Representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras nas imagens dos *fac-símiles* veiculados na Revista Fon-Fon.

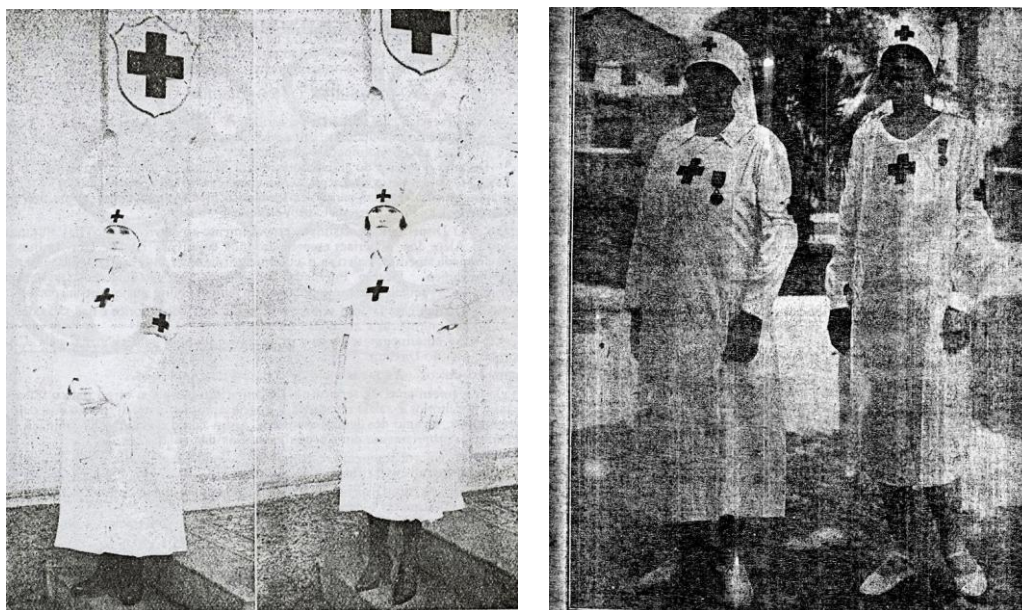
Numero da imagem do <i>Fac-símile</i>	Representações objetais ostentados pelas enfermeiras
• <i>Fac-símile</i> de n. 1	Uniforme: vestido, gorro, véu e símbolo da cruz
• <i>Fac-símile</i> de n. 2	Uniforme: vestido, mangas, gorro, véu e símbolo da cruz
• <i>Fac-símile</i> de n. 3	Uniforme: vestido, mangas, gorro e símbolo da cruz
• <i>Fac-símile</i> de n. 4	Uniforme: vestido, gorro, e símbolo da cruz
• <i>Fac-símile</i> de n. 5	Uniforme: vestido, mangas, avental e símbolo da cruz
• <i>Fac-símile</i> de n. 6	Uniforme: vestido, avental, símbolo da cruz e sapatos
• <i>Fac-símile</i> de n. 7	Uniforme: vestido, gorro, véu e símbolo da cruz
• <i>Fac-símile</i> de n. 8	Uniforme: vestido, véu e símbolo da cruz

Fonte: Matriz de Análise

Os uniformes evidenciados nos *fac-símiles* mencionados no quadro demonstrativo n. 3, na sua maioria, pode-se afirmar que eram de dois tipos, a saber: de Enfermeiras Voluntárias e Profissionais da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central.

A assertiva se baseia na imagem veiculada na obra intitulada “*Livro do Enfermeiro e Enfermeira – para uso dos que se destinam à profissão de enfermagem e das pessoas que cuidam de doentes*” de autoria do Dr. Getulio dos Santos, em especial, na terceira edição de 1928⁵³ e na ilustração de distinção entre as Enfermeiras Voluntárias e Profissionais do Histórico da Cruz Vermelha Brasileira, obra institucional veiculada, em 1923.

⁵³ A referida obra foi editada pela primeira vez em 1916 e pela segunda em 1918.



Fac-símile letra G (à esquerda) – à esquerda Enfermeira Voluntária e à direita Enfermeira Profissional (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.193).

Fac-símile letra H (à direita) – à esquerda Enfermeira Voluntária e à direita Enfermeira Profissional (SANTOS, 1928, p. 15).

Os *fac-símiles* acima apresentam a distinção entre a Enfermeira Voluntária e a Profissional. O destaque em ambas as imagens se revela no véu e no gorro de forma acentuada, mantida nos anos de registros das imagens (1923 e 1928). Essa representação objetual foi um elemento simbólico marcante de distinção na formação das Enfermeiras pela mesma Escola.

O véu, como elemento simbólico nas formadas pelo Curso de Enfermeira Voluntária, na trajetória histórica do acessório traduz significações múltiplas, religiosas e civis para com Deus, como sinal de dependência, de pudor e de honra (PERROT, 2007, p.56).

Ressalta-se que foi na primeira Epístola aos Coríntios (11, 5 e 10) que o apóstolo Paulo registrou a determinação para com que as mulheres ao orassem ou profetizassem deveriam cobrir a cabeça em respeito ao seu Senhor no sentido de que se era vergonhoso a mulher ter seus cabelos cortados ou raspados, então deveria cobri-los. Neste sentido, a cabeça

coberta por um véu significava o selo de castidade e de seu pertencimento a Deus, sobretudo a partir do século IV.

Ademais, outros significados podem e devem ser atribuídos ao véu, dependendo da cultura que poder-se-ia ocupar, que não é nossa intenção, como bem a fez Michelle Perrot – pioneira do movimento de historiadoras que dão às mulheres e aos homens a dimensão da ação das mulheres no passado, a evolução de seu status, dentre outros, elementos em valorização a mulher em uma discussão de gênero – em sua obra “Minha história das mulheres”, mas que não pode-se deixar de registrar que, o véu como elemento simbólico de dominação das mulheres e de seu corpo no sentido que “*eu te ponho o véu porque tu me pertences*”, no caso das Enfermeiras, pertenceriam a Instituição (PERROT, 2007, p.56-58).

Além do que já foi exposto sobre o véu, ainda, se pode citar na leitura da moda, que ele tem o significado de máscara, por ocultar à identidade e libertar da obrigação a mulher ser ela mesma, em detrimento de alguma ocasião social, cultural ou religiosa. (FISCHER-MIRIKIN, 2001, p.238).

Na medida em que os anos se passaram novos valores simbólicos foram acreditados ao uso do véu. Deste modo, o véu foi incorporado nos uniformes das Enfermeiras em muitos países europeus e por aquelas que prestavam serviço pela Cruz Vermelha (BECERRIL, DIAZ, e MONDRAGÓN, 1999, p.57).

No caso das Enfermeiras Voluntárias o significado atribuído ao véu pode ser entendido como missão a bondade e a caridade, como foi registrado por Porto (2007, p.155), no sentido de sacralização da imagem da enfermeira, velada pela Cruz Vermelha Brasileira ao evocar os princípios institucionais.

O gorro, elemento de distinção da Enfermeira Profissional cotejada a Enfermeira Voluntária. Porto (2007: 84) em seu estudo cita que o gorro é a modificação do véu, considerado como o início da modernidade para a profissão. Além disso, o gorro como

acessório facilitava a arrumação do penteado das enfermeiras, principalmente para aquelas de cabelos longos até a cintura, com base no estudo intitulado “*La cofia; símbolo de identidad de las enfermeras?*” de autoria Lucila Cárdenas Becerril, Maria Martha Arizmendi Diaz e Neli Conreras Mondragón (BECERRIL, DIAZ e MONDRAGRÓN, 1999, p.57-58).

Destarte, a distinção entre os atributos pessoais das Enfermeiras Profissionais e Voluntárias pode ser interpretada, por Bourdieu, como a enunciação do poder simbólico pela manifestação típica de nomeação constituinte que, ao nomear, faz existir (BOURDIEU, 2004a:42). Ao se fazer existir, a distinção se torna cada vez mais clarificada, teoricamente, investida de poder simbólico, cumprindo os princípios de (di)visão legítima do mundo social.

Seja véu ou gorro, a cabeça da Enfermeira se encontrava coberta, fosse pelo significado a ele atribuído ou pelo aspecto da higiene. Por outro lado, não se pode deixar de analisar o significado dos cabelos, que nos *fac-símiles* n. 5 e 6 analisados as mulheres retratadas se encontram com as cabeças descobertas.

Perrot (2007, p.51- 52) remonta o significado do cabelo no sentido que ele faz parte do corpo, por exemplo, a mecha de cabelo da amada, no século XIX era considerada como relíquia, significando dá parte de si para o outro. Por outro lado, raspar a cabeça é tomar posse e torna-lo anônimo, seja por motivo de higiene ou por disciplina, ou ainda, cortar os cabelos de mulher no século XIX era poupá-la da humilhação, que seria a raspagem de seus cabelos. Ademais, os cabelos longos podiam ser interpretados como a glória para as mulheres, porque sua representação era de véu, sagrados como dos cabelos usados nas iconografias de anjos, bem como signo de efeminação.

Tais mulheres, com o símbolo da cruz ostentado em seu corpo, sem o véu ou gorro evidenciadas nos *fac-símiles* n. 5 e 6, infere-se a possibilidade de não terem sido formadas pelos Cursos de Enfermeiras ou então por motivos da prática do cuidado, esse acessório era facultativo ou, mais ainda, eram mulheres literalmente voluntárias no sentido de serem leigas,

ou até mesmo professoras daquelas escolas retratadas (Benjamin Constant e Nilo Peçanha), mas que atuavam como coadjuvantes das Enfermeiras Voluntárias e Profissionais nos cuidados prestados aos acometidos pela gripe espanhola naquele espaço social do cuidado.

A gola na modelagem dos uniformes foram elementos que, flutuaram nos *fac-símiles* veiculados na Revista Fon-Fon, mesmo assim cabe certa análise do seu significado.

Nas modelagens dos uniformes foram identificados alguns tipos de golas, a saber: tipo decote em letra “V” ou “O”, justa ou distante do pescoço e com colarinho. Este detalhe na modelagem do uniforme entre os anos de 1550-1650, era considerado como acessório de pescoço de importância nos vestuários, os quais sobressaiam nas vestes, fossem elas: decotadas, de colarinho franzido, rufada, *supportasse*, confeccionadas em renda ou linho engomado (LEVENTON, 2009, p.304-305). Tal acessório pela imponência que oferecia a veste, como representação objetual, acredita-se que era possuidora de *status*, logo era representação de poder simbólico.

Nos trajes das Enfermeiras o tipo de gola se confundiu e deixa transparecer, que, apesar de certa padronização que a literatura institucional, entende-se que ela fosse para tendê-la de forma confortável ao cuidado prestado, bem como preservar a mulher no que se refere ao colo do peito. Esta parte do corpo que denota sexualidade, que nesse caso, deveria a mulher preservá-lo, no sentido de não despertar naqueles que fossem atender a curiosidade ou a libido.

As mangas dos uniformes das Enfermeiras variaram entre curtas, de três quarto e longas. Destaca-se que no período de 1520-1785, as mangas nos vestuários femininos desempenhavam a função de balancear a silhueta, tornando-as volumosas para combinar com as saias cheias e realçar a linha da cintura ou o torso alongado. Nesta perspectiva, as mangas na história do vestuário são elementos simbólicos, que contribuem na identificação sobre a datação das roupas (LEVENTON, 2009, p.288).

No caso dos uniformes das Enfermeiras, se tratando do clima do Rio de Janeiro, acredita-se que as mangas curtas ou de três quarto fossem as mais adequadas em detrimento às mangas longas, usadas mais para atividades sociais. Outro argumento para a variação das mangas, em especial, para as longas, pode ser entendido como proteção de parte do corpo durante os cuidados.

O avental, apesar, de pouco ser ostentado nos corpos das Enfermeiras, cabe o seu destaque. Porto (2007, p.120) ao analisar algumas imagens, no período de 1919 e 1925, identificou esse acessório nos uniformes das Enfermeiras da Escola do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual Escola de Enfermagem Anna Nery, relatando que o seu significado advém da tradição do trabalho manual e que para a enfermagem estaria relacionado diretamente ao cuidado prestado aos doentes.

Leventon (2009, p.290) desataca que, o avental como acessório da moda, foi introduzido no fim do século XVII para ostentar sua posição social por meio dos materiais e bordados na peça, sendo usado sobre um vestido de peça única. Contudo, o seu uso foi bem antes daquele que evidenciava o status para o estrato social, sendo seu uso no sentido de não desgastar a roupa e de proteção para as atividades de limpeza cotidianas realizadas pelas mulheres. Para as camponesas esse acessório era essencial em seu trabalho e para os trajes regionais é um símbolo de tradicionalidade.

Depreende-se que nos *fac-símiles* n. 5 e 6, as quais o avental são ostentados nos corpos das mulheres se ratifica a assertiva de Porto (2007) com o significado de trabalho manual, ou seja, do cuidado aos enfermos, acrescentando como uma tradição do mundo privado ao representar a trajetória da história das mulheres.

O sapato como parte da composição do uniforme da Enfermeira, apesar de pouca visualização nos *fac-símiles* apresentados na Revista Fon-Fon, é um acessório que expressa

caráter, profissão, sexo e até mesmo a idade da mulher (FISCHER-MIRKIN, 2001, p.40-41 e 191).

Adolpho Possollo⁵⁴ publicou no livro “*Curso de Enfermeiros*” (1920) e registrou nesta obra que, os sapatos para o uso de Enfermeiras deveriam ser de sola de borracha, sendo contra indicado os de salto alto por prejudicar a má posição que dá ao tronco e aqueles de bico fino por deformarem os pés e não permitirem marcha firme (POSSOLLO, 1920, p.11).

Apesar de não se visualizar os sapatos usados pelas Enfermeiras nos *fac-símiles*, eles se encontravam presentes na composição do uniforme e, provavelmente, traduziam pelo código da moda a profissão exercida dentro das possíveis recomendações de serem de sola de borracha, saltos baixos, para possibilitar conforto e firmeza na marcha, bem como proteção para pés. Infere-se neste caso que, o uso de sapatos nessas características contribuíram para a construção da imagem da pública da Enfermeira.

Outro dado que merece destaque na análise das representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras nos *fac-símiles*, é a cor clara, em tons de branco nos uniformes, decodificada como branca. O significado desta cor pelo código do vestir oferece representação de *status* e demonstra virtude e altruísmo, por enunciar os mistérios do universo por assistirem aos doentes, transmitindo limpeza, pureza, inocência e feminilidade. (FISCHER-MIRKIN, 2001, p.40-41).

Além disso, a cor branca articulada ao símbolo da instituição - cruz na cor vermelha em fundo branco -, conduz a ligação de que o uniforme da Enfermeira era a extensão em molde diferenciado da bandeira da Cruz Vermelha Brasileira. Representação objetual ostentada nos corpos das mulheres na atuação aos acometidos pela gripe espanhola. Isto significa que elas além de serem as agentes mensageiras da instituição, também, ao cuidarem eram a

⁵⁴ Formado pela Faculdade do Rio de Janeiro (1892) foi interno do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, Chefe do Serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadávia Corrêa, livre docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade do Rio de Janeiro, ex-capitão médico do Regimento Policial do Estado do Rio de Janeiro (1892-1893), ex-cirurgião efetivo da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro (1903-1910).

própria instituição materializada na forma dinâmica do corpo, o que conduzia mais credibilidade a Cruz Vermelha.

Cabe registrar que Porto (2007, p.154), cita que, quando Enfermeiras em seus uniformes ostentam o símbolo da instituição, oriunda de sua formação, representam por meio da assinatura imagética os princípios institucionais. Esta assertiva ratifica o significado atribuído a cor e o símbolo impressos nos uniformes das Enfermeiras durante atuação na gripe espanhola.

Uma representação simbólica que causou certa estranheza pela sua ausência foi o braçal com o símbolo da cruz usado pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, como identificação institucional, em virtude do que consta no Estatuto das Sociedades da Cruz Vermelha Brasileira, no artigo 75. Porto (2007, p.105-106) relata que o braçal era recebido pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, após sua formação durante o rito institucional de formatura pela importância do poder atribuído ao braçal.

Para tanto, infere-se que a ausência das representações objetivas dos braçais, que podem ser atribuídas no sentido das Enfermeiras nos *fac-símiles*, veiculados na Revista Fon-Fon, ainda, não terem concluído o Curso de Enfermeira Profissional ou de Voluntária, o que pode ser articulado com o documentário da Cruz Vermelha Brasileira, a saber:

Passado período da epidemia, cujos trabalhos estão descriptos em outro capítulo, e reencentando-se as aulas, tiveram lograr logo depois os exames respectivos, tendo terminado o curso as alunas: Carolina Pinto, Carmem Pacheco, Flora Haynes, Cantiliana Cotta, Maria Hermínia Zuiderchiz e Dina de Almeida Nobre e passado para o 2^o anno: Maria Elisa Guimaraes Pitanga, Durvalina Peres Barbosa, Leopoldina Ramos, Augusta Alves Vieira e Carlota Gomes.

A turma de 1918 teve o seu “baptismo de sangue” com os trabalhos que a maioria das alunas teve de supportar naquelles dias tétricos da grande calamidade.

Mesmo assim não apelaram para os exames por decretos e sujeitaram-se às provas com a consciência dos seus conhecimentos sobre a matéria que haviam aprendido durante o anno escolar (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.176-177).

O excerto possibilita evidenciar que de fato, as imagens das Enfermeiras na Revista Fon-Fon, eram na sua maioria aspirantes às Enfermeiras, principalmente por não ostentarem o braçal, bem como constar na lista de término do curso o nome da Carolina Pinto. Esta Enfermeira se encontrada retratada nos *fac-símiles* de n. 1 e letra D, ainda, como aspirante pelos documentos consultados. E também os nomes veiculados no Jornal do Commercio conforme demonstra o apêndice.

Decifrar o código do vestir é relata que as roupas possuem um código tácito com a função de informar quem são as pessoas que as vestem e quem é quem. Neste sentido, a escolha do traje é um instrumento para tecer a imagem que se quer apresentar aos outros (FISCHER-MIRKIN, 2001, p.10). Logo, pode-se entender que o véu é um símbolo que representou a ordem social em paralelo com o gorro, como uma divisão social - Enfermeira Voluntária e Profissional.

O uniforme é uma estratégia de controle e distinção no estrato social, que ao ser decifrado, se desvelam os códigos. Estes códigos ao serem desvelados facilitam o entendimento da construção da imagem pública da Enfermeira, em especial, para a sociedade.

Entender os códigos e decodificá-los é poder (des)cristalizar assertivas, preencher lacunas históricas e fortalecer a construção da identidade profissional, que neste capítulo foram identificadas, mas, ainda, cabe-se entender qual foi o efeito simbólico do uso da imagem da enfermeira durante a gripe espanhola para a enfermagem e sua representação para a sociedade brasileira.

Pode-se afirmar que o efeito simbólico mediante ao uso da imagem da Enfermeira se deu por meio da crença simbólica, pois à época foi permitido que assim o fizesse, devido as ações de cuidado das Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira. Estas amparadas no momento difícil (Gripe Espanhola) e respaldadas na fé que haviam colocado nelas (BOUDIEU, 2004b, p.23).

O relatório institucional da Cruz Vermelha Brasileira, elaborado e lido em Assembléia Geral pelo Dr. Getúlio dos Santos no dia 6 de dezembro de 1918 relata que,

“Em relação às enfermeiras não foi surpresa para nós o seu esforço, a sua intelligencia e a dedicação que todas revelaram no exercício das suas funções, desobrigadas como maior heroísmo... Em todo o decurso da epidemia não nos faltou absolutamente o seu concurso;”

(CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923: 240).

Neste caso, segundo parece, quem estabeleceu o valor simbólico do cuidado não foram (ou não somente) as Enfermeiras, mas também o detentor do capital de autoridade específico – Dr Getúlio dos Santos – pois, pelo entendimento de Pierre Bourdieu (2004b, p.161). Nesta lógica racional a produção de bens simbólicos, as instituições, aparentemente, encarregadas da circulação da crença fazem parte integrante do aparelho de produção que deve produzir, não só o produto (cuidado), mas também a crença simbólica no valor de seu próprio produto (cuidado exercido pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira).

Para se ter consagração, é necessário estar no campo da produção de bens culturais com relações objetivas entre agentes ou instituições e espaço de luta, pelo monopólio do poder de consagrar, que se engendram o valor à obra e a crença neste valor. A aplicação dessa concepção coaduna no círculo da crença, pois a Gripe Espanhola, o caos, a atuação das Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira forneceram visibilidade e fortaleceram a instituição.

Neste sentido, o fazer crer e fazer ver da Cruz Vermelha Brasileira nos cuidados aos acometidos pela Gripe Espanhola, extrapolou ao espaço social do cuidar, como verificou-se na notícia publicada pelo Jornal do Commercio, no dia 29 de outubro de 1918, ao trazer o registro noticioso da Enfermeira Olga Jardim Lima, oferecendo-se pela tutela da menor - Thereza de Jesus -, que havia ficado internada na sede da Cruz Vermelha Brasileira e órfã de mãe em virtude da Gripe Espanhola.

Foi entregue ao Sr. Consul de Portugal a menor Thereza de Jesus, que esteve internada nesta sociedade, a pedido da polícia, visto ter fallecido a bordo do vapor Inglez «Demerara» a mãe da referida menor e achar-se esta atacada da moléstia reinante, que victimou sua mãe. A menor, completamente restabelecida, foi deixada pelo Sr. Consul na residência da enfermeira da Cruz Vermelha Sra. Olga Jardim de Lima, à rua D. Carlota n. 56, aceitando o Sr. Consul a oferta gentil desta senhora, até se esclarecerem os dados sobre a família da referida menor.

(JORNAL DO COMMERCIO, 1918, p.3)⁵⁵.

Cabe registrar que Anna Nery – Heroína de Guerra - ao retornar da Guerra do Paraguai trouxe consigo 6 órfãs (1870). Em 1919, ela foi considerada Percussora da Cruz Vermelha Brasileira e Pioneira da Enfermagem no Brasil, pela Liga das Sociedades da Cruz Vermelha (PORTO; OGUISSO, 2010, p. 6 e 16).

A atitude da Enfermeira Olga Jardim Lima faz recordar o *habitus* de Anna Nery, quando retornou da Guerra do Paraguai. Esta atitude articulada ao *habitus* da heroína pode ser entendido com inculcação deste em sua formação no Curso de Enfermeira na Cruz Vermelha Brasileira. Ademais, ao ter esta atitude, pode também inferir certa dimensão da crença simbólica no sentido de bondade e caridade.

Contudo, a crença simbólica possui o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação das Enfermeiras no período da Gripe Espanhola por meio da imagem, configurou a Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira como agente de credibilidade, capaz de garantir alívio ao sofrimento e até salvação.

⁵⁵ Transcrição da notícia: “Foi entregue ao Sr. Consul de Portugal a menor Thereza de Jesus, que esteve internada nesta sociedade, a pedido da polícia, visto ter fallecido a bordo do vapor Inglez “Demerara” a mãe da referida menor e achar-se esta atacada da moléstia reinante, que victimou sua mãe. A menor, completamente restabelecida, foi deixada pelo Sr. Consul na residência da enfermeira da Cruz Vermelha Sra Olga Jardim de Lima, à rua D. Carlota n. 56, aceitando o Sr. Consul a oferta gentil desta senhora, até esclarecerem os dados sobre a família da referida menor.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após quatro anos (1914-1918), a primeira guerra mundial chegava ao fim, deixando rastro de angústia e incerteza, quanto aos rumos que a humanidade deveria seguir no sentido de seu destino. Enquanto isso, o mundo desgastado e cansado anseava por paz, uma força invisível se movia nas profundezas, sem trégua, sem razão. As pessoas passaram a suspeitar uns dos outros, evitando apertos de mão, ou seja, limitando qualquer tipo de contato mais próximo.

A partir de 1918, o mundo passaria a conhecer a fúria de uma das maiores pandemias que se tem notícia, a Gripe Espanhola, responsável por mais de 20 milhões de mortes, em praticamente todos os cantos do planeta, aspecto este até, então, nunca conhecido. De certa forma era o troco final de uma guerra que se tornara mundial, desconhecendo fronteiras, envolvendo todos aqueles que se mantiam interligados não só por uma economia global, mas também pela crença pragmática de que o futuro era a única estrada a se percorrer.

Ao que tudo indica, no Brasil, a doença desembarcou no Rio de Janeiro, transportada pelo navio inglês Demerara, o qual já atracara em Recife. Sua caminhada foi rápida, atingindo São Paulo e Minas Gerais em pouco tempo, trazendo pânico a população. Outubro foi o mês mais crítico, quando ocorreram o fechamento do comércio e a suspensão das aulas nas escolas.

O número de médicos e enfermeiras mostraram-se insuficiente, tornando a profissão uma obrigação ética mesmo para aqueles que tinham boa vontade. As medidas para evitar a propagação do mal passavam por uma miscelânea de conselhos médicos e crenças populares. Nesse sentido, o objetivo era manter o paciente vivo, sendo qualquer ajuda de bom proveito. A presença de enfermeiras no combate aos acometidos pela Gripe Espanhola foi fundamental e obteve destaque na imprensa escrita e ilustrada em 1918, mas que até o momento invisíveis na historiografia.

Diante da elevada taxa de mortalidade outros profissionais que se fizeram necessários à época foram os coveiros, devido aos inúmeros cadáveres que eram deixados nas ruas, sendo recolhidos por simples carroças, ou às vezes por caminhões. Desta maneira, não era respeitada a experiência da despedida do ente, pois o ritual de eternização não era garantido pelo grupo encarregado. Os enterros, quando ocorriam, eram feitos de forma rápida e em valas comuns.

Inúmeras foram às autoridades acometidas pela Gripe Espanhola, a destacar o presidente do Brasil, Rodrigues Alves, eleito em outubro de 1918 para seu segundo mandato, não tomando posse em novembro de tão doente e morrendo no dia 16 de janeiro de 1919. Dentre outras que adoeceram, Dr Juliano Moreira, diretor do Hospital Nacional de Alienados, Dr Estellita Lins, Dr Aumary de Medeiros e Dr Getúlio dos Santos, médicos e professores da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

O Jornal do Commercio e a Revista Fon-Fon, foram documentos que propiciaram tanto a análise do cotidiano da doença, quanto de suas repercussões no campo político, sanitário e social, com atenção às rupturas e permanências na relação da sociedade com a doença, resultando um conhecimento mais profundo das sociedades em função da sua interação com as doenças que atingem.

Neste sentido, o conjunto de imagens transmitiu a dramaticidade do momento e ação oportuna do ponto de vista assistencial (técnico) e humanitário da Cruz Vermelha Brasileira e a oportuna veiculação destas imagens na imprensa que divulgaram a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira no momento de crise, consolidando desta maneira sua posição social de instituição.

Por meio da *hexis* corporal dos retratados, principalmente das enfermeiras, nas imagens se encontravam acompanhadas por figuras masculinas, configurando desta maneira, a dominação masculina. A presença masculina nos *fac-símiles* ao tempo que evidenciou a dominação masculina, permitiu as enfermeiras se fazerem ver, se darem a conhecer e se

fazerem reconhecer, bem como se fazerem crer nos cuidados aos acometidos pelo flagelo da gripe. Além de evidenciar o cuidado ético com a proteção da identidade de alguns pacientes ao serem fotografados e a organização dos espaços sociais do cuidar.

Ademais, o estudo ao analisar os atributos pessoais no capítulo três ajudou a compreender os aspectos técnicos e morais das Enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, que atuaram no combate a Gripe Espanhola. Além de corroborarem na construção da identidade profissional por meio da assinatura imagética decodificada incutidos nos uniformes.

O uso da imagem da Enfermeira durante a Gripe Espanhola para a Enfermagem e sua representação para à sociedade brasileira, fomentou a crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira via enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, mediante o reconhecimento do seu trabalho, sendo ressaltado a imagem mental representada pela sua abnegação.

Atualmente, do ponto de vista científico a gripe espanhola, hoje é denominada como influenza, é uma doença respiratória aguda viral, banalizada por alguns e preocupações de outros .

Os sintomas incluem febre alta, calafrio, tosse, dor de garganta, espirros, mialgia, e prostração, em crianças menores de 5 anos. A doença pode levar a hospitalização e evoluir para complicações pulmonares e infecções secundárias como: sinusite, otite e convulsão febril.

A influenza é conhecida cientificamente pelo agente transmissor *Myxovirus influenza* do tipo ribovirs, cujo material genético é o ácido ribonucléico ou RNA. A taxa de mutação é alta, visto o monitoramento feito pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que descobriu o vírus da influenza sofre modificações periódicas e totais em intervalos de 20 a 40 anos, considerando a capacidade do organismo de se estabelecer do reconhecimento imunológico.

Contudo, acontecimentos como a Gripe Espanhola, ou até mesmo acontecimentos, a citar, o terremoto em Porto Príncipe no Haiti, conforme discurso de formatura da turma de 2009-2 semestre da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, proferido pelo professor Doutor Fernando Porto, nos remete o significado da palavra cuidado, *ethos* da profissão enfermagem. Neste sentido a profissional Enfermeira, assume a responsabilidade com atitude, ética, compromisso e justiça social ao zelarem com solidariedade para com aqueles que cuidam.

Como se deu na gripe espanhola, as Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira foram responsáveis e foram mira do click fotográfico da imprensa ilustrada no espaço social do cuidar, o que lhes proporcionou poder e prestígio, conduzindo a população a credibilidade na Cruz Vermelha Brasileira, que na linguagem de Pierre Bourdieu, se refere a crença simbólica que ao se fazer ver e se fazer crer fez circular a crença na mídia.

Mediante ao exposto, á época, bem como também pode-se afirmar que nos dias atuais o cuidado em situação como àquela ou por verossimilhança o cuidar é uma das estratégias de se reproduzir a paz para quiçá para o Mundo e acalento ao sofrimento do próximo.

Para tanto, cabe, ainda, se investigar por meio da história do cuidado como ocorreu o cuidar e tratamento daqueles acometidos pelo flagelo da gripe espanhola, mas isto é outro estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, LP; PORTO, F. **Os Anúncios do Jornal do Commercio de Amas de Leite, Contando a História do Aleitamento Materno no Brasil (1888-1890)**. In Enfermagem Brasil. V.3. n.4. 2004.
- ARAÚJO, LA. **A Enfermagem Pré-Profissional em Anúncios de Jornal (1889-1890)**. [Dissertação de Mestrado] EEAP/UNIRIO. Rio de Janeiro, 2007.
- BARROS, JA. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BECERRIL, LC; DIAZ, M.M; MONDRAGÓN, N.C. **La cofia: símbolo de identidad de las enfermeras?** México. Colegio de Profesionales de la Enfermería Del estado de México.1999.
- BERTOLLI FILHO, C. **A Gripe Espanhola em São Paulo**. Ciência Hoje, vol.10, nº56, out de 1989, p.30-41.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. Edusp. 2ed. São Paulo, 2008.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. Brasiliense. São Paulo. 2004a.
- _____, P. **A Produção da Crença – Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004b.
- _____, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003a.
- _____, P. **A Dominação Masculina**. Brasil. Berthand. Rio de Janeiro. 2003b.
- _____, P. **Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe**. In Sérgio Miceli, organizador. A economia das trocas simbólicas. (5ª ed.). São Paulo: Perspectiva; 1998.
- _____, P. **Sobre a Televisão seguido de a influencia do jornalismo e os jogos olímpicos**. Tradução Maria Lucia Machado. Ediotra Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1997.
- BRITO, NA. **La Dansarina: A Gripe Espanhola e o Cotidiano da Cidade do Rio de Janeiro**. In: História Ciência e Saúde/ Manguinhos. Rio de Janeiro. V.4. n.1. p.11-30. 1991.
- BRITO, NA. TRINDADE, N. **A Campanha do Saneamento Rural na Imprensa do Rio de Janeiro: 1918**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1991.
- BRITO, NA. **Saúde e Nação: A Campanha de Saneamento Rural pela Imprensa do Rio de Janeiro (1918-1919)**. Estudos de História do Rio de Janeiro/ Fundação Oswaldo Cruz, 1990. p.1-38.

CHAMILETE, J. **Jornal do Commercio desde 1827**. Jornal do Commercio, 1998.

CIAVATTA, M. **O Mundo do Trabalho em Imagens: A Fotografia como Fonte Histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CRANE, D. **A moda e seu papel social – classe, gênero e identidade das roupas**. SENAC. São Paulo. 2006.

CRUZ de SOUZA, CM. **A Epidemia de Gripe Espanhola: um desafio à medicina baiana**. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out-dez. 2008, p.945-972.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908-1923)**. Rio de Janeiro. Órgão Central. Cruz Vermelha. 1923.

D'ÁVILA, BE. **La Gripe Española: La epidemia de 1918-1919**. Madri: Siglo XXI, 1993.

DELEMEAU, J. **História do medo no ocidente: 1300-1800**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

ESPÍRITO SANTO, T.B. **Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890-1895)**. Dissertação. São Paulo, 2007.

ESPÍRITO SANTO, TB. MOREIRA, A. PORTO, F. **Os Enfermeiros(as) da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados (1906): atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – 115 anos de pioneirismo no Brasil**. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (Graduação). Rio de Janeiro, 2004.

FARIAS, EA. **Uma Epidemia na Intimidade: personagens e representações discursivas no noticiário da gripe de 1918, no Recife**. Anais: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

FERREIRA, G. **A folha que nunca caiu**. 2001. Disponível em: <http://www.canaldaimprensa.com.br/foco/doito/foco3.htm>. Acesso em: 23 Set. 2008.

FISCHER-MIRIKIN, T. **Os significados ocultos da roupa feminina – o código de vestir**. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 2001.

FONTENELLE, J. P. **A Epidemia de Influenza maligna**. Saúde. Bi-mensário de Hygiene e de Assuntos Econômicos e Sociaes. Órgão da Liga Pro-Saneamento do Brazil. Rio de Janeiro, v.2, p.46-63. jan-fev. 1919.

FRESSE, F. **Antropologia do encontro e do desencontro: fotografo e fotografados nas ruas de São Paulo (1880-1910)**. In: Martins, J. S, Eckert, C e Novaes, S.C, (orgs.) O Imaginário e o poetico nas Ciencias Sociais. Ediotra Edusc. Bauru. São Paulo. 2005. pg.185-223.

GALINDO HUERTAS, M.S. **Pervivencias y resistências históricas em la resignificacion Del uniforme de enfermería**. Biblioteca Lascassas, 2007;3(1). Disponível em <http://www.index-f.com/lascassas/documentos/Ic0205.php>. Acesso em 10 de março de 2010.

GOULART, AC. **Revisando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro.** In: Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. V.12, n.1. Jan/Abr. 2005.

GUGLIELMI, A. **A linguagem secreta do corpo - a comunicação não verbal.** Tradução Denise Jardim Duarte. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 2009.

KÖGEL-SCHAUZ, A; TOLZIN, H. **Gripe Espanhola/1918: Quem matou 20 milhões de pessoas?** 2003. Disponível em: <http://www.impf-report.de>. Acesso em: 15 Jun. 2008.

LEVENTON, M. **História ilustrada do vestuário – um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth.** Publifolha. São Paulo. 2009.

LURIE, A. **A linguagem das Roupas.** Rocco. Rio de Janeiro. 1997.

MANCIA, JR. SOUZA, MIC. **Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel.** In: Rev. bras. enferm. vol.59 no.spe Brasília, 2006.

MAUAD-ANDRADE, MS. **Sob o Signo da Imagem: A Produção Fotográfica e o Controle dos Códigos de Representação Social da Classe Dominante do Rio de Janeiro da Primeira Metade do Século XX.** [Tese de doutorado]. Curso de História/UFF. Rio de Janeiro, 1991.

MAUAD-ANDRADE, MS. **Poses e Flagrantes – ensaios sobre história e fotografia.** Editora EDUFF. Niterói. Rio de Janeiro. 2008.

MOREIRA, A. **Profissionalização da Enfermagem Brasileira: o pioneirismo da Escola de enfermagem Alfredo Pinto (1890 -1920).** [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2003.

MOREIRA, A; PORTO, F. OGUISSO, T. **Registros Noticiosos sobre a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras na Revista “O Brazil-Médico” (1890-1922).** In: Rev Esc Enfermagem USP. São Paulo. V.36. n.4. 2003.

MOREIRA, A; PORTO, F. OGUISSO, T. **Marcos da Trajetória da Profissionalização da Enfermagem Brasileira (1890-1905).** In: Enfermagem Atual. V.1. n.1. 2002.

MOTT, M.L; & TSUNECHIRO, M.A. **Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira eo início da enfermagem profissional no Brasil.** Revista Bras. De Enfermagem. Brasília. V. 5.set/out. 2002. 592-599

OGUISSO, T; DUTRA, V.O; SOUZA CAMPOS, P.F. **Formação em tempo de paz.** Barueri (SP): Manole; 2008.

PERROT, M. **Minha historia das mulheres.** Editora Contexto. São Paulo. 2007.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social.** Editora FGV. Rio de Janeiro. 2000.

POLICLÍNICA DE BOTAFOGO. **Histórico do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo**. Imprensa Oficial. Rio de Janeiro (Brasil). 1919.

PORTO, F; OGUISSO, T. **Anna Justina Ferreira Nery**. In: História da Enfermagem – identidade, profissionalização e símbolos. Porto, F e Amorim, W (orgs). Editora Yendis. São Paulo. 2010. pg. 1 -19.

PORTO, F; SOUZA CAMPOS, P.F; OGUISSO, T. **Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916-1930)**. Ver. .Esc. Anna Nery v.13 n.3 Rio de Janeiro jul./set. 2009.

PORTO, F. **Cruz Vermelha Brasileira: Anna Nery e Enfermagem**. [relatório de pesquisa de pós-doutoramento] São Paulo. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem da USP. 2009.

_____, F; SANTOS, TCF. **As Propagandas de Remédio na Imprensa Ilustrada e a Imagem da Enfermeira Brasileira (1920-1925)**. In: 15º Pesquisando em Enfermagem-EEAN, 3...2008, Rio de Janeiro. Resumos...Rio de Janeiro:UFRJ, 2008. p.57.

_____, F; SANTOS, T.C.F. **A enfermeira brasileira na mira do click fotográfico (1919-1925)**. In: Porto F, Amorim W, organizadores História da enfermagem brasileira: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro (RJ): Águia Dourada; 2008.p.25-188.

_____, F; AMORIM, W. (Org.). **História da Enfermagem Brasileira: Lutas, Ritos e Emblemas**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

_____, F. **A Imprensa Escrita como Fonte de Pesquisa para a Enfermagem**. In: Enfermagem Brasil. V.6. n. 3. Mai/Jun. 2007.

_____, F; SANTOS, TCF. **Os Ritos Institucionais e a Imagem da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)**. [Tese de doutorado]. Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

_____, F; SANTOS, TCF. **Triangulação dos Dados na Pesquisa em História da Enfermagem**. In: R. de Pesq.: Cuidado é fundamental. Rio de Janeiro. V.10. n. 1/2/3. 1./2./3quad. 2006.

_____, F; SANTOS, T.D.F. **A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da cruz vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2006;8(2):273-81.Available from: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_2/v8n2a12.htm.

_____, F; FRAGA, LCR; SILVA JUNIOR, OC; SANTOS, AS. **Um Marco Histórico de Luta na Liderança da Enfermagem Brasileira**. In: Revista Enfermagem Atual. V. 26. 2005.

_____, F; SILVA JUNIOR, OC; SANTO, TBE; BARRETO, HDC. **“Saiu no Jornal!” A Morte de Florence Nightingale na Imprensa do Rio de Janeiro, 1920**. In: Cad. Pesqui. V. 1/2. n.1/2. 2004.

_____, F; BATISTA, T. **Anna Nery: Memória em um Espaço Público**. In: Enfermagem Atual. V.25. 2004.

_____, F. et al. **A Imagem Pública da Enfermeira Brasileira: O Caso do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917-1920)**. Xérox

POSSOLO, A. **Curso de Enfermeiros. Leite Ribeiro e Maurillo**. Rio de Janeiro. 1920. p.144.

RADIS. **Comunicação em saúde**. n. 86. Outubro de 2009. In: www.ensp.fiocruz.br/radis

RAMOS FILHO, OC. **O Clube de Engenharia nos Séculos XIX e XX. 2005**. Disponível em: http://www.clubedeengenharia.org.br/fev05_Seculo.htm. Acesso em: 01 Out. 2008.

REVISTA DA SEMANA. Ano 19. Número 12. Rio de Janeiro. 26/10/1918, p.6.

REVISTA FON-FON. Ano 12. Número 43. Rio de Janeiro. 26/10/1918, p.30.

REVISTA FON-FON. Ano 12. Número 44. Rio de Janeiro. 02/11/1918, p.21 e 22.

_____. Ano 12. Número 45. Rio de Janeiro. 09/11/1918, p.22.

_____. Ano 12. Número 52. Rio de Janeiro. 28/12/1918, p.49.

ROCHA, J. **Pandemia de Gripe de 1918**. 11 fev. 2008. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7>. Acesso em: 01 Out. 2008.

ROCHE, D. A. **Cultura das aparências – uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. São Paulo (SP): Editora SENAC; 2007.

ROSENBERG, CE. **Explaining epidemics and other studies in the Hiatory of Medicine**. The Milbank Quaterly, Oxford. V.80, n.2, p.273-260. 2002.

SANTOS, G. **Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que destinam à profissão de enfermagem e das pessoas que cuidam de doentes**. Rio de Janeiro. 1928.

SANTOS, TCF. **A Câmera Discreta e o Olhar Indiscreto: A Persistência da Hierarquia Norte-Americana no Ensino da Capital do Brasil (1928-1938)**. [Tese de Doutorado]. EEAN/UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.

SEGALEN, M. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SIEWERT, A. **História da meia calça**. In: Filed Under: **Caras da história** - <http://modasuacara.blogspot.com/2010/03/historia.html>

SILVA JUNIOR, OC. **“PAN- Padrão Anna Nery” A instituição da identidade profissional da enfermeira no Brasil**. [Tese de Doutorado]. EEAN/ UFRJ. Rio de Janeiro, 2000.

SILVEIRA, AJ. **A Influenza Espanhola e a Cidade Planejada: Belo Horizonte, 1918.** [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em História. UFF. Niterói, 2004.

SOUSA, LGP. **Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937).** Rio de Janeiro : s.n. 2009. 174 f.

SOUZA, DG; MOREIRA, A; PORTO, F. **As Notícias no Jornal do Commercio (JC) sobre a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) no Hospício Nacional de Alienados (HNA) de 1911-1920.** In: R. de Pesq.: Cuidado é fundamental. Rio de Janeiro. V.9, n.1/2. Set. 2005.

SOIHET, Rachel. **A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz.** Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 2000 N° 15, p. 112. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE15/RBDE15_08_RACHEL_SOIHET.pdf>, acesso em 10/07/2009.

TEIXEIRA, L.A. **Medo e morte: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918.** Estudos em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, n. 59, 1993.

TRIVINOS, ANS. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – A Pesquisa Qualitativa na Educação.** São Paulo: Atlas, 1994.

WIKIPEDIA. Quepe In: A Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quepe>. Capturado em 20 de fevereiro de 2009.

ZANON, M.C. **A Revista Fon-Fon! e a sociedade carioca da Belle Époque.** Outubro 2009. In: I Encontro Internacional de Linguística de Assis (EILA). Disponível: http://www.eila.com.br/artigos/7%20A_REVISTA.pdf. Acesso em 21 de Agosto de 2010.

ANEXO 1**Instrumento de Busca para Registros Noticiosos**

ANO	SECÇÃO	PÁGINA	CONTEÚDO	AUTORIA	OBSERVAÇÕES
-----	--------	--------	----------	---------	-------------

Fonte: PORTO; MOREIRA; SOUZA, 2005.

ANEXO 2

Matriz para Análise de Conteúdo Jornalístico

- Caracterização do Periódico

Nome:

Tipo de Periódico:

Ano da Fundação:

Periodicidade:

Editor:

Conselho Editoria:

Momento do periódico (apoio à situação, oposição política, mais ou menos popular)

- Caracterização da Notícia

Data da publicação:

Tipo da matéria e autor:

Localização da matéria no periódico:

- Conteúdo da Matéria

Assunto:

Enunciado:

Resumo:

- Observações

Local e Data da Coleta:

Assinatura e função de quem coletou:

ANEXO 3**Instrumento de Busca na Imprensa Ilustrada**

Localização do Acervo: _____

Nome da revista/jornal: _____

Periodicidade: _____

Título/ Manchete	Observação de Conteúdo	Página	Volume	Número	Data

Fonte: PORTO; CIVATTA; SANTOS, 2007.

ANEXO 4

Matriz de Análise Fotográfica

1. Dados de Identificação

- Local do acervo:
- Nome da revista ilustrada:
- Número do exemplar:
- Página que se encontra a imagem fotográfica:
- Data da publicação do exemplar da revista:
- Título ou manchete que acompanha a fotografia:

2. Dados para o Plano de Expressão

- Crédito da imagem fotográfica:
- Relação texto imagem:
- Legenda:
- Tipo de foto:
- Formato;
- Plano:
- Sentido:
- Localização da imagem na página:

3. Dados para o plano de Conteúdo

- Local retratado:
- Pessoas retratadas:
- Tema da imagem retratada:
- Atributos:
 - Pessoais:
 - Paisagem:

4. Dados Complementares obtidos de outra imagem fotográfica

- Origem da informação:
- Informação complementar:

APENDICE

Frequência dos nomes citados no movimento dos atendimentos aos acometidos pela Gripe
Espanhola no Jornal do Commercio

Frequência dos nomes citados pelas Instituições Governamentais.

Intituições	Citados	Meses		
		Out	Nov	Dez
		F	F	F
Hospício Nacional	Dr Juliano Moreira	1	—	—
Escola Deodoro	Dr Carlos Chagas	1	1	—
	Dr Clementino Fraga	1	—	—
Escola Benjamin Constant	Dr Carlos Chagas	1	—	—
	Dr Eurico Villela	2	—	—
	Dr Barão J Smith de Vasconcellos	2	—	—
	Dr Henrique Lisboa	1	—	—
	Dr Carlos Raul Guedes de Mello	1	—	—
	Dr Dulda de Aguiar	2	—	—
	Dr José Augusto George	2	—	—
	Dr Jorge Manoel Musa	1	—	—
	Dr Emilio Jose Loureiro	1	—	—
	Dr Adolpho Curio	1	—	—
Assistência no Meyer	Dr Carlos Chagas	1	—	—
Escola Nilo Peçanha	Dr Carlos Chagas	1	—	—

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Legenda: F – Frequência

Frequência dos nomes citados do gênero masculino pela Cruz Vermelha Brasileira.

Intuição	Citados	Meses		
		Out	Nov	Dez
		F	F	F
Cruz Vermelha Brasileira	Dr Getúlio dos Santos	3	1	—
	Dr Estellita Lins	2	1	—
	Dr Amaury de Medeiros	2	1	—
	Dr Carlos Eugento	1	—	—
	Enfermeiro Prático Custodio Pinto de Carvalho	1	—	—

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Legenda: F – Frequência

Frequência dos nomes citados do gênero feminino pela Cruz Vermelha Brasileira.

Intuição	Citados	Meses		
		Out	Nov	Dez
		F	F	F
Cruz Vermelha Brasileira	Carolina Pinto	3	—	—
	Branca de Barros	2	1	—
	Adelaide de Almeida	2	—	—
	Cantiliana Cotta	2	—	—
	Maria do Carmo	1	—	—
	Aurora Caldeira	2	1	—
	Alice Sinell	2	—	—
	Helena Gudin	2	—	—
	Sylvia de Araújo Leite	2	1	—
	Violeta Martins	2	1	—
	Geraldina de Moura Cruz	5	1	—
	Margarida de Moura Cruz	1	—	—
	Hilda Lemos Bastos	1	—	—
	Edith Fraenkel	—	1	1
	Marta da Cruz	1	—	—
	Maria Bittencourt	2	1	—
	Ancilla Lana	1	—	—
Fernandes Lima	—	—	—	

Clemência Ribeiro	1	—	—
Maria José Leite	1	—	—
Esmeraldina França	1	—	1
Dina Nobre	—	1	—
Maria Brum	1	—	—
Emilla de Gouvea	1	—	—
Amália de Araújo	1	—	—
Maria Berlemonte	1	—	—
Noemia Thompson	1	—	—
Alba Oliva	2	—	—
Baroneza Homem de Mello	1	—	—
Rosa Rabelto	1	—	—
Alice Barbosa	1	—	—
Annie Bertha Lynox	1	—	—
Arminda Guimarães	1	—	—
Fragosina Fragoso Sólton Ribeiro	1	—	—
Sylvia Pereira de Mello	1	—	—
Helena Guilin	1	1	—
Rosa del Agulha	1	—	—
Leopoldina de Souza Ramos	1	—	—
Olga Jardim de Lima	1	1	1
Gabriella de Sá Pereira	—	2	1
Marietta Rigaud	—	1	1
Marie Beaugean	—	1	—

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Legenda: F – Frequência

Frequência dos nomes citados pela Policlínica de Botafogo.

Intituição	Citados	Meses		
		Out	Nov	Dez
		F	F	F
	Dr José Fortunato de Brito	2	1	—
	Dr Sebastião Azevedo	2	—	—
	Dr Luiz Barboza	2	1	—

Policlínica de Botafogo	Dr Bento Ribeiro de Castro	1	—	—
	Sra Enfermeira mor Antonia Alves Pereira	1	1	—
	Dr Alfredo Nascimento	2	1	—
	Dr Américo Machado	1	—	—
	Dr Luiz Carvalhal	1	—	—
	Dr Clovis Fontinelli	1	—	—
	Adelia Monat	—	1	—
	Helena Monat	—	1	—
	Augusta Silva	—	1	—
	Lucia Braga	—	1	—
	Zilda Moura	—	1	—
	Hylde Pires Brandão e	—	1	—
	Consuelo Leal Ferreira	—	1	—

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Legenda: F – Frequência

Frequência dos nomes citados pela Pro-Matre.

Intituição	Citados	Meses		
		Out	Nov	Dez
		F	F	F
Hospital Pro-Matre	Dr Fernando Magalhães	4	—	—
	Dr Almirante José Carlos de Carvalho	1	—	—
	Dr Guerra Durval	1	—	—
	Sra Guerra Durval	3	—	—
	Baronesa de Bonfim	1	—	—
	Edlyneia Aureliano de Amaral	1	—	—
	Nicanor Proenca	1	—	—
	Jeronyma Mesquita	1	—	—
	Jane Roman	1	—	—

Fonte: Jornal do Commercio (1918)

Legenda: F – Frequência